Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23178 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEGUNDA-FEIRA 12 FEVEREIRO 90 60$00

Vital Moreira defende partido pós-comunista

Vital Moreira reconhece que há, em Portugal, uma alternativa de esquerda ao capitalismo: um novo partido neo ou pós-comunista desde que, embora rejeitado o leninismo, se constitua como alternativa à social-democracia no campo da esquerda.

Esta tese, que defende a renovação do actual PCP, foi divulgada durante o debate «A Esquerda e os desafios da Nova Década» que se realizou neste fim-de-semana.

Pág. 9

Vital Moreira: «O novo PCP não deve ser confessional»

António Hespanha: «A Esquerda encontrou, para já, uma referência»

Mota Amaral em entrevista ao DL

O caso Dâmaso situa-se no plano da imagem

Do nosso enviado especial Paulo Martins

O afastamento de Álvaro Dâmaso do Governo Regional dos Açores ficou a dever-se a uma questão de imagem e não de substância, afirmou Mota Amaral em entrevista ao DL.

O líder açoriano sustenta que «nos orgãos próprios do partido é indispensável o diálogo», mas que no Executivo «deve haver noção clara» sobre a linha política e quem a personifica.

Págs. 10 e 11

«Amandla» para Mandela

Do nosso enviado especial Nuno Azevedo

Foi com o grito de "Amandla" (liberdade) que milhares de sul-africanos saudaram, no Cabo, a libertação do líder histórico do ANC. Mandela, que ontem defendeu a continuação da luta armada, mostrou-se hoje mais moderado durante um encontro com jornalistas. Segundo o nosso enviado especial, Nelson Mandela manifestou, esta manhã, a disposição de dialogar com as autoridades, logo que sejam satisfeitas as suas exigências.

Págs. 2, 3, 4 e 13

Bush vai receber Chissano

Do nosso correspondente em Washington Filipe Vieira

O Presidente Joaquim Chissano discutirá com o seu homólogo norte-americano, George Bush, as perspectivas de paz para Moçambique e para a África Austral, durante uma visita que efectua aos Estados Unidos a partir de 12 de Março.

Esta visita de trabalho só é possível porque Washington retirou recentemente Moçambique das listas de países marxistas.

Pág. 16

Jovens CDS contestam o apoio da Igreja ao PSD

Os jovens centristas contestaram, domingo, o alegado apoio da Igreja Católica ao PSD, considerando que o CDS é «o partido que mais a defende». Martim Borges de Freitas, que no congresso foi eleito para suceder a Manuel Monteiro na liderança da organização, defende, como este, uma candidatura de direita a Belém. A JC prepara-se ainda para propor a renovação da «segunda linha» da direcção nacional do partido.

Pág. 8

DL

Arquitectura portuguesa: grande debate em Sintra — *Pág. 27*

PCF: soou a hora da contestação — *Págs. 14 e 15*

O poder local e a corrupção, por Francisco Salgado Zenha — *Pág. 7*

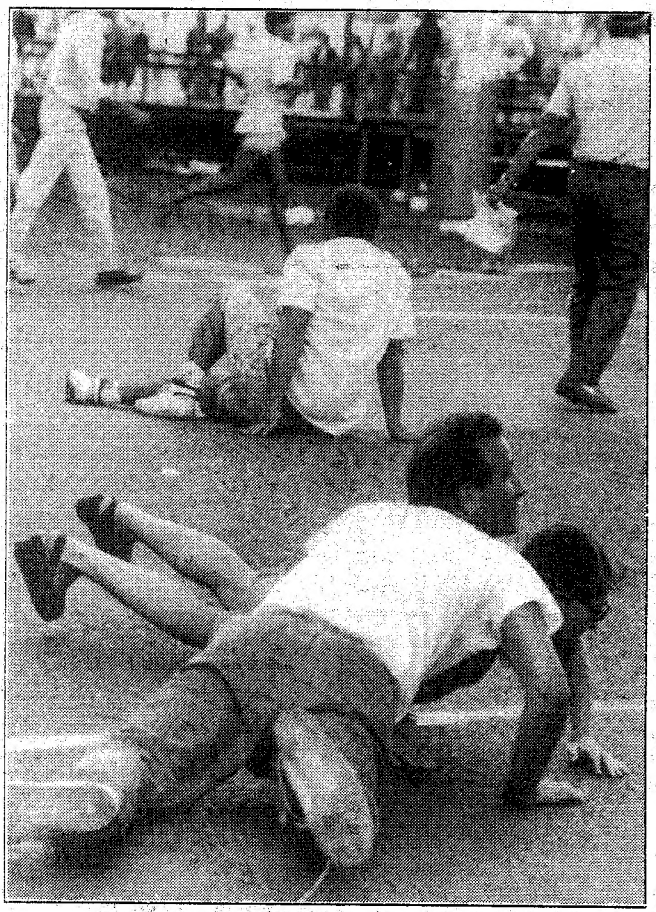
Telegramas: a crónica de Sottomayor Cardia — *Pág. 7*

Grupo de Trabalho/DL analisou o problema da Educação — *Págs. 20 e 21*

Fim da luta armada não é para já, mas o líder histórico do ANC está esperançado na criação de um clima que conduza à paz

GRANDE ANGULAR

Mandela: saída em triunfo



Incidentes entre a polícia e manifestantes

Do nosso enviado especial

"Amandla" (liberdade), gritou Nelson Mandela, "Amandla", respondeu a multidão. "Natla" (poder), voltou a gritar o líder nacionalista. "Natla", respondeu de novo a multidão. Tinha começado, da forma tradicional, o diálogo entre o líder e os seus seguidores. "Amigos, camaradas e campatriotas sul-africanos, saúdo-vos em nome da paz, da democracia e da liberdade para todos", começou por dizer esse homem marcado por 26 anos de prisão.

Nelson Mandela foi libertado ontem, ás 16 e 15, da sua prisão, a 50 quilómetros a norte da Cidade do Cabo. Após uma espera de uma hora, milhares de pessoas assistiram à saída triunfante do mais famoso líder nacionalista africano. Acompanhado da mulher, Winnie, saiu da prisão a pé, podendo assim saudar os milhares de pessoas que calorosamente o aplaudiram.

Durante toda a manhã de ontem, brancos e negros foram chegando à cidade de Paarl (conhecida pelos seus bons vinhos), onde a expectativa era bem visível no comportamento de todos. De Paarl até à prisão de Victor Verster, o ambiente era de grande alegria. Uma barreira instalada pela polícia, a cerca de dois quilómetros da prisão, impedia a circulação de veículos, obrigando manifestantes e jornalistas a uma marcha de vinte minutos sob um calor tórrido.

Entretanto, na Cidade do Cabo, os preparativos para acolher Mandela já não estavam a decorrer da melhor maneira. Os milhares de pessoas, 250 mil segundo os organizadores, que acorreram ao Parade Ground, no centro da cidade, encontraram uma organização muito deficitária. À medida que as pessoas chegavam, iam empurrando para a frente e a barreira que impedia a passagem para a tribuna não tardou a ceder. Uma massa compacta derrubou então a barreira e saltando para o espaço previsto para os jornalistas, só parou quando esmagada contra as paredes do edifício da câmara municipal. Houve dezenas de feridos, entre os quais mulheres e crianças que, tendo desmaiado, não podiam ser transportadas para a retaguarda. Das janelas da câmara, os organizadores apelaram à calma. "Vocês não estão a comportar-se como camaradas. Onde está a disciplina do partido?".

Entretanto as horas passavam e ninguém sabia onde estava Mandela.

Do júbilo à pilhagem

A conferência de Imprensa convocada para as quatro da tarde passou para as sete horas. Cerca das cinco horas a situação parecia estar cada vez mais descontrolada. Na frente, junto à estrada da câmara municipal, as cenas de desespero continuavam. Na retaguarda, a situação degenerou rapidadamente. Alguns manifestantes, aproveitaram-se do júbilo colectivo para partir algumas montras e pilhar as lojas. Embora até esse momento a presença da polícia tivesse sido muito discreta, perante estes assaltos colectivos, as forças da ordem não hesitaram em intervir. Numa primeira fase utilizaram gás lacrimogéneo, mas vendo que as pilhagens continuavam, começaram a disparar balas de borracha.

Manifestantes e jornalistas, apanhados pelo pânico da multidão, corriam em todas as direcções, deixando para trás muitos feridos. As balas de borracha, disparadas na retaguarda, chegavam ao centro da praça, o que causava o pânico, obrigando as pessoas a fugir sem saber ao certo de onde vinham as balas.

Os populares chamavam por Mandela e os organizadores, através dos altifalantes, não conseguiam acalmar os ânimos. Um membro do comité nacional de recepção afirmou-nos que nestas condições era impossível que Mandela falasse aos milhares que o esperavam. Os problemas surgidos foram devidos sobretudo ao

Reacções de júbilo e esperança em todo o Mundo

Soares manifesta «velha admiração»

De repente, ninguém quer voltar as costas à África do Sul. Tatcher e Bush atenuam sanções, Nujoma convida Mandela a assistir aos festejos da independência da Namíbia, Mobutu reúne-se, brevemente, com De Klerk e o presidente do Gabão, Omar Bongo, chegou a apelar a todos os países africanos para estabelecerem relações diplomáticas com a África do Sul. Mas também Soares, a quem o presidente sul-africano telefonou a dar, previamente, a novidade, soube aplicar o exemplo da imparcialidade. De uma assentada convidou Mandela e De Klerk a visitarem o nosso país.

Mário Soares, previamente informado pelo seu homólogo sul-africano desta «histórica decisão» convidou ontem Nelson Mandela e Frederik De Klerk a visitarem Portugal, incitando-os a incluir o nosso país nas próximas viagens que fizerem ao continente europeu.

O presidente português disse a Mandela que será recebido com a admiração e o respeito por todos aqueles que, como ele, sempre lutaram pela defesa dos direitos do homem e pelos direitos de cidadania para com todos os povos africanos. «Neste momento histórico», diz Soares a Mandela, «expresso mais uma vez a minha velha admiração pela sua figura de combatente em prol da dignidade do seu povo». Por intermédio do embaixador português em Pretória Frederik De Klerk receberá, «dentro de dias», uma carta de Soares formalizando um convite para visitar Portugal. Cavaco Silva, que falou em Lisboa com o presidente De Klerk quando ele era ainda ministro da Educação, manifestou a esperança de que esta decisão do Governo da África do Sul possa contribuir para a paz na Árica Austral e para o seu progresso em Angola e Moçambique. «A grande comunidade portuguesa da África do Sul - sublinhou, por outro lado, o primeiro-ministro - deve encarar com esperança a nova fase que se desenha no país». Cavaco Silva que, na CEE, se considera «entre os primeiros-ministros a defenderem a concessão de um tempo de espera para o novo presidente sul-africano», pensa que os Doze devem reconhecer, «na linha da proposta portuguesa em Estrasburgo, que estes passos positivos justificam um certo desanuviamento da CEE em relação à África do Sul».

EUA e Grã Bretanha vão atenuar sanções

A Comissão Europeia (CE), apesar de considerar que o estado de emergência continua a ser um obstáculo para o diálogo necessário entre os diferentes sectores da população sul-africana, congratulou-se com a libertação de Mandela considerando-a «um sinal visível da vontade do presidente De Klerk em conduzir o país a um regime democrático e multiracial».

Por seu lado a primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, já anunciou que vai sugerir aos seus parceiros comunitários o levantamento de algumas sanções contra a África do Sul, como recompensa pela libertação de Mandela. Também os EUA poderão, nas próximas semanas, levantar as sanções económicas impostas ao Governo de Pretória, caso decida levantar o estado de emergência no país, disse, sábado, o subsecretário de Estado norte-americano para os Assuntos Africanos, Herman Cohen. Nos termos de uma lei aprovada em 1986 pelo Congresso dos EUA, o presidente pode suspender ou modificar as sanções se Mandela e outros presos políticos forem libertados e se o Governo de Pretória levantar o estado de emergência e legalizar todos os partidos políticos. É por isso que, segundo fontes oficiais que pediram o anonimato, o Governo norte-americano tenciona atenuar e não levantar totalmente as sanções contra a África do Sul, de modo a pressionar o Governo de Pretória a prosseguir as medidas para acabar com a política de segregação racial.

A ONU manifestou igualmente a esperança, na voz do seu secretário-geral, Javier Perez de Cuellar, de que a libertação de Mandela seja seguida do levantamento do estado de emergência na África do Sul assim como da libertação dos restantes presos políticos e do desmantelamento do sistema do apartheid.

De Klerk com Mobutu e Mandela com Nujoma

Em África o secretário geral da Organização de Unidade Africana (OUA), Salim Ahmed Salim, apelou, em Addis Abeba, para a manutenção das sanções contra a África do Sul, devido ao facto de o apartheid não ter sido ainda desmantelado.

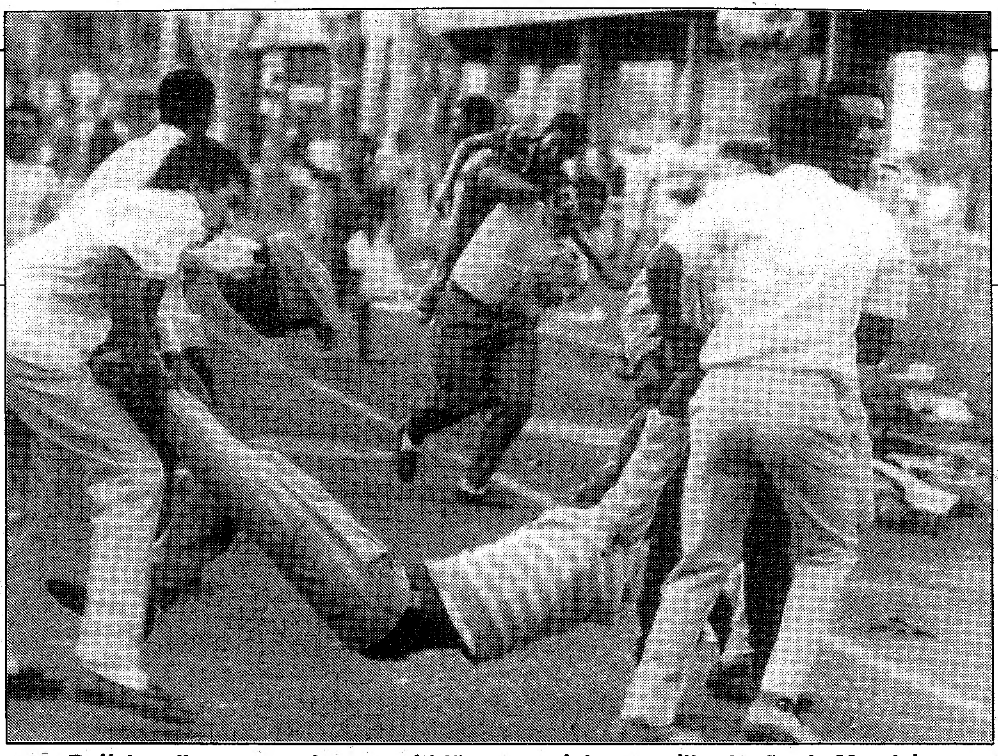
Nelson Mandela: enfim a liberdade

Em Kinshasa fontes oficiais anunciaram que Frederik De Klerk deverá reunir-se brevemente com o seu homólogo zairense, Mobutu Sese Seko, para conversações «tornadas possíveis graças à libertação de Mandela». O presidente do Gabão, Omar Bongo, já apelou a todos os países africanos para que estabeleçam relações diplomáticas com a África do Sul e, na Namíbia, Sam Nujoma convidou Mandela para as celebrações da independência do país, a 21 de Março.

Em Tunes, Yasser Arafat, líder da OLP, saudou a anunciada libertação de Mandela e considerou, em mensagem dirigida ao líder nacionalista negro, que a «luta do povo palestiniano e da África do Sul é a luta comum contra o racismo, o colonialismo e a opressão por uma causa justa: a conquista do direito à autodeterminação».

De Moçambique o presidente Chissano enviou uma mensagem de felicitações a De Klerk na qual manifesta a esperança de que a abertura política do Governo de Pretória se situe no «caminho conducente à democracia para todos os sul-africanos, à estabilidade e à boa vizinhança e cooperação na África Austral». O presidente cabo-verdiano, Aristides Pereira, considerou a libertação de Mandela como uma vitória do ANC e do Governo sul-africano, que, veio desta forma, «a marcar pontos quanto à sua credibilidade e às suas intenções face aos restantes países africanos».

Lusa/Reuter



Polícias disparam sobre a multidão que celebrava a libertação de Mandela

facto de o número de manifestantes ter ultrapassado todas as expectativas. Sentiu-se que a organização não estava à altura dos acontecimentos.

Calma à chegada de Mandela

Já com o sol a esconder-se por detrás dos prédios e um número cada vez maior de manifestantes, os ânimos começaram a acalmar-se. Às sete horas, a conferência de Imprensa ficou de novo para uma hora a definir.

De repente, os altifalantes anunciaram que Mandela ia falar no Ground Parade, que começava a esvaziar-se.

Com o cabelo grisalho, mas impecavelmente vestido, esse herói sul-africano apareceu então à varanda da câmara municipal. Uma bandeira do Partido Comunista cobria-o até à cintura. De braços no ar e rodeado por Walter Sisulo, seu companheiro de cela, Allan Boisack, líder da UDF (Frente Democrática Unida) e sua mulher, Nelson Mandela teve ainda que esperar que a instalação sonora estivesse operacional para falar a todos os que ansiosamente o esperavam.

Depois das saudações a que fizzemos referência, Mandela nomeou um por um todos aqueles que tinham contribuído para a sua libertação. Agradeceu a Oliver Tambo, actual presidente do ANC, a Solomon Mahlangu e Ashley Kriel, ambos da facção armada do ANC, o Umkhoto we Sizwe, Moses Ketano, do Partido Comunista e a muitos outros.

Depois dos agradecimentos, e de ser constantemente interrompido pela multidão, Mandela referiu que iria agora fazer alguns comentários preliminares, deixando para depois de uma reunião com os seus camaradas, uma análise mais pormenorizada da situação.

Prosseguindo o seu discurso, Mandela disse que "o apartheid não tem futuro", acrescentando que o país se encontrava numa situação ingovernável, tanto política como economicamente.

Mandela exprimiu em seguida a sua posição em relação à luta armada. "Ao recorrer à luta armada em 1960, com a formação da Umkhento we Sizwe, nós estávamos a defender-nos da violência do" apartheid". Os factores que nos levaram à luta armada ainda existem hoje. Não temos pois outra alternativa senão continuar".

Ao ouvir esta opinião, a multidão aplaudiu fortemente.

O líder histórico do ANC disse no entanto que tinha esperança que fosse criado um clima que permitisse negociações sem a utilização da violência.

Quanto à manutenção do estado de emergência, Mandela disse que esta situação era inaceitável.

Após apelar à comunidade internacional para que as sanções sejam mantidas até à total eliminação do apartheid, Mandela disse ainda que a paz e a harmonia racial só seriam atingidas numa África do Sul unida, democrática, não racial e baseada num sistema de sufrágio universal.

Nuno Azevedo

A liberdade 27 anos depois

Foram 75 minutos que custaram a passar. Afinal, após 27 anos, e depois de tantas esperanças infundadas, podia ser que ainda alguma coisa pudesse falhar, não obstante o anúncio oficial do presidente De Klerk no dia anterior. A libertação tinha sido prevista para as 15 horas locais (13 de Lisboa). Eram 16.15 e ninguém tinha aparecido à porta da prisão de Victor Verster, perto da Cidade do Cabo.

Foi reconhecido menos pelos seus traços fisionómicos, há mais de vinte anos que não eram publicadas fotografias suas, e mais por vir de mão dada com uma figura que todos sabem quem é, a sua mulher Winnie. Entre centenas de apoiantes e batalhões de jornalistas, o preso mais famoso do mundo, Nelson Mandela, caminhou livremente depois de quase três décadas, sem ter grades ou guardas a detê-lo.

Mais tarde foi altura de ouvir Mandela. No centro da Cidade do Cabo, perante uma multidão calculada em 50 mil pessoas, o líder histórico do ANC discursou em público pela primeira vez em três décadas. «Camaradas e concidadãos sul-africanos, saúdo-vos em nome da paz, da democracia e da liberdade. Estou perante vós não como profeta, mas como um humilde servidor do povo», foram as suas palavras iniciais.

Como que a demonstrar que, mesmo depois da libertação de Mandela, ainda há um longo caminho a percorrer na África do Sul para que brancos e negros possam viver em paz, violentos confrontos entre a polícia de choque e manifestantes atrasaram o comício do líder negro.

Mais tarde, soube-se que havia pelo menos quatro mortos em distúrbios ocorridos na Cidade do Cabo, nas comemorações da libertação de Mandela. Grupos de jovens negros, segundo a polícia, saquearam diversas lojas, tendo sido abatidos a tiro de caçadeira pelas forças da ordem.

A violência foi, aliás, o tema mais polémico do discurso de Mandela. Reafirmando o princípio que serviu de pretexto para que os sucessivos Governos sul-africanos o mantivessem preso - a legitimidade da luta armada no combate ao *apartheid* - o líder histórico do ANC disse que a sua organização tinha sido forçada a adoptar, nos anos 60, uma estratégia de guerrilha, como «uma acção puramente defensiva» e que ora não tem «outra opção a não ser continuar».

Contrastando com esta dureza, Mandela apelou para a concórdia nacional entre brancos e negros numa África do Sul sem *apartheid*, relembrando as palavras pronunciadas no seu julgamento, em 1964, as quais, segundo ele, continuam a ter aplicação.« Hoje, a maioria dos sul-africanos, brancos e negros, reconhecem que o *apartheid* não tem futuro», sublinhou, entre os gritos de alegria dos manifestantes.

De Klerk «íntegro»

De tom conciliatório foi também o elogio ao presidente De Klerk que qualificou como «homem de integridade», ao mesmo tempo que exortava a comunidade branca a «juntar-se aos negros em nome de uma nova África do Sul», dizendo que «o movimento de libertação é uma casa política para vocês também».

Entrando no campo concreto, Mandela ofereceu-se para servir de mediador nas conversações entre o Governo e o ANC sobre uma Constituição pós-*apartheid* que dê direito de voto à maioria negra.

Embora tenha transmitido em directo as imagens da libertação de Mandela, a televisão sul-africana ignorou a manifestação, preferindo divulgar um perfil do líder negro e extractos de uma entrevista por ele concedida à BBC em 1961. Mesmo assim foi a primeira vez que foram mostradas imagens do dirigente do ANC na televisão estatal.

Os distúrbios que precederam a manifestação foram responsáveis pelo cancelamento da conferência de Imprensa que Mandela e outros activistas anti-*apartheid* deveriam conceder na noite passada. Também por razões de segurança, Mandela não seguiu para a sua casa em Joanesburgo, não tendo sido divulgado o local onde passou a sua primeira noite em liberdade depois de 27 anos de encarceramento.

Redacção «DL»/Lusa

RTP também em directo

Estações de televisão de todo o mundo deram em directo a libertação de Nelson Mandela. A cobertura feita pela RTP da libertação do líder do ANC, no Jornal de Domingo, coordenado por António Esteves e Carlos Blanco, constituiu um trabalho prestigiante tanto para a equipa que o produziu como para a própria televisão.

Interrompendo diversos dos seus programas, a RTP, além de outras intervenções do seu enviado especial Mário Crespo, transmitiu em directo via satélite e com a NBC a libertação de Mandela e passagens do comício que se lhe seguiu. Foram utilizados todos os meios técnicos disponíveis para tratamento de imagens e efeitos especiais, embora o pessoal fosse o mesmo.

«O trabalho é que foi mais», comentou ao «DL» um elemento do Jornal de Domingo.

C O M E N T Á R I O

A Coerência de Mandela

Nenhum prisioneiro terá tido libertação mais esperada, ninguém, como ele, terá feito convergir sobre si tantos olhares, ao passar os limites da sua prisão.

Mas, no instante mesmo em que os passava, que sabia o Mundo que o seguia através da televisão sobre o pensamento político de Nelson Mandela?

Deixámo-lo há 26 anos quando, em Rivónia, se declarou disposto a morrer pelos seus ideais. Sabemos que, por eles, foi também capaz de viver, vinte e sete longos anos, sob prisão. Mas há muito que dele só conhecemos o que nos transmitem terceiros: Winnie Mandela, sua mulher, e os dirigentes máximos do regime que o manteve preso: Pieter Botha e De Klerk.

O prisioneiro cuja fotografia foi proibido reproduzir, o *terrorista* defensor da luta armada, transformou-se no interlocutor privilegiado dos presidentes sul-africanos, e a opinião pública mundial foi levada a crer que, porque visitava Botha e De Klerk na Cidade do Cabo, Nelson Mandela era agora o mensageiro da paz, aquele por quem a paz viria.

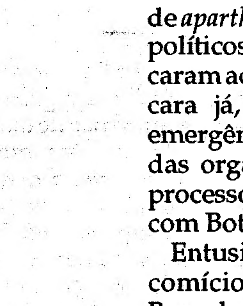
Essa paz, cada lado entendia-a de forma diferente: o ANC, como algo que, permitindo a aplicação da regra «um homem, um voto», passaria automaticamente o poder da minoria branca para a maioria negra; o Partido Nacional, de De Klerk, como algo que, através de uma Constituição que garantisse os «direitos dos grupos», permitiria a manutenção dos privilégios da maioria branca.

Enganaram-se os que julgaram que vinte e sete anos tinham levado o prisioneiro a diminuir as suas exigências: para além da dignidade mostrada ao longo dos anos de prisão, Mandela mostrou, no seu primeiro discurso público, a sua coerência, ao reler as frases que pronunciara no seu julgamento, em Rivónia: "Bati-me contra a supremacia branca e a supremacia negra; defendo um Estado onde todas as pessoas, de todas as raças, vivam em harmonia, com igualdade de oportunidades; por estes princípios dei a minha vida; por estes princípios estou disposto a morrer." Em nome da mesma coerência, apelou ao prosseguimento da luta armada até ao desmantelamento do regime de *apartheid*, e à libertação de todos os presos políticos - o que inclui aqueles que praticaram actos de violência - condição que colocara já, bem como o fim do estado de emergência e as já anunciadas legalização das organizações políticas e suspensão de processos e execuções, nas suas discussões com Botha, em Abril de 89.

Entusiasmaram-se os que o ouviam em comício, franziram-se sobrolhos em Bruxelas.

É que, para pôr fim às sanções económicas contra o regime de Pretória, talvez bastassem à CEE os **Quatro Passos para a Democracia** defendidos pelos homens de negócios sul-africanos: igualdade perante a lei, melhor educação para os negros, extensão da propriedade e desenvolvimento das pequenas empresas negras. Mas o que basta ao Ocidente não é suficiente para os negros sul-africanos que, ao fim de décadas de opressão, pretendem o reconhecimento de todos os seus direitos.

Mandela manteve-se coerente. Numa África do Sul a ferro e fogo, resta agora saber se se manterá vivo.



Diana Andringa

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores,

PORTE PAGO

«I will return!»

O lider histórico do ANC cumpriu a promessa

GRANDE ANGULAR

Mandela acenando à multidão

Cumpriu-se a profecia: Mandela regressou. Essa promessa tinha ele feito em carta dirigida ao povo sul africano («I will return», parafraseando a palavra de ordem do ANC, «Mayebuye Africa», que significa «regressa África»), e lida pela sua filha Zinzi durante um comício realizado no Soweto, a 10 de Fevereiro de 1985, numa altura em que parecia que tudo estava já em mudança.

No entanto, foram necessários mais cinco anos de encarceramento e tantas revoltas, tantos mortos nos aldeamentos negros. Foi preciso o apertar das malhas do desinvestimento e das sanções (muitas delas cosméticas mas suficientemente irritantes para Pretória), a queda de P. W. Botha, o repensar dos equilíbrios mundiais.

Festejou-se tanto o fim da década com o seu cortejo de modificações a Leste. Esqueceu-se, na maioria das vezes, que Mandela entrava na recta final para a sua terceira década na prisão. Quantas décadas de encarceramento são necessárias para que passe uma mensagem de justiça e de paz?

Mas, curiosamente, o local do alívio estará neste momento do lado da população branca da África do Sul. O raio de esperança está finalmente mais perto. É agora possível negociar: é o começo do fim do encarceramento da população branca.

José Craveirinha, um dos maiores poetas moçambicanos, salientava num seu poema que Mandela era o único dirigente negro preso que conseguira manter presos os mais de 4 milhões de brancos sul africanos. Uma revista norte-americana dizia recentemente que ele era o «grande homem invisível da política sul africana». Ambas as afirmações são concludentes e extremamente realistas.

Um ausente imprescindível

Num mundo dominado pela imagem, esse advogado negro que desapareceu há 27 anos por detrás das grades, de quem não se possuía qualquer fotografia recente, que foi proibido de ser nomeado, fotografado, citado ou visitado por outros que não o seu advogado e familiares próximos, conseguiu a imensa proeza de não ter sido esquecido, terminando o seu percurso de prisioneiro, negociando com o actual presidente sul-africano, não a sua libertação (transformada subitamente em questão mesquinha), mas os destinos dos negros, mestiços e brancos da África do Sul. E isto, mais por mérito próprio do que por pressões exteriores que, embora tenham contribuido para o repensar da estratégia de Pretória, não tiveram peso na esolha do interlocutor. Ou seja, o governo sul-africano acabou por reconhecer que o percurso para a paz e estabilização do conflito na África Austral teria que passar por Mandela.

As condições postas são as dele e não as do Poder. E, curiosamente, foram aprovadas logo nos primórdios do ANC, nos inícios da primeira década deste século, confirmadas em Junho de 1955 na famosa «Freedom Charter» e assumidas então pela maioria da comunidade negra. Dela contavam alguns pontos básicos que, fundamentalmente, constituiram o objectivo pelo qual os negros sul africanos lutaram durante todos estes anos: a afirmação de que a «África do Sul pertence a todos aqueles que aí vivem, negros e brancos, e que nenhum governo tem qualquer legitimidade que não se baseie no desejo do povo».

Por esses princípios Mandela declarou-se «pronto a morrer». A pena de prisão perpétua a que foi condenado, com mais sete militantes destacados do ANC, no célebre julgamento de Rivonia, em Junho de 1964 (e agora já libertados incondicionalmente), não mudaram nada no seu percurso. A defesa, assumida por ele próprio, é exemplar. De acusado, ele passava claramente ao papel do acusador: nada havia a esconder, apenas a revelar e a esclarecer. Não fazia mais do que assumir o papel que sempre tinha sido o seu como advogado: a defesa dos direitos da maioria negra e da minoria branca.

Princípios no ANC

Lord Bethel, membro da Câmara dos Lords britânica, visitou Mandela na prisão de Pollsmoor, na Cidade do Cabo, quando na segunda metade da década de oitenta parecia existir, por parte do então presidente Botha, uma abertura em relação à questão do apartheid. Foi, em duas décadas, o único visitante «exterior» que conseguiu chegar a ele e, mais do que isso, registando as suas palavras.

Em artigo publicado num jornal britânico, Lord Bethel contava a sua conversa abordando uma questão que sempre foi dificilmente entendida: a opção de luta armada assumida por Mandela e alguns dos seus companheiros (não necessariamente membros do ANC) quando, em Dezembro de 1961 formaram uma organização destinada a preparar a população negra para responder militarmente àquilo que Mandela qualificava como a crescente violência do regime do apartheid. Era o Umkhonto we Sizwe, em geral considerado como o braço armado do ANC.

No seu manifesto inicial, surgido depois de muitos debates e objecções por parte da própria direcção do ANC, orgulhosa do seu passado de não-violência (que valeu a um dos seus líderes, o Chefe Lutuli, presidente do Congresso Nacional Africano em 1952, o Prémio Nóbel da Paz), a nova organização justificava a iniciativa: «Há momentos, na vida de qualquer nação, em que apenas se apresentam duas alternativas: submeter-se ou lutar. Esse tempo chegou agora à África do Sul. Não nos iremos submeter e não temos outra alternativa senão a de contra-atacar através de todos os meios ao nosso dispor em defesa do nosso povo, do nosso futuro, da nossa liberdade».

Mandela passava assim à clandestinidade, de onde não voltaria a sair. Entretanto viajou por África procurando apoios para a causa dos negros sul-africanos, conheceu os grandes dirigentes das primeiras independências do continente. Teve treino militar, estudou profundamente todos os tipos de guerrilha, desde as teorias de Mao, passando por Che Guevara, e também as práticas israelitas. O descendente directo dos velhos chefes militares negros da África do Sul ocupava o seu posto.

Um dirigente nato

Nelson Rolihlahla Mandela nasceu em Umtata a 18 de Julho de 1918, um dos filhos da família real dos Tembu. Na infância guardou gado e a memória desse período da sua vida é extremamente forte no seu pensamento, no qual existe como que uma reminiscência profunda da família africana no sentido da solidariedade e da responsabilidade do patriarca.

Mas será em Joanesburgo que irá começar a sua carreira. Arrastado para a grande cidade com o *boom* industrial da guerra, inicia a sua educação política ao encontrar, por assim dizer, um dos seus mestres, Walter Sisulu. Mais velho do que ele, autodidata, já na altura passara pelo percurso normal do negro sul africano: mineiro, criado, operário fabril, militante...

E é pela mão de Sisulu (um dos presos agora já libertados) que Mandela entra para o ANC. Na altura cruza-se também com outros históricos do Movimento, entre eles Oliver Tambo. Depois, foi a luta constante, o curso da advocacia, os dois casamentos, a defesa em Tribunal dos direitos dos negros, a militância, a clandestinidade, as sucessivas prisões e, finalmente, a pena possível: a prisão perpétua.

Uma disciplina rigorosa

Mas, que se pode dizer de uma pessoa que passou os seus últimos 27 anos por detrás das grades? Mais uma vez o recurso a Lord Bethel, a quem Mandela descreveu um pouco de como foram as suas décadas de prisão: «Nos primeiros dez anos em Robben Island, as condições eram realmente más. Éramos atacados fisicamente e submetidos a uma perseguição psicológica. Tínhamos que trabalhar das sete da manhã às quatro da tarde com uma hora de intervalo. Vestíamos calções e sandálias, não tínhamos meias ou roupa interior». A partir de 1974 as condições melhoraram muito, tornando-se, nas próprias palavras de Mandela, «satisfatórias».

Na segunda metade da década passada, o horário de Mandela era rigoroso: «Levanto-me todas as manhãs às 3 e 30, faço duas horas de exercício físico. Depois leio e estudo durante o dia. Recebo os jornais sul- africanos assim como o Guardian Weekly e a Time. Temos um rádio na cela, mas apenas com VHF, pelo que, infelizmente, apenas podemos ouvir estações da África do Sul».

Agora, abriu-se nova fase: já todos o reviram. A sua voz correrá rapidamente por esta aldeia global. Mas sob o seu rosto de patriarca, rondarão as perguntas que agora se perfilam: que processo de desmantelamento do apartheid? Que futuro para as tribos, branca e negra? Que possibilidade de convivência?

Guilherme Ismael

Mais noticiário sobre a libertação de Nelson Mandela na Página 13.

Filha de Mandela teme pela vida do pai

A filha mais velha de Nelson Mandela, Madaziwe Mandela Amuah, disse hoje recear pela vida do pai, estando este fora da prisão.

Madaziwe referiu-se a «lunáticos» e «muitas pessoas que não concordam com o meu pai e que farão todo o possível para matá-lo».

O presidente sul-africano foi o primeiro a reconhecer, durante uma conferência de imprensa, que há «toda uma série de pessoas interessadas em atentar contra a vida» do dirigente negro libertado, afirmando, no entanto, que «a responsabilidade do governo pela segurança de Nelson Mandela cessou com a sua libertação».

Isto não impede que a segurança do dirigente do ANC se tenha tornado uma dor de cabeça tanto para os elementos de segurança do seu partido como para a polícia sul-africana.

É A GIOCONDA CONSTITUCIONAL?

O presidente do Grupo Parlamentar do PSD, dr. Montalvão Machado, justificou a recusa do seu partido a deixar passar o dr. Almeida Ribeiro, Provedor de Justiça, a um segundo mandato, como quer o PS.

Declarando, aproximadamente, o presidente do Grupo Parlamentar do PSD:

1) que o PS, insistindo no nome do dr. Almeida Ribeiro, não faz o mínimo esforço para que se cumpram as regras democráticas a que todos devemos obediência;

2) que a teimosia do PS em recandidatar o dr. Almeida Ribeiro é a institucionalização de um poder minoritário sobre uma maioria;

3) que a Constituição não quer esta situação.

Estas afirmações do dr. Montalvão Machado levam uma filosofia.

A filosofia de que não é o PSD que insiste em não deixar passar o dr. Almeida Ribeiro.

É o PS que, insistindo em fazer passr o dr. Almeida Ribeiro, insiste em que o PSD insista em não deixar passar o dr. Almeida Ribeiro.

A filosofia de que não é o PSD que, recusando deixar passar o dr. Almeida Ribeiro, institucionalisza o poder maioritário sobre uma minoria.

É o PS que, insistindo em fazer passar o dr. Almeida Ribeiro, institucionaliza o poder minoritário sobre uma maioria.

A filosofia de que não é apenas o PSD e o dr. Montalvão Machado que não querem aquilo que o PS quer, é também a Constituição que não quer aquilo que, querido embora pelo PS, não é querido pelo dr. Montalvão Machado e pelo PSD.

Ou seja, o PS, querendo o dr. Almeida Ribeiro, quer aquilo que o PSD não quer, aquilo que as regras democráticas não querem, aquilo que o dr. Montalvão Machado não quer e aquilo que a Constituição não quer.

Está o PS na disposição de permitir que se cumpram as regras democráticas?

Não insista no dr. Almeida Ribeiro.

Está o PS na disposição de permitir que não se institucionalize um poder minoritário sobre uma maioria?

Não insista no dr. Almeida Ribeiro.

Com efeito, não é o PSD que não faz um esforço. É o PS que não faz um esforço. O mínimo esforço. Para que se cumpram as regras democráticas.

Que é o mínimo esforço para que se cumpram as regras democráticas?

Pois é não insistir no dr. Almeida Ribeiro.

Que é o esforço?

É esperar por que o PS não insista no dr. Almeida Ribeiro.

O consenso, que é?

É que o PS seja consensual.

O PSD srá consensual se o PS for consensual. Se o PS não for, como manifestamente não está a ser, consensual, que resta ao PSD se não não ser consensual? Para haver consenso, é preciso, no mínimo, que haja consenso a dois. O PSD é o um, o PS é que tem de ser o dois.

A tirania, que é?

É querer o PS o dr. Almeida Ribeiro.

A democracia, que é?

É o direito do PSD de não querer o dr. Almeida Ribeiro.

A Constituição, que quer?

Quer ela expressamente o dr. Almeida Ribeiro?

Onde está escrito, na Constituição, que o Provedor de Justiça tem de ser o dr. Almeida Ribeiro? Ou, se preferirem, onde está, na Constituiução, escrito que o dr. Almeida Ribeiro tem de ser o Provedor de Justiça?

Em parte alguma.

Ou seja, a Constituição não quer expressamente o dr. Almeida Ribeiro.

As regras democráticas: há alguma regra democrática que imponha expressamente o dr. Almeida Ribeiro?

Não há.

Ou seja, as regras democráticas expressamente não o querem. Quererão, talvez, outras coisas, o dr. Almeida Ribeiro não querem.

Razão tem o advogado portuense dr. Montalvão Machado em sugerir que a candidatura do dr. Almeida Ribeiro é o inteiro incumprimento das regras democráticas, é a própria desobediência às regras democráticas, que o PSD não quer. Quanto mais a Constituição.

De resto, não se percebe porque é que o PS faz a teima que faz quando se trata, apenas, de votar onde vai o Ribeiro.

Se antes de Almeida, se depois de Almeida.

Sendo indiferente que antes de um e de outro haja um Ângelo ou haja um Leonardo.

O PSD poderia, talvez, adiantar a seguinte proposta: votar o plenário, separadamente, o Ribeiro e o Almeida. Pelo que o PS votaria, sem dúvida, o Almeida e o Ribeiro. E o PSD, sem dúvida, votaria o Ribeiro e o Almeida. Numa palavra: fazia-se o que o dr. Montalvão Machado disse que a Constituição lhe disse para ele dizer que ela lhe tinha dito, a ele.

E teríamos um Provedor de Justiça capaz, finalmente, de decidir se a Gioconda era uma mulher se era um homem.

Artur Portela

Cartoon de **António Alfredo**

«D. COISO DE SÃO PARLAPITO»

FORUM

CARTAS NA MESA

EM PROL DO TEATRO EM SETÚBAL

Disse recentemente o primeiro-ministro que deve, de futuro, preocupar-se com uma forte «ligação à sociedade, aos seus problemas, e anseios, reforçando o diálogo, no seio e com os portugueses em geral».

Desde muito novo que gosto de Teatro, Cultura e Desporto.

É, pois, com muito respeito e carinho que acompanho sempre quem devotadamente se dedica à Cultura e à nobre Arte de Talma, quase sem os mínimos apoios das mais altas esferas do nosso país.

Desde 1975 que venho a verificar o esforço do TAS – Teatro Animação de Setúbal, em prol da descentralização cultural, apresentando espectáculos de forma contínua, para crianças, jovens e adultos.

Tive conhecimento que a ex-secretária de Estado da Cultura resolveu cortar o subsídio regular a esta companhia, facto que não se tinha verificado desde 1975.

Tive, também, conhecimento que a mesma secretária de Estado tinha aumentado os subsídios às companhias profissionais de Lisboa.

O primeiro-ministro tem repetido inúmeras vezes que a descentralização é uma prioridade do Governo. Penso que há aqui uma contradição.

Julgo, pois, que será da maior urgência corrigir esta situação antes que vejamos os profissionais desta companhia abandonarem Setúbal, passarem a Ponte, para se instalarem em Lisboa, onde a dr.ª Teresa Patrício Gouveia criou condições para se fazer teatro, ignorando o resto do País.

Josué Monteiro
(Leitor de Setúbal)

3999 CARACTERES

Nos meus primeiros tempos de andança nestas coisas dos jornais quando queríamos referir ao companheiro de trabalho ou ao colaborador externo a unidade medida do artigo para compor, dizíamos: escreva aí uns seis ou sete «linguados». Mais tarde, num tempo que para a imprensa portuguesa nem é muito longínquo, a referência era outra: umas quatro a cinco folhas A4.

Presentemente essa medida dá pelo nome de caracteres. Escreva aí uns 3500 caracteres, não mais, o que com todos os acertos possíveis fica por volta dos tais 3999 caracteres. Sabe, diz o jornalista, é que, mais, custa a caber no espaço que tenho e, para além disso, o público não lê.

Com a introdução dos computadores nos jornais, os caracteres tornaram-se assim, quase uma obssessão redactorial. A esta imposição praticamente não escapam nem os diretores, nem os jornalistas «in». A regra ainda vai sofrendo a sua excepção no caso de alguns colaboradores a quem atenciosamente ainda se deixa alguma margem à soma excessiva de caracteres.

Esta é mais uma manifestação dos ditames, que não obstante todas as suas enormes vantagens, a informática impõe em todos os campos onde se infiltra. O seu domínio é avassalador e nós tão pouco ainda percebemos os efeitos da sua repercussão nos mais diversos níveis da nossa vida. Razão têm os franceses e os espanhóis para chamarem ao computador «ordenador». De facto, o computador ao ordenar a forma, estrutura o conteúdo. «Apriosiona» o próprio pensamento. É «ditador» nas redacções.

'A primeira vista, esta medida parece vir ao encontro dos administradores das empresas jornalísticas que sempre tiveram um crónico diferendo com as redacções face ao «excessivo» número de páginas no controlo sobre os gastos de papel. Porém, no actual panorama da imprensa portuguesa, alguma estratégia da competição entre jornais parece passar pelas «toneladas» de papel oferecidas em cada número aos seus leitores.

O grande problema desta «medida» coloca-se exactamente a quem escreve ou a quem através destes tais 3500 caracteres tem de comentar a queda eleitoral do governo, aquele prodígio da ciência, aquela aberração da natureza ou da sociedade, a condenação do Paneira ou a força do futebol e a dos militares, a dádiva da televisão à Igreja ou o retorno do nosso Cardeal aos ecrans.

José Manuel Paquete de Oliveira

Dizer o que se tem a dizer, bem, e em poucas palavras, sempre foi uma arte. A escrita «disciplina» a fala.

Ninguém contesta a justeza das leis do bom estilo jornalístico: sistematização de ideias, clareza e simplicidade de linguagem, fácil mediatização do discurso.

A dificuldade está no manuseamento destas regras, ou seja o outro lado da questão, que é o risco de somarmos rapidamente os 3000 e tal caracteres sem nada ou pouco dizer. Há um efectivo efeito preverso nesta sintetização: As coisas que acontecem no nosso mundo, complexo e complicado, não são simples, ainda que por vezes o escasso número de caracteres do telex que as noticia transmita essa ideia.

Não é coisa simples o «apartheid», a situação política em Bucareste ou na antiga Prússia, a questão dos médicos com a «ex»Beleza, a substituição de Cunhal ou das suas ideias, as Amoreiras e o Taveira, Abecassis e os buracos da, por via disso, «terceiromundista» Lisboa, o fisco dos futebolistas e o papel do major Valentim Loureiro na cena política. Se tudo isso fosse tão simples como às vezes parece no tal reduzido número de caracteres, o nosso mundo seria outro.

A maior dificuldade em cumprir esta regra dos caracteres vem exactamente para os ditos «intelectuais», cada vez mais a escreverem nos jornais, como opinionistas. Para estes mediatizar em tão escasso número de caracteres é deveras difícil.

O jornal é uma aula mas não é a escola. O «estatuto» com que se escreve e a expectativa de que entre os vários leitores estarão alguns dos nossos «interpares» mais dificulta a tarefa. Eu que o diga. Mas agora não digo mais nada. Fica para outra vez pois não disponho de mais caracteres.

O FIM DOS

Somando as declarações dos dois dirigentes principais do mundo de hoje, verificamos que tanto M. Gorbachev como o presidente Bush estão dispostos a alterar o perfil mundial, não só liquidando a guerra fria que — todavia ainda sobrevive nas opções e nas práticas de não poucos burocratas — mas procurando modificar a massa de armas e de soldados que, dos dois lados da Europa, a leste e a oeste, estão ao serviço de políticas hoje definitivamente abaladas.

Ora a verdade é só poder falar-se de fim de guerra fria, quando tiverem sido completamente modificadas as bases militares que têm estado ao serviço das políticas agressivas que têm sido o pão nosso de cada dia pelo menos a partir de 1936: quer dizer, para nós, a partir da guerra civil espanhola. Convém talvez acrescentar, por se tratar de um elemento pouco referido, que a modernização do «nosso» exército se efectuou nos primeiros meses de 1936, graças à parelha Oliveira Salazar (ministro da Guerra) e Santos Costa (capitão e subsecretário de Estado).

Digamos as coisas de outra maneira: a guerra fria permitiu construir a lógica das guerras periféricas, destinadas umas a alargar a base socialista do mundo, e as outras a combater precisamente as mesmíssimas bases socialistas. A guerra do Vietname, por exemplo, só pode ser explicada em função dessas opções, que provocaram alguns milhões de mortos e criaram, nos Estados Unidos, um síndroma de ma- estar que está longe de ter acabado, mal-grado a multiplicação de filmes que procuram desmontar o mecanismo da perversão militar.

Os soviéticos, como não queriam ficar atrás dos americanos, não hesitaram em invadir o Afeganistão, aparentemente sem razão válida, quando na verdade o que eles pretendiam conter era a vaga integrista que está hoje em vias de abalar as nacionalidades asiáticas muçulmanas. Mas neste caso como no primeiro, o abalo social foi profundo e os amputados que, carregados de medalhas, mantêm viva a lembrança desse erro soviético, provam que se não pode confiar aos militares nem a gestão da paz, e menos ainda a gestão da guerra: confundem eles as estratégias e os homens. Erro crasso, de que há não poucos exemplos entre nós.

Nessas condições compreende-se perfeitamente que os dois Estados estejam de acordo para liquidar as guerras ditas regionais, tanto mais que já se pode verificar que a democracia é sempre mais barata no que diz respeito à produção de lucros.

Quando o que está em causa, como se pode verificar na União Soviética, é a produção e a distribuição das «coisas», os militares não servem para coisa alguma, e constituem até um sério obstáculo à modernização dos bens correntes. Um tanque, que enferruja depressa, representa alguns automóveis que podem representar o prazer e a alegria dos honestíssimos quadros que asseguram a gestão do país.

Assiste-se por isso a um reforço constante das propostas lançadas pelos dois homens de Estado, e alimentadas quase sempre pelos soviéticos, aparentemente empenhadíssimos em eliminar o abcesso representado pelo complexo industrial organizado pelos militares. Embora o presidente Bush não tenha nunca ficado atrás: se o secretário-geral do Partido Comunista da URSS tinha proposto uma severa redução das forças militares, tanto a Leste como a Oeste, o presidente Bush acaba de replicar de maneira perturbadora: pela primeira vez essas forças baixarão a menos de 200 000 homens. Já se pode ouvir o barulho dos reactores dos aviões americanos que vão levar para casa milhares e milhares dos *g'men* que cumpriam na Europa uma missão perfeitamente arcaica.

Tudo isto parece abalar profundamente os militares, treinados para as guerras que não travam. Assim o ministro da Defesa francês, o socialista (?) Jean Pierre Chevènement, proclama *urbi e orbi* que os projectos militares franceses não conhecerão a menor modificação, seja nas verbas, seja nos armamentos. O carácter arcaico desta argumentação é transparente, mas traduz ela o receio dos militares face à renúncia francesa a todo e qualquer espírito bélico: pode ainda haver violência urbana, mas deixou de existir o impulso que fazia dos homens não só os adversários, mas sobretudo os inimigos, dos vizinhos.

Confirmando esta maneira arcaica de ver, apareceu também o projecto de modificar a orientação geral da NATO, cuja função se perde, tal como se esvaiu já a função do Tratado de Varsóvia, uma vez que desapareceram os projectos e os interesses comuns das nações de Leste, cada vez menos socialistas e cada vez mais interessadas em satisfazer as necessidades urgentíssimas das populações. Os militares estão em via de elaborar um contraprojecto, para transformar a NATO numa organização essencialmente política.

Trata-se, na verdade, de uma operação que não elimina as ambiguidades, muito pelo contrário, uma vez que os projectos políticos pertencem naturalmente aos homens que, por delegação, receberam o encargo de assegurar a gestão dos diferentes países e organizações europeus. Será que a NATO pretende duplicar as instâncias da CEE, ou estaremos perante um projecto mais pérfido, procurando os militares assegurar, por via desta trans-

FORUM

O PODER LOCAL E A CORRUPÇÃO

Churchill disse que a democracia não é o melhor dos regimes mas o menos mau deles. Isto vem a propósito do Poder Local que recentemente tem sido analisado do ponto de vista da corrupção. Que o Poder Local democrático constitui uma grande vitória do 25 de Abril é um facto indiscutível. Mas querer negar que nesse lago de beleza há manchas de corrupção é o mesmo que negar a evidência. Não interessa aqui averiguar se os males vêm mais dos autarcas se dos funcionários autárquicos. O problema poderá equacionar-se de modo mais simples. Como em tudo na vida, há autarcas e funcionários autárquicos bons, regulares e maus. O simples voto popular não altera esta verdade. Um ponto há que notar: a grande abstenção nas eleições locais, que está próxima dos 50%, o que traduz uma certa descrença nas virtudes da democracia local. Multiplicar as incriminações, para quê? Observemos em primeiro lugar que, de modo geral, a corrupção está ligada à especulação imobiliária. Os preceitos legais que regulam as construções urbanas, a defesa dos bens do domínio público e dos solos férteis bem como os planos de urbanização são violados frequentemente. Por vezes, claro, sem fumos de corrupção. Pela negligência e pela anarquia mansa tão do jeito de alguns. Noutros, a coisa brada aos céus. Encontramos entre nós ruas com prédios às escadinhas em que se dá em andares a uns o que se nega a outros. Alguém quer vender um terreno e não pode construir senão com uma certa dimensão, em consequência do plano de urbanização. Esse alguém vende-o e pouco tempo depois a câmara autoriza a construção de um prédio com um volume muito superior. É não só o fumo da corrupção que de lá se exala como a desigualdade dos cidadãos perante a lei que antidemocraticamente é turiferada.

Já Francisco Sá Carneiro se insurgiu contra a disposição que proíbe grupos de cidadãos concorrentes às eleições municipais. Mas esse aborto antidemocrático lá continua para gáudio dos partidos políticos que, mesmo que sabedores de fenómenos de corrupção que se verifiquem no seu seio, não estarão dispostos naturalmente a revelá-los. E se partidos diferentes os atacam, a honra da firma obriga-os a defender o indefensável.

Os bens do domínio público e os espaços verdes têm estado a saque perante a indiferença de entidades públicas de quem seria legítimo esperar uma atitude diferente. Há leis que se fossem cumpridas poderiam diminuir este deplorável estado de coisas. Refiro-me ao normativo que impõe a transparência da vida financeira dos partidos e à disposição constitucional introduzida na última revisão que consagrou o direito dos cidadãos a uma «administração aberta». As finanças dos partidos continuam, porém, tão opacas como dantes e a administração está tão fechada como sempre. Julgo que é tempo de se constituir uma comissão dotada de autonomia partidária e constituída por especialistas conhecidos pelo seu empenho na defesa do ambiente e da qualidade de vida como Gonçalo Ribeiro Teles e por personalidades de grande autoridade moral e independência como o procurador-geral da República, o provedor de Justiça e o alto-comissário contra a corrupção cuja missão seria a de fazer o diagnóstico da situação e propor as medidas preventivas para que as coisas melhorem. Para que haja em Portugal ar puro nas ruas e nos corações! Não queremos processos penais! Queremos processos de limpeza moral e igualdade democrática. A sociedade civil é a sociedade dos cidadãos. É essa a democracia que nós queremos. Uma democracia civil e não uma partidocracia. Todos nós sabemos que os partidos são necessários. Mas não há democracia verdadeira senão em função dos cidadãos. E de Portugal, visto que de Portugal se trata!

Francisco Salgado Zenha

TELEGRAMAS

MONUMENTO

Foi tocante ter sido erigido um monumento à efémera glória. Justíssima iniciativa, já que tantos nos temos por ela sacrificado em todos os tempos e lugares. Cumpre agora erguer um outro: o monumento ao situacionismo. Aos que lisonjeiam poderosos depois de os terem denegrido quando ainda permaneciam na mó de baixo. Aos que agridem os fracos que tinham incensado ou aplaudido quando ainda estavam na mó de cima. Quantas noites de insónia necessárias para seguir as modas! Quanta coragem exigida para sufocar a consciência! Quanta força de ânimo requerida para perpetrar uma iniquidade! E tudo para quê? Para ascender à glória? Não. Apenas para baixar ao proveito. Para sacrifício efémero a uma carga de trabalhos? Não. Bem pior. Para definitiva e devotada entrega a trabalho de carga. «Andei vinte e sete anos de cabeça baixa» - confidenciava-me um que, de servo, já conseguira passar a senhor lá na oficina que, por adquirida curvatura, se foi mantendo sempre servil aos senhores externos da sobredita oficina. E por aí o vemos: senhor dos seus servos, servo dos seus senhores. Quem, por mais empedernido e moralista, é cruel bastante para lhes recusar a homenagem de um monumento, mesmo impessoal?

Sottomayor Cardia

MILITARES?

formação, uma participação na gestão do processo político? Seja num caso, seja no outro, verifica-se que é sempre difícil reduzir a auto-suficiência dos militares, que não podem conceber nem o fim da guerra fria, que lhes deu tantas benesses, em promoções, missões, salários e condecorações, nem o fim dos militares como árbitros preferenciais, quando não únicos, dos eventuais diferendos internacionais.

Sei muito bem que as sociedades não são um lugar harmónico, e que não há grupo sem conflito, seja ele a família, seja ele o Estado. Mas os conflitos podem ser regularizados sem haver necessidade de recorrer ao arsenal pesado que os militares, de acordo com os sábios e sobretudo com os políticos antropofágicos, foram acumulando pondo em perigo a sobrevivência da nossa humanidade. Bem sei que não poucos nos incomodaram com o zumbido nefasto do equilíbrio conseguido ou imposto pelo *terror*. Não deixa de ser curioso verificar que os teóricos que condenam o recurso ao «terrorismo», são exactamente os mesmos que não hesitam em construir a teoria do terror, como única maneira de gerir as relações entre as nações e os homens.

Não quero que pensem que a minha visão é pura e simplesmente beata: a multiplicação dos encontros entre os homens políticos, a livre circulação dos homens e das mercadorias, a redução contínua das desigualdades, são infinitamente mais úteis do que as ameaças militares.

Num país como o nosso, que teve a pouca sorte de ser constantemente gerido por militares a partir do século XIX, a redução da importância sociopolítica dos militares é fundamental, para podermos enfim transitar para a sociedade civil que devia ter sido sempre a nossa. Há ainda demasiadas armas e demasiados militares enferrujados.

A Europa encaminha-se pouco a pouco para uma solução que me não parece inteiramente satisfatória, porque privilegia excessivamente as trocas económicas. Não são poucas as vozes que denunciam esta opção para sublinhar que a economia não pode autorizar a construção da grande unidade cultural europeia. Mas não foram os gregos que nos explicaram que a mercadoria carrega sempre consigo um elemento espiritual? Ou seja, nunca há mercadoria pura, porque a sua intervenção nas sociedades provoca reacções de todas as naturezas, que só podem ser geridas pela via da cultura. Comunicar a mercadoria, implica a construção de outras formas de comunicação.

Pertenço a uma geração que foi largamente vítima das formas de controlo policial e militar e, não tendo cumprido serviço militar, passei a vida a carregar com um documento obsoleto destinado a provar que tinha pago a famosa «taxa militar». A associação tão apertada entre o militar e o económico, servia para provar que o Estado não podia nunca renunciar ao «preço do sangue», embora a «taxa militar» não fosse muito cara. Era em todo o caso preferível ao serviço militar, que sempre me pareceu uma horrível perda de tempo.

Sobretudo os militares e as forças militarizadas criaram entre nós uma mentalidade de País ocupado, que ainda se mantém no comportamento dos agentes que, nas nossas fronteiras, controlam os passaportes ou os bilhetes de identidade: sempre minuciosos, quer dizer mesquinhos, lendo e relendo, quando nas demais fronteiras já se passa quase sem documentos. Velho reflexo da «ordem» militar e policial que serve simplesmente para mostrar que a liquidação do espírito militar será mais lenta do que a dissolução dos exércitos. Mas há tudo a esperar de um mundo enfim liberto desta hipoteca, que só pode servir para transformar as querelas em conflitos.

Alfredo Margarido

Creio que se deve atribuir ao diálogo Gorbachev-Bush mais esta qualidade: a de provocar a redução das forças clássicas militares, de tal modo que o mundo possa libertar-se desta mecânica do «terror» que os Estados tinham decidido alimentar à custa de sacrifícios orçamentais. Quero pensar que o destino futuro dos militares há-de parecer-se muito com a guarda suíça do Vaticano: decididamente espectacular e arcaica, para mostrar às crianças das escolas o perfil dos militares de antigamente, quando ainda havia homens que só pensavam em inventar guerras, para poderem mostrar quão heróicos eram ao lançar milhões de homens uns contra os outros.

Menos homens em armas, quer dizer mais homens em fatos normais e a liquidação dos corpos militares — em todos os sentidos da expressão — só pode contribuir para a expansão da sociedade civil. O que caracteriza precisamente a harmonia das sociedades é a ausência dos conflitos que exigem intervenções armadas, mesmo as das polícias que, entre nós, conservam ou exacerbam os resquícios do treino militar, não hesitando em disparar e em matar por dá cá aquela palha. Daí que a liquidação paulatina mais inevitável dos militares constitua uma das consequências mais felizes das novas relações entre os americanos e os soviéticos.

Arnaut: projecto do PS igual ao de Leonor Beleza

O autor da lei sobre o SNS diz que o posicionamento do seu partido sobre a matéria é igual ao dos sociais-democratas

António Arnaut aconselha Correia Campos a introduzir «profundas alterações» no anteprojecto do PS sobre a Lei de Bases Gerais da Saúde

O anteprojecto da Lei de Bases da Saúde do Partido Socialista «está ao arrepio de todo os princípios e valores do partido» , disse António Arnaut em Coimbra, a propósito de um dos assuntos que promete «aquecer» os trabalhos parlamentares.

O autor da Lei do Serviço Nacional de Saúde que o Governo pretende revogar e que o PS considera inconstitucional, apresentando outro, afirmou que «este anteprojecto é tão idêntico ao de Leonor Beleza que me interrogo onde é que estão as diferenças entre o PSD e o Partido Socialista».

O antigo ministro da Saúde, que nessa condição lançou em 1979 o SNS, frisou que «não chamaria àquele anteprojecto o projecto do Partido Socialista, apenas o do camarada Correia Campos».

Arnaut manifestou a sua discordância em relação às linhas gerais do documento que o PS submeteu a debate, acreditando na introdução de «profundas alterações» para que possa ser um aposição de fundo do Partido Socialista e para que não se confundam os projectos do PS e do PSD. «Os dois projectos têm uma raiz comum», salientou António Arnaut, citando um estudo mandado elaborar pelo também ex-ministro socialista Saúde, Maldonado Gonelha.

O delegado do PS para a Saúde, Correia Campos, considera que o anteprojecto em apreciação em Coimbra, no passado fim-de-semana, distingue e clarifica sector público e sector privado. «O serviço privado de saúde tem de dispor de recursos próprios e não estar à espreita para entrar nas frinchas do serviço público», disse.

A clarificação de distinção entre sectores público e privado é importante, tendo levado Correia Campos a concluir que este, absorvendo actualmente 17 por cento das consultas de clínica geral e 44 por cento das de especialidade, «só sobrevive parasitário do sector público».

A criação de um Provedor para a Saúde, como propõe o próprio texto do PS, foi defendida por Correia Campos, que também salientou o facto de os prestadores do serviço privado receberem do Estado o ordenado principal da sua actividade e do sector privado uma remuneração adicional. Segundo ele, ao Provedor caberia «um papel de tratamento e encaminhamento das queixas e com poder de emitir uma opinião independente».

Sampaio em Berlim: Duas propostas

O líder socialista Jorge Sampaio fez duas propostas ao Congresso da União dos Partidos Socialistas e Sociais-Democratas que decorreu no Reichstag, em Berlim: que a União promova a curto prazo uma conferência europeia da juventude e uma outra, sobre o ambiente.

O secretário-geral do PS orientou a sua intervenção no congresso em vários sentidos, mas privilegiou o relacionamento da CEE com os países do Centro e do Leste europeu, por um lado, e com a FEFTA, por outro. «A Comunidade Europeia pode e deve funcionar como polo estruturante de uma arquitectura europeia plural», disse Sampaio aos congressistas socialistas europeus, que têm de «contribuir decisivamente para que os Doze encontrem respostas adequadas à democratização dos países do Leste e do centro europeu», acrescentou.

Jorge Sampaio observou, no entanto, que a Comunidade deve tratar de «um modo diferente o que à partida se apresenta como radicalmente diferente», tendo em conta, em primeiro lugar, a revolução democrática em curso na RDA.

Nesse sentido, é importante saber «compatibilizar - acentuou - o processo de unidade alemã com a prioridade ao reforço comunitário».

De acordo com o líder socialista português, nenhum Estado europeu, a Ocidente ou a Leste da RFA ou da RDA, deverá ter razões para «se sentir ameaçado pelo desenvolvimento da unidade alemã».

Lusa/DL

BREVES

«General-sem-medo» precursor de Abril

O general Humberto Delgado foi «um percursor do 25 de Abril», e um «exemplo para todos os militares» disse José Magalhães Godinho nas cerimónias de homenagem ao «General-sem-medo», realizadas domingo, no Cemitério dos Prazeres. Participaram, entre outros, Mário Tomé, Carlos Marques e Filipe La Féria, da União dos Resistentes Antifascistas Protugueses. Alcina Bastos, também membro da URAP, recordou a decisão unânime da Assembleia da República de translardar os restos mortais de Delgado para o Panteão Nacional, lamentou que ainda se não tenha concretizado e anunciou que aguarda uma audiência com Pedro Santana Lopes, com quem vai debater tal questão.

Televisão privada chega ao Parlamento

A proposta de lei sobre televisão privada será hoje entregue na Assembleia da República, disse à Lusa Carlos Encarnação, líder parlamentar do PSD. Por seu turno António Guterres, do PS escusou-se a fazer comentários sobre tal documento, alegando ainda não o conhecer em detalhe e apenas lamentou que o partido do Governo tenha «esperado oito meses para elaborar uma proposta de interesse para todo o País».

Filipe Menezes critica Carlos Brito

O novo presidente da comissão política distrital do PSD do Porto, Luís Filipe Menezes, disse que Carlos Brito «foi um mau candidato social-democrata» à Câmara. Em sua opinião, o PSD poderia ter ganho se tivessem «um candidato mais jovem» uma vez que, disse em entrevista à Rádio Renascença, «parte do eleitorado que votou PS é estruturalmente social-democrata». Estas críticas do novo líder da distrital do Porto do PSD ao candidato derrotado e actual ministro da Defesa ganham mais significado sabendo-se que ele chegou a ser apontado como candidato à presidência do município.

PSD elege delegados

Termina sexta-feira o prazo de eleição dos 650 delegados das secções e autarquias ao congresso do PSD, que se realiza no início de Abril. Os números variam muito por distrito, com um máximo no Porto, Lisboa e Leiria (82, 74, e 45, respectivamente). Além dos delegados eleitos participam no congresso 60 membros da JSD, outros tantos representantes dos Trabalhadores Sociais-Democratas e, por inerência, os elementos dos conselhos nacional e de jurisdição, do grupo parlamentar, e os deputados do Parlamento Europeu, num total de 1150 pessoas.

Juventude Centrista contesta a Igreja Católica

A organização juvenil do CDS quer que o partido apresente um candidato próprio contra Mário Soares

Martim Borges de Freitas é o novo líder da Juventude Centrista, manifestando o desejo de que a direcção nacional do CDS - em especial as segundas figuras - se renove ao nível das estruturas locais e nacionais.

O Congresso da Juventude Centrista ficou assinalado, contudo, por um ataque em forma de Manuel Monteiro à Igreja, um alerta para a apresentação de uma candidatura de direita a Belém e pela fusão das duas moções em confronto.

A intervenção de despedida de Manuel Monteiro da presidência da organização júnior dos centristas ficou assinalada por um ataque em força à Igreja Católica, alegadamente por esta estar a apoiar o PSD. A fusão das duas moções é vital à renovação do CDS, já com data marcada: no congresso de 16 a 18 de Março. Manuel Monteiro, que defende a apresentação por parte do CDS de um candidato próprio a Belém (é igual a posição do seu sucessor na liderança da JC), acusou a Igreja Católica de estar ao lado dos social-democratas. Foi na discussão do novo programa da Juventude Centrsita e em torno da sua abertura à despenalização do aborto, que o anterior líder da organização juvenil fez tal acusação.

Nervosismo na abertura

Note-se que Manuel Monteiro foi um dos deputados centristas que votaram contra o «pacote» em defesa da mulher, proposto por Zita Seabra, então ainda deputada do PCP.

Numa intervenção de despedida da liderança da Juventude Centrista acerca do novo programa da JC, que prevê uma ligeira abertura à despenalização do aborto, Monteiro denunciou a igreja católica pelo apoio que estará a prestar ao PSD em detrimento do CDS, que considerou como o partido que «mais defende a igreja católica e os valores que esta consubstancia».

O exemplo mais recente da falta deste apoio ao CDS foi equacionado por Manuel Monteiro nestes precisos termos: «A hierarquia católica anda pegada ao PSD, esquece o CDS, quando não o ataca, e ainda agora, no caso do aumento da renda das instalações da sede, provou como actua e quais são os valores que verdadeiramente preserva e por que se bate».

O congresso da Juventude Centrista decorreu em Lisboa sob o signo do nervosismo, pelo menos na sessão de sábado, segundo foi noticiado

Nervosismo que quase ia levando à chamada de «forças da ordem» para impor calma na sala do hotel onde decorreu o congresso - por via de dezoito delegados de Loures e da Amadora apoiantes de Telmo Correia, que a parte contrária não queria admitir -, e também quando se discutiram as duas moções em confronto, tendo Martim Borges Freitas votado contra a abertura da JC à despenalização do aborto.

Apesar disso, a proposta foi aprovada. Ao contrário, o seu adversário à liderança da organização,Telmo Correia, votou a favor dessa alteração.

Freitas mandou mensagem

Por fim, passada a «tempestade», tudo se recompôs: as moções foram fundidas e tudo acabou em bem. ComMartim Borges de Freitas como vencedor e a certeza de que «O futuro passa por aqui», título de uma das moções. Propõe a renovação da própria JC, considerada primeiro passo para a renovação do CDS. «Quando algo vai mal no partido a que pertencemos, cabe-nos a nós assumir o papel de consciência crítica», disse Borges de Freitas.

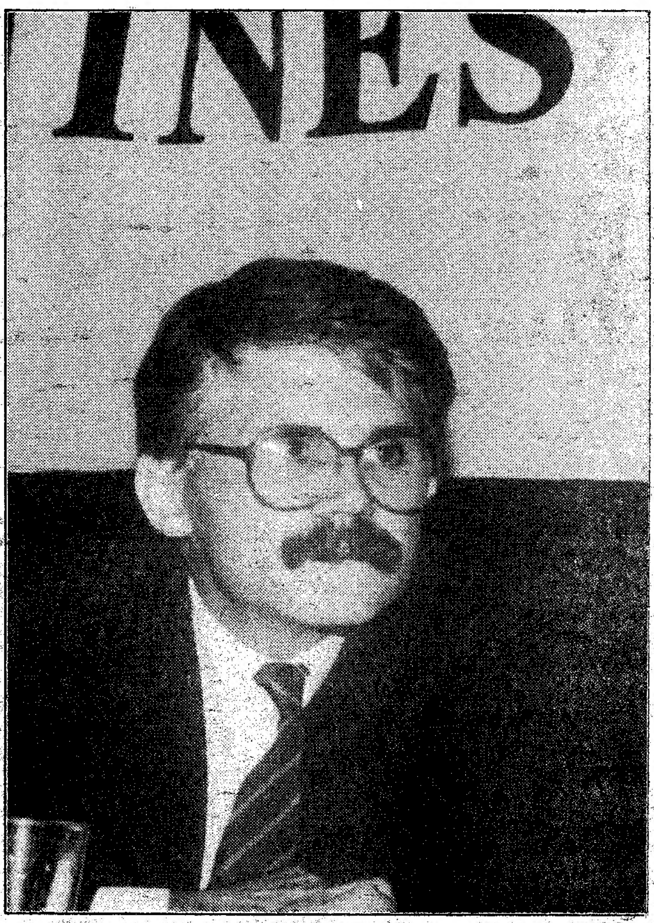
O combate à JSD foi salientado pelo novo presidente da JC, segundo o qual «seremos uma equipa que não baixará os braços, temos de demonstrar que somos completamente diferentes e melhores». Martim Freitas aproveitou a presença do embaixador da China na sala para lhe dizer que a JC ainda se lembra de Tiananmen e que, «agora como antes, está ao lado dos estudantes chineses».

Freitas do Amaral não pôde estar na sessão de encerramento, mas enviou uma mensagem na qual afirma que «a hora do partido está quase próxima» e exalta o trabalho realizado pela direcção cessante.

J.R.

Vital Moreira propõe novo Partido Comunista

Assembleia constituinte do INES definitivamente marcada para 3 de Março. Possível apresentação de lista agrupando as várias sensibilidades



Vital Moreira: uma comunicação que Francisco Louçã admitiu tratar-se de uma proposta para um «novo PCP»...

Marx não era marxista? É possível fazer política à sombra de uma teoria ou será preferível fazê-la na base de um projecto ou de uma proposta? Estas duas interrogações foram colocadas por António Hespanha a um auditório pleno, no Instituto Franco-Português, depois de Vital Moreira ter monopolizado as atenções em torno do debate - segunda iniciativa pública do INES - «A Esquerda e os Desafios da Nova Década».

Muita gente conhecida da cultura e da política, neste painel de reflexão: Armando Bacelar (antigo ministro da Saúde de um dos Governos PS), Vítor Louro e Zita Seabra, do «Grupo dos Seis», José Miguel Judas e Manuel Lopes, da CGTP/IN (presentes por iniciativa individual), Fernando Piteira Santos (antigo director adjunto do «Diário de Lisboa»), Helena Cidade Moura, António Reis (PS), entre outros.

Uma revelação feminina que com simplicidade magnética pôs várias questões à mesa e desapareceu como apareceu (à laia de relâmpago), Emília Cerqueira. Muita teoria, uma grande dose de utopia, e Vital Moreira e Francisco Louçã animando um debate extremamente vivo, com António Hespanha a imprimir-lhe uma bem aceite carga de ironia.

Em fim de contas, a tentativa de sintetizar o debate na proposta de um novo PCP por parte de Vital Moreira, como forma fácil de caracterizar a situação, foi bem acolhida por este, uma vez que foi disso mesmo que se tratou: do lançamento de pistas, ideias e sugestões para a renovação do PCP. Um novo PCP, sem dúvida. E como?

Vital Moreira expôs o seu ponto de vista numa curta declaração ao «DL»: «O terramoto do Leste significa o fim do paradigma tradicional do comunismo como realização do socialismo e põe em causa todo o modelo clássico dos partidos comunistas, no Leste e no Ocidente».

Mas o fim do comunismo clássico não permite ao capitalismo descansar em paz: a luta contra ele passa a ter outra dimensão, pois o termo ou falência dos partidos comunistas abre caminho a uma alternativa de esquerda ao capitalismo. «É possível um novo partido comunista, neocomunista ou pós-comunista», disse Vital Moreira ao «Diário de Lisboa. Com uma condição, acrescentou: que, «embora rejeitado o leninismo, se constitua como alternativa à social-democracia no campo da esquerda».

No debate mantido com os participantes na sessão, Vital Moreira sublinhou não ser necessário constituir outro Partido Comunista, mas renovar o que existe. Foi nesse sentido que sábado apresentou em Lisboa um escrito que poderá ficar histórico, intitulado «Conjunto de Teses para um Novo Paradigma do Comunismo», no qual afirma de modo peremptório que não pretende outro partido, mas realça o «desafio que se colocou ao PCP».

Na proposta feita, Vital Moreira sublinha que «o comunismo tradicional acabou», restando saber se é possível o neocomunismo, não havendo, por exemplo, um «branqueamento» do capitalismo, e não deixando a alternativa à social-democracia.

Manuel Gusmão não compareceu

«O novo PCP não deve ser confessional nem tributário do centralismo democrático, e deve renovar o compromisso com o conceito de revolução», disse ainda o antigo juiz do Tribunal Constitucional durante o debate de sábado, que foi moderado por Miguel Portas e em que participaram também, como convidados do INES, António Hespanha, Francisco Louçã e Joaquim Mestre, faltando Boaventura Sousa Santos. Convidado foi também Manuel Gusmão, do Comité Central do PCP, que recusou.

Para António Hespanha, que não gosta que se considere a intervenção do INES e dos seus membros como um novo «estilo» («porque isso tem muito de Marie-Claire», disse, e por isso ouviu muitos aplusos), «fechou-se uma época, o que não significa que se tenha aberto outra, mas a esquerda encontrou, para já, uma referência», sublinhou.

O projecto de estatutos do INES prevê a criação de três órgãos dirigentes: assembleia geral e mesa, executivo (entre sete e onze dirigentes) e conselho geral (este alargado a 50-60 elementos, com a incumbência de fiscalizar a direcção e intervenção na linhas estratégicas mais gerais).

Júlio Rodrigues

Miguel Portas moderou o debate animado por Vital Moreira, António Hespanha, Francisco Louçã e Joaquim Mestre

A assistência participou activamente no debate «A Esquerda e os Desafios da Nova Década», questionando em especial Vital Moreira, como o próprio reconheceu

A ideia partiu de Saramago

INES apenas pretendia publicar uma revista...

O INES é o que é por obra dos comunistas ortodoxos da linha dura, de Álvaro Cunhal e seus pares. «Campo Grande» podia ser, hoje, o nome da revista que alguns comunistas pretendiam lançar para o debate que não era possível dentro do partido. A ideia foi de José Saramago, por isso lhe chamam «o padrinho». Da viagem curta que o « DL» fez ao Instituto de Estudos Sociais - designação que apareceu no Verão do ano passado -, ressaltam as motivações que em Janeiro de 1989 levaram alguns comunistas a procurarem um local de discusão mais alargado.

O grande salto do INES foi dado em Novembro do ano passado, quando o «grupo dos 24» há muito esgrimia em Almada contra a linha dominante no seio do PCP, o «grupo dos seis» estava também há muito ao ataque e o número de «críticos» se adensava dentro do partido, alargado ao bastião comunista no movimento sindical. O ano de 1989 lançou definitivamente o INES que, já no próximo dia 3, deverá em assembleia aprovar os seus estutos e corpos gerentes.

Já vai em mil aderentes

O INES existe fundamentalmente no âmbito da discussão do PCP, a sua origem é comunista, mas o alargamento das adesões saiu para além do próprio «grupo de comunistas» que o lançou durante o ano de 1989. Hoje são muitos os independentes, ex-militantes do PCP, socialistas, figuras do MDP/CDE e do PSR, que a ele aderiram.

«Dos cerca de mil aderentes que lhe dão vida - disse Raimundo Narciso ao «Diário de Lisboa» - a maioria são comunistas ou aparentados, mas começa a alargar-se o leque de não comunistas.

Nesta base, não corresponde à realidade nem tem razão de ser, por não ser verdade, falar-se do INES reduzindo-o a um grupo crítico do PCP».

Intervenção fora dos partidos

O objectivo INES não é, como também alguns dirigentes do PCP pretendem, renovar o PCP. «Isso constituiria um perigo para o seu futuro, para o seu êxito no futuro», disseram-nos sábado responsáveis do Instituto. Assumindo-se como espaço de debate de ideias e de reflexão, não lhe cabe essa função. «Esse será o objectivo, absolutamente legítimo, das pessoas que estão no INES, mas que, para tal, terão de encontrar esse campo de intervenção dentro dos seus próprios partidos, seja o PCP, seja outro qualquer».

As potencialidades do INES são outras e decorrem da criação de um espaço, amplo e livre, do debate de esquerda. «Na minha opinião, o futuro do INES corre perigo se pretender ser um instrumento velado para levar à prática um objectivo mais restrito que seria a renovação do PCP. O seu objectivo é bastante mais importante, pois, sendo um espaço de debate, contribuirá para a renovação da esquerda em geral», disse Raimundo Narciso.

Renovação que, contudo, terá de ser feita no âmbito dos próprios partidos da esquerda, é o que circula entre os fundadores e aderentes do Instituto de Estudos Sociais que sábado em Lisboa debateram a questão «A Esquerda e os Desafios da Nova Década», enquanto em Coimbra Orlando Carvalho, José Magalhães se ocupavam do apontamento final dos estatutos a apresentar à assembleia constituinte de 3 de Março.

JR

Com quase 14 anos de poder o líder açoriano não pensa na sua própria sucessão, mas dá um apoio convicto à reeleição de Soares

Mota Amaral: «O cargo de Presidente deve continuar acima dos partidos»

Do nosso enviado especial

Mota Amaral é o rosto do poder, nos Açores, desde as primeiras eleições democráticas. Senhor de um PSD habituado a ganhar, como afirma nesta entrevista, sofreu em dois anos consecutivos, os efeitos de um certo desgaste de poder.

Com o PS à perna e indícios de alternativa no seio do partido, não perde o ar seráfico que o caracteriza. Mudança, sim, renovação, também. Através de uma «nova praxe de diálogo político com a oposição» e de um discurso mais «apurado», diz.

Sem esperar por sinais da direcção do PSD do Continente, cujo comportamento nem sempre lhe agrada, o líder açoriano não deixa dúvidas quanto à sua opção presidencial. É um convertido a Soares e considera mesmo que o PSD deve insistir com o Presidente para que se recandidate.

DL - *«É impossível e ineficaz pretender desenvolver as ilhas de fora para dentro, segundo esquemas pensados fora do meio insular e sem a participação das respectivas populações». Esta afirmação sua, proferida no ano passado no Simpósio Internacional das Ilhas, no Japão, quse sintetiza a tese da «autonomia progressiva». Tem defendido a ampliação dos poderes da Assembleia Regional e o desagravamento fiscal, por exemplo. Mas reconhece que os Açores continuam a necessitar do apoio exterior para o desenvolvimento. Não é uma contradição?*

MA - Acho que bate tudo certo. O ponto fundamental é vencer o círculo vicioso da pobreza. à medida que se desenvolvem, as ilhas necessitam que lhes sejam fornecidos poderes de decisão pra enfrentar os seus próprios problemas. Acho, portanto, que uma coisa joga com a outra: o progresso vai gerando meios, melhores condições de vida, melhores quadros, mais amplos recursos financeiros. E, portanto, vai dando substracto para que também os poderes de decisão sejam mais latos.

DL - *No entanto, o processo de consolidação da autonomia tem gerado alguns atritos, nem sempre há um plano entendimento entre o Governo Regional e o Central. Isso resulta dessa «ânsia» dos governos regionais de terem cada vez mais autonomia?*

MA - É natural que surjam esses atritos. Mas não há razão para que isso aconteça. Nem aconteceu, de resto, durante muitos anos. Porque a implantação da autonomia democrática é um objectivo de Estado, que tem de envolver os órgãos de soberania e todas as forças nacionais. Deve ser o país, no seu conjunto, a reconhecer e assumir que os problemas próprios das regiões autónomas resolvem-se melhor através do envolvimento das respectivas populações, atribuindo-lhes poderes para tomarem decisões e meios para as tornarem eficazes.

DL - *Concluo das suas palavras, o quadro de relacionamento nem sempre foi o ideal. Os governos de Cavaco Silva tem tido a este respeito uma atitude diferente das anteriores?*

MA - Temos tido alguns problemas, mas também tivemos problemas semelhantes a estes noutras alturas. Tudo vai das épocas. Por vezes, os governos polarizam-se sobre outros assuntos e estas questões passam para segundo plano. Mas vejo que há agora boas perspectivas de diálogo entre os órgãos de soberania. Se há problemas que estão em impasse, outros têm tido solução adequada. Em tudo isto se deve contar com a influência do Presidente da República, que segundo o seu próprio testemunho, aqui fez uma das suas mais bem sucedidas presidências abertas, de maior impacto nacional, pelo significado das questões em causa.

Manter a aposta da autonomia

DL - *Ainda recentemente, numa entrevista a uma estação de rádio, afirmou que o PSD deve aproveitar o próximo congresso para se reconciliar com as autonomias regionais. Porquê reconciliar-se?*

MA - É que nos últimos tempos parece que tem havido alguma dificuldade de entendimento.

DL - *Da parte do PSD ou do próprio Governo?*

MA - Antes de mais nada, a questão põe-se no âmbito do partido, daí a minha observação. O desenvolvimento dos Açores e da Madeira, pela via que a Constituição consagra, é um dos grandes contributos do PSD para a resolução dos problemas do País e a modernização de Portugal.

É indispensável que o PSD não desista da sua aposta e, acreditando nela, a leve por diante. Há muito ainda a fazer para que nas ilhas se implante, em termos sólidos e irreversíveis, uma sociedade moderna, nos parâmetros que derivam da integração europeia.

DL - *Pouco tempo antes da revisão constitucional, disse que o PS tinha, então, uma atitude mais positiva do que o PSD em relação à autonomia. A revisão fez-se, o ministro da República, cargo que considerava inútil, continua a existir. O que se alterou?*

MA - A revisão permitiu reforçar a autonomia e travar determinadas tendências restritivas. Designadamente, revogou jurisprudência estabelecida pelo Tribunal Constitucional, que tinha impedido a prática legislativa regional no domínio do desenvolvimento de leis bases.

A autonomia avança, pois, por fases, por patamares, conforme o consenso existente na Região e também em resultado do diálogo com os órgãos de soberania. Dado que se trata de um processo

O afastamento de Álvaro Dâmaso «situou-se no plano de imagem»

nacional - como o tenho reclamado -, tem de fazer o seu curso, que às vezes é mais difícil. Mas temos paciência e perseverança.

DL - *O Estatuto Político-Administrativo da Região está neste momento em discussão na Assembleia Regional. É mais um passo...*

MA - A revisão do estatuto, agora em curso, limita-se a transpor para o nosso diploma fundamental o que resultou da revisão constitucional. Qualquer avanço nesta matéria só pode ser feito nessa sede. Por isso definimos esta frase como de «autonomia tranquila».

O quadro constitucional não está em causa. As nossas propostas, só as formularemos na próxima revisão constitucional. No entanto, a revisão do Estatuto não é inútil, porque tudo o que se fizer para o tornar mais aperfeiçoado, mais compreendido e aceite, também no plano nacional, é um contributo para que o projecto nacional de autonomia dos Açores seja plenamente entendido, riscando de uma vez por todas as suspeitas que, por vezes, acerca dele têm surgido.

DL - *Crê que será pacífica, entre as diversas forças políticas, essa revisão?*

MA - Nós vamos procurar o mesmo consenso unânime que obtivemos em 1986 e em 88, na altura de revisão constitucional. Esse aspecto deve ser sublinhado. As questões institucionais sobre a autonomia dos Açores não são já nete momento bandeira exclusiva do PSD. Temos trabalhado no meio político regional com um esforço de grande diálogo com os partidos da oposição. Quando formulámos propostas neste sentido, fizemo-lo numa posição unânime de todas as forças políticas com assento na Assembleia Regional, desde o PC ao CDS.

CEE: elogio do Governo da República

DL - *Enquanto presidente do Governo Regional, tem-se esforçado por criar laços institucionais com organismos internacionais relacionados com os problemas das ilhas e regiões periféricas - como a Conferência das Regiões Insulares, promovida pelo Conselho da Europa, e a Comissão das Ilhas, da CEE.*

MA - Sim, não há dúvida de que a aproximação entre as ilhas europeias resulta em boa parte de iniciativas que foram tomadas a partir daqui, dos Açores. Participamos nas duas conferências das regiões insulares e estamos a preparar a terceira mas, entretanto, estabeleceu-se a Comissão das Ilhas, no seio de um organismo especializado, a Conferência das Regiões Periféricas Marítimas da Comunidade Europeia.

Os Açores tiveram papel determinante. Estas diligências tiveram tal impacto, que a última revisão constitucional consagrou expressamente a prerrogativa das regiões autónomas estabelecerem cooperação com outras regiões e participarem nas organizações a elas referentes. Fizemos caminho, portanto.

DL - *Bom, já entrámos numa temática, a CEE. Acabam de ser aprovados projectos, ao abrigo do Sistema de Incentivos de Base Regional, no valor de 129 mil contos. Qual o balanço que faz do processo? Os Açores estão de facto a beneficiar da integração tendo em conta a sua especificidade no quadro nacional?*

MA - Estamos a beneficiar e vamos beneficiar muito mais. Porque em termos nacionais e comunitários somos, inquestionavelmente, uma das regiões mais pobres. Temos neste momento aprovado um Programa Nacional de Interesse Comunitário para o desenvolvimento turístico do arquipélago, envolvendo investimentos superiores a 18 milhões de contos, com a participação comunitária, a fundo perdido, de 12 milhões. Por outro lado, um dos níveis operacionais do Plano de Desenvolvimento Regional é o Programa Específico de Desenvolvimento da Região Autónoma dos Açores, também apresentado às instâncias comunitárias, com o seu agrado.

Temos ainda em fase de apresentação um programa especial destinado a minorar as situações derivadas da ultraperificidade, para utilização de fundos especiais que estão à disposição da Comissão. Ou seja: o esforço que fizemos, ao longo destes anos, e que teve um ponto essencial na inclusão do Tratado de Adesão de Portugal de uma declaração especial sobre os Açores e a Madeira e outro marco fundamental na declaração do Conselho Europeu de Rhodes, que reconheceu a necessidade de a Comunidade dar resposta à ilhas ultra-periféricas, tem agora os resultados.

DL - *Mas, como se sabe, os programas comunitários carecem da participação financeira dos próprios governos. Com as conhecidas dificuldades económicas dos Açores e o endividamento, há condições para corresponder?*

MA - Julgo que sim. Nós temos a esse respeito uma tradição que tem sido a de impulsionar nos Açores um esforço de desenvolvimento sem precedentes na nossa história, que dá a explicação dos progressos que a sociedade evidencia.

Mas é indispensável encontrarmos, neste quadro que a Comunidade define como o do "partenariat", da conjugação de esforços de entidades europeias, nacionais e regionais - as fórmulas que permitam que este período de transição seja da grade aceleração do desenvolvimento dos Açores, para quanto antes, estarmos em condições de andar pelas nossas próprias forças, como cidadãos de corpo inteiro que queremos ser.

DL - *Há sensibilidade da parte do poder central, para apoiar esse esforço financeiro?*

MA - Estou certo que sim. De resto, isso resulta da coerência com o esforço inegável que tem feito o Governo da República para obter da CEE a definição de programas especiais, para problemas especiais, como os dos Açores. A declaração do Conselho de Rhodes - ninguém o esqueceu concerteza -, resulta de uma iniciativa do primeiro-ministro Cavaco Silva.

Diálogo, mais diálogo

DL - *Passemos à política açoriana. Em finais de 1988 deu-se o primeiro golpe na hegemonia até aí contestada do PSD. Em Dezembro do ano passado, o PS ganhou a maioria em termos autárquicos. Há, de facto, desgaste do poder?*

MA - É natural. Quanto à questão da hegemonia, o que as circunstâncias actuais nos indicam é a necessidade de mudar. E nós estamos mudando desde logo a nossa praxe de diálogo político com os partidos da oposição,

Mota Amaral: «Não creio que Eurico de Melo se candidatasse contra Mário Soares»

envolvendo-os de modo mais determinante na definição de grandes objectivos, a fim de que não fique dúvida da parte de ninguém, de que os pontos que nós formulamos corrrespondem a grandes aspirações da sociedade açoriana.

Ainda esta tarde tive reuniões de trabalho com os líderes dos partidos com assento na Assembleia Regional. O partido faz todo o seu esforço de renovação interna, a fim de apurar o seu discurso. Antes de mais nada, definindo com muita clareza quais são os problemas que interessam aos cidadãos dos Açores. Faremos as propostas adequadas, coerentes com o nosso ideário social-democrata.

DL - *Mas há quem considere, mesmo no seio do PSD, que o partido não assumiu cabalmente a derrota de Dezembro, que não terá colhido as lições.*

MA - É uma opinião. Eu acho que não corresponde à realidade. Tive ocasião de falar à oponião pública nacional na noite das eleições. Há muita gente que recorda que eu disse, expressamente, que o PSD perdeu as eleições nos Açores e reconhece tê-las perdido. É melhor ganhar do que perder, mas a democracia é que vale e nós estamos ao serviço da democracia, e não os cidadãos ao serviço do PSD.

«Dâmaso mantém responsabilidades»

DL - *No entanto, o Governo que definia como sendo «de combate», acaba de sofrer uma baixa, com a saída de Álvaro Dâmaso. Foi uma saída mal explicada. Primeiro, comunicou-se que ele desejava sair, mais tarde o dr. Mota Amaral colocou questões de liderança «dupla» no Executivo. Quer esclarecer o que se passou de facto?*

MA - Já expliquei e julgo que não tem nada de extraordinário. Instalou-se a imagem em meios de Comunicação Social de que o doutor Álvaro Dâmaso iria formular, no próximo congresso do partido, uma proposta alternativa de orientação política e consequentemente de liderança. Ele afirmou-me terminantemente que isso não correspondia de forma alguma à realidade e não exprimia as suas intenções, mas não considerou aceitável esclarecer esta questão...

DL - *Afastou, portanto, um concorrente potencial.*

MA - Eu acho que dentro do Governo deve haver uma noção muito clara sobre qual é a linha política e quem é que a personifica. É evidente que nos órgãos próprios do partido, é indispensável o diálogo. As propostas alternativas são sempre possíveis. Por isso mesmo o afastamento do doutor Álvaro Dâmaso foi do Governo, não do partido, onde mantém altas responsabilidades.

DL - *De qualquer modo, ele limitou-se a colocar questões organizativas. Ainda que queira ser alternativa. Não apresentou propostas políticas.*

MA - Por isso mesmo o problema se situou no plano da imagem, não tanto no da substância.

DL - *Parece portanto, que o dr. Mota Amaral desbravou caminho para continuar a liderar o PSD regional no próximo congresso.*

MA - O Congresso Regional será depois do nacional. Até lá, o PSD estará, digamos assim, em ebulição, a discutir os temas evidenciados pelas últimas eleições autárquicas. Aqui nos Açores, o PSD não está habituado a perder.

Ao perder as câmaras criou um certo problema - que de facto tem significado e não quero ocultá-lo. Tudo isto obriga a uma grande sacudidela interior. No entanto, uma coisa é certa: o PSD continua a ser o partido mais forte nos Açores. Recebeu nas últimas eleições, 49 por cento dos votos expressos, o que por si só é superior aos outros partidos todos juntos.

Estamos, portanto numa situação apesar de tudo muito diferente da do Continente. E não ficámos pior do que em 1988, quando também a nossa percentagem foi de 49 por cento. Aspiramos a melhorar a nossa posição, o que é legítimo, e vamos fazer todo o possível para que isso aconteça nas próximas eleições.

DL - *Está de novo a postos para preparar outro embate eleitoral, previsivelmente mais duro do que os anteriores, após 14 anos de governo?*

MA - Daqui até 1992, vai correr muita água debaixo das pontes e chover muito nas nossas ilhas. Há que estudar com atenção, neste período, o que pensa e quer o PSD. Não há liderança a prazo. Enquanto eu dirigir o partido e o Governo, estou nas funções de alma e coração.

Insistir com Soares

DL - *É, reconhecidamente uma pessoa influente no seio do PSD nacional, o que parece ser apanágio dos líderes das ilhas. Recentemente, tornou público o seu apoio à recandidatura de Mário Soares. Vai defender o apoio do partido a Mário Soares no congresso?*

MA - Vou. E parece que o PSD vai pelo mesmo caminho. Estou a apontar para o vencedor e ao PSD bem interessa uma vitória.

DL - *Mas o apoio não é pacífico, no seu partido.*

MA - A posição que Cavaco Silva expressou na entrevista ao «Expresso» aponta para aí. A partir do momento que que o mais alto responsável do partido reconhece a necessidade do apoio, acho até que devemos insistir com o Presidente para que se recandidate.

DL - *Fica, assim mesmo, a sensação de que o PSD parte de uma posição fraca. Apoia Soares, porque não tem candidato.*

MA - No meu caso, trata-se de um apoio convicto. Mário Soares está em belíssima forma para manter as funções. Tem grande prestígio europeu e mundial e deve continuar a pôr o seu capital político ao serviço de Portugal.

DL - *E a hipótese Eurico de Melo, que chegou a ser colocada pela Imprensa?*

MA - Não tinha base. Não creio que se candidatasse contra Mário Soares. O cargo de Presidente da República tem de continuar acima dos partidos.

Paulo Martins

«É indispensável que o PSD não desista da aposta na automonia»

Collor deixa Lisboa com promessas de apoio na CEE

Collor de Mello, presidente eleito do Brasil, deixou Lisboa no sábado, com destino a Madrid, após contactos em Portugal com o Presidente da República, primeiro-ministro e presidente da Assembleia da República.

Com os jornalistas, Collor de Mello não quis nada. Uma prevista conferência de imprensa acabaria por ser cancelada, ao que parece devido à «tensão» existente entre o presidente eleito do Brasil e os jornalistas que acompanham a viagem.

Em Portugal, Collor de Mello foi directo na motivação que o trouxe a Lisboa: encontrar aqui a porta aberta para os empresários do seu país entrarem na Comunidade Europeia.

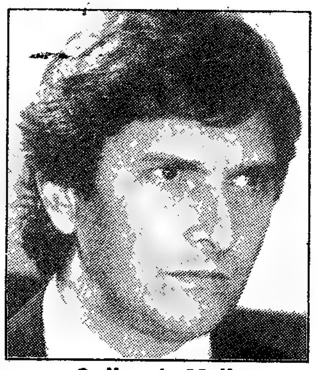
Tudo isto em nome da amizade luso-brasileira e de pouco especificadas contrapartidas.

Deseja, também, que Portugal seja mais uma voz nesse espaço económico, a favor de soluções para a resolução do complicado problema da dívida exterma brasileira.

No discurso pronunciado durante o jantar que ofereceu a Collor de Mello, Mário Soares defendeu a necessidade de serem encontradas soluções originais para esta questão e prometeu defender, no âmbito da Comunidade, que o apoio às novas democracias do Leste não pode fazer esquecer os países africanos e sul-americanos.

Soares justificou a sua posição não só pela especial ligação que Portugal mantém com o Brasil e com os países africanos, como também «pela importância daqueles dois continentes para o equilíbrio futuro de um mundo em que as assimetrias tendem a acentuar-se, e em que é cada vez maior o fosso que separa os países ricos dos países pobres».

No encontro com o primeiro-ministro Cavaco Silva, ficou acordada a realização de uma cimeira anual semelhante às que já se realizam entre Portugal e Espanha.



Collor de Mello

Assentaram também em promover idênticas cimeiras entre os ministros dos Negócios estrangeiros dos dois países e em estabelecer uma linha directa entre S. Bento e o Palácio do Planalto.

Foi discutida também a cooperação tripartida entre Portugal, Brasil e África e analisada a necessidade de passar a formas de relacionamento económico, comercial e cultural entre Portugal e o Brasil, ultrapassando a fase afectiva que caracteriza as relações actuais.

Cavaco Silva garantiu também ao presidente eleito do Brasil, que Portugal defenderá sempre a aproximação do Brasil com a Comunidade Europeia, no sentido que defende o Presidente Mário Soares.

Collor de Mello foi ainda recebido pelo presidente da Assembleia da República, Vítor Crespo, com a presença dos representantes dos diversos grupos parlamentares. Falou dos problemas ecológicos e da situação dos índios da Amazónia que, segundo Vítor Crespo, preocupam mais o futuro presidente brasileiro do que a renegociação da dívida externa.

Collor de Mello teve igualmente um encontro com o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Oliveira Martins e manifestou interesse em inteirar-se sobre o processo de privatizações em curso em Portugal.

Uma hora depois do encontro com Cavaco Silva, a economista Zélia Cardoso de Melo, assessora de Collor e apontada como futura ministra da economia, teve um encontro com os responsáveis portugueses naquela área.

SANTOS & NASCIMENTO
AV. DA LIBERDADE, 177-LISBOA
SALDOS
PRONTO-A-VESTIR
FATOS * CAMISAS * CALÇAS * BLUSÕES *
MALHAS * CASACOS * ETC.

O presidente do PSD voltou à Figueira da Foz. As críticas ao Governo não afectaram o apoio, reafirmado, a Cavaco Silva. Em contrapartida há quem exija a demissão de Dias Loureiro de secretário-geral do partido

Cavaco prepara congresso

Cavaco Silva antecipou-se e ganhou. A reunião na Figueira Foz foi um exercício catártico de expurga de toda a crítica antes do Congresso. Cerca de 600 militantes das distritais, concelhias e autarcas eleitos pelo partido ouviram o discurso de duas horas do líder e, no final, a maior parte decidiu que já não valia a pena tomar a palavra. Pinto Leite, dirigente da distrital de Lisboa, conhecido pelas suas posições críticas dentro do partido não falou. O DL soube que aquela distrital vai moderar as suas declarações públicas para não ser acusada pelo presidente do partido de ter prejudicado o PSD. Nesta perspectiva, está a preparar uma moção para o Congresso que embora não ponha em causa a liderança de Cavaco Silva marca as diferenças políticas.

A intervenção de Cavaco Silva foi semelhante à que proferira na reunião do Conselho Nacional, com algumas variantes mais dirigidas aos militantes de base do partido.

Repetiu a análise da situação económica do país, identificou como adversário político nº1, o Partido Socialista, admitiu erros no que respeita à falta de capacidade para explicar ao país os «benefícios» da política do Governo e defendeu a revitalização das estruturas que «adormeceram à sombra de uma grande vitória». Apelou à unidade do partido para enfrentar 1991 e deixou bem claro que nos próximos tempos as distritais e concelhias devem preocupar-se com as eleições legislativas e não com as críticas ao Governo ou à direcção do Partido.

Mas apesar de todas estas recomendações do líder, alguns militantes fizeram questão de pôr as cartas na mesa, aproveitando a rara oportunidade de contacto com a direcção do partido.

«Deixo os elogios para os outros, de mim vai ouvir as críticas» disse o responsável do PSD pela freguesia da Sé, numa das intervenções mais aplaudidas.

O autarca reafirmou o apoio ao presidente e acusou «outros que o acompanham» de não transmitirem ao líder quais os sentimentos das bases face à política do Governo» e considerou «os resultados das autárquicas como uma crítica ao Executivo».

No átrio do Casino da Figueira as críticas eram ainda mais duras.

«Se ele quiser trago as peixeiras da minha freguesia, qual Maria da Fonte, e vimos por aí abaixo limpar os oportunistas do partido, mas para isso Cavaco Silva tem de ouvir e apoiar as bases, porque nós é que temos os votos e a dinâmica. Se nos tivesse ouvido já tinha despedido o Miguel Cadilhe e a Leonor Beleza há mais tempo» disse ao DL um militante.

O presidente do PSD ouviu-os, deu-lhes a palavra, aliás fez questão de ser ele a dirigir a reunião da Figueira, e no final, depois de toda a gente ter «desabafado» encerrou o encontro com uma intervenção final de apelo à unidade e promessa de maior diálogo com as estruturas locais sociais-democratas. A reunião terminou com o grito: «PSD,PSD».

O secretário-geral do PSD, Dias Loureiro, foi o alvo de todas as críticas pois, «cabia-lhe dar apoio às concelhias e distritais e nunca falou com ninguém».

Um dos oradores na sessão disse claramente a Cavaco Silva que Dias Loureiro não deveria acumular o cargo de secretário-geral do partido com o de governante.

Não é a primeira vez que as bases do partido manifestam insatisfação com o trabalho realizado por aquele actual dirigente do PSD. Já antes, após as eleições europeias, tiveram de «digerir» a contragosto a promoção de Dias Loureiro a ministro dos Assuntos Parlamentares em substituição de António Capucho.

Mas agora, com o revés das autárquicas, as hostilidades reforçaram-se e há mesmo que exija «a demissão do secretário-geral».

No final, apesar de estar prevista uma decalaração à Imprensa por Dias Loureiro, foi Fernando Nogueira quem respondeu aos jornalistas.

O dirigente da Comissão Política afirmou que não ouviu críticas a Dias Loureiro, embora admita que alguns militantes se manifestaram contra a acumulação de funções. Questionado ainda sobre a hipótese de no Congresso Cavaco Silva escolher outro secretário-geral, Fernando Nogueira disse que «em todos os congressos tem havido renovação dos quadros do partido».

Cavaco justifica apoio a Soares

O presidente do PSD está a tornar-se perito em jogadas políticas por antecipação, para resolver as divergências internas no partido.

Resolveu o tradicional calcanhar de Aquiles, a ausência de um candidato presidencial do PSD, remetendo para si a decisão final. De um dia para o outro anunciou, para «estranheza» de Belém, que não vai apresentar candidato próprio, ao mesmo tempo que elogiava o mandato de Mário Soares.

A hipótese já fora levantada por dirigentes do Conselho Nacional, mas Cavaco quis , mais uma vez, fazer tudo sózinho mantendo a imagem de quem ultrapassa quaisquer pressões, mesmo que venham do seu próprio partido.

O apoio à recandidatura de Soares é pacífico dentro do partido. «Permite manter os militantes unidos e recuperar a dinâmica de vitória», disse ao DL um dirigente social-democrata.

Cavaco Silva utilizou argumentos já conhecidos como o «bom relacionamento institucional entre os dois orgãos de soberania» e o «interesse nacional» para justificar a sua decisão.

No final da reunião, Fernando Nogueira disse aos jornalistas que 1991 será a data a marcar «as diferenças que distanciam o PS do PSD quanto ao modelo de sociedade».

Maria João Rocha

Cavaco Silva com Fernando Nogueira, na Figueira da Foz

Macau com mais autonomia

O governador de Macau, Carlos Melancia, chegou ontem à tarde a Lisboa para uma visita de trabalho de cerca de três semanas. Na terça-feira, Carlos Melancia, acompanhado do presidente da Assembleia Legislativa de Macau, que hoje chega a Lisboa, entregará na Assembleia da República a proposta de alteração do Estatuto Orgânico do território.

Esta proposta, elaborada ao longo de cerca de um ano por uma comissão eventual do órgão legislativo de Macau, terá que ser apreciada pelo Conselho de Estado antes de subir ao plenário da Assembleia da República para ratificação.

Entre as principais alterações ao Estatuto, que vigora desde 1976, inclui-se o aumento do número de deputados, de 17 para 23, mantendo-se no entanto a actual proporção entre eleitos por sufrágio directo, escolhidos por sufrágio indirecto e nomeados pelo governador, subordinação da segurança do território à tutela directa do governador e o aumento do número de secretários-adjuntos, passando dos cinco actuais para sete.

Um dos artigos de maior alcance da proposta consagra a ampliação das competências legislativas da Assembleia Legislativa e do governador de Macau, incluindo matérias relacionadas com direitos, liberdades e garantias e definição de crimes, penas e medidas de segurança.

O sistema monetário e padrão de pesos e medidas, divisão administrativa do território, regime jurídico das relações entre órgãos da administração central do território e os da administração local e as bases do regime de administração pública de Macau figuram, entre outras, nas competências ampliadas dos dois órgãos.

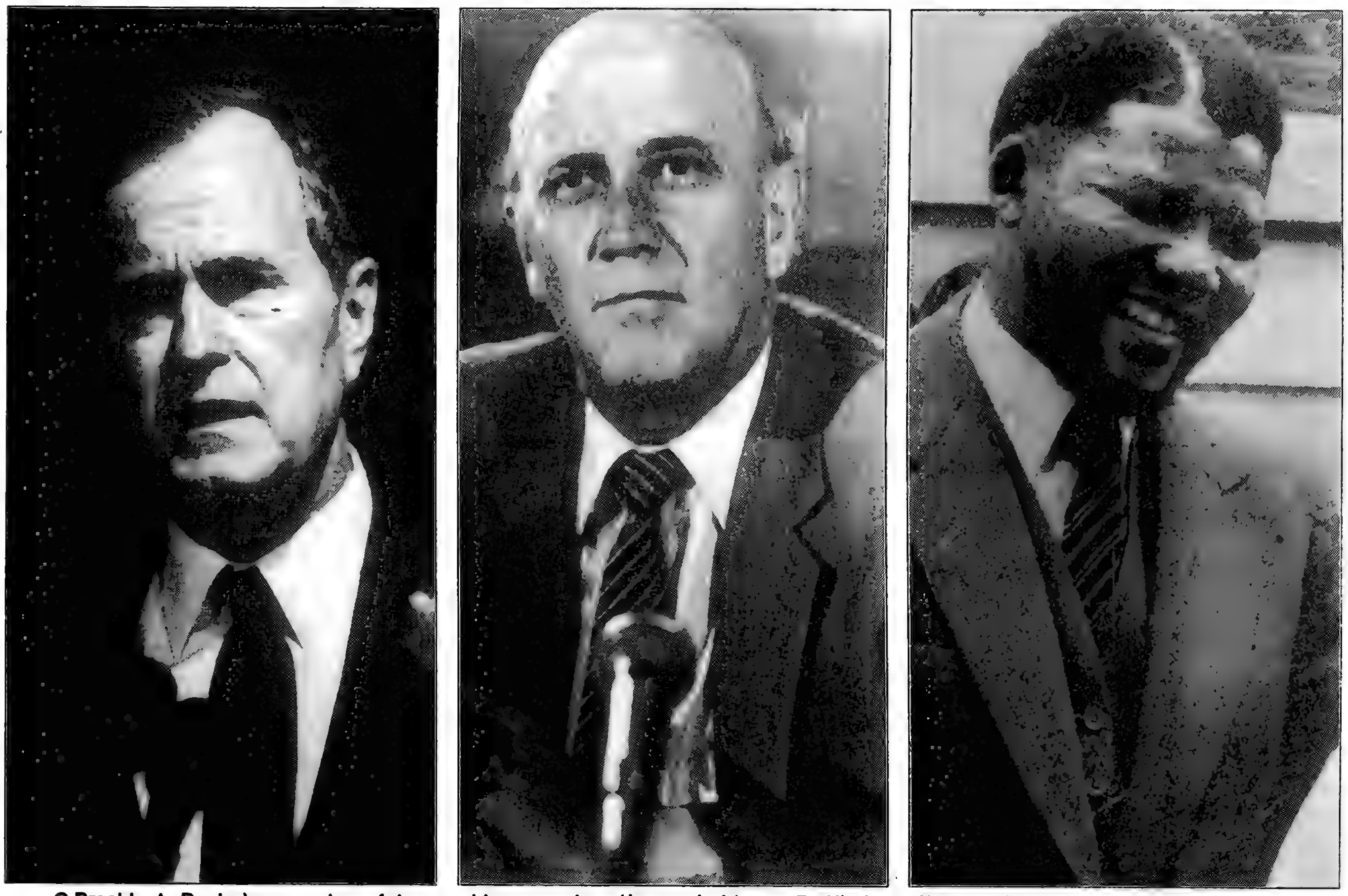
O novo Estatuto caracteriza-se, assim, por uma alargada transferência de competências para o território, que passarão a ser detidas pelo governador e pela Assembleia Legislativa.

INTERNACIONAL

Para encontros separados nos EUA

Bush convida Mandela e De Klerk

Do nosso correspondente em Washington



O Presidente Bush, à esquerda na foto, convidou o seu homólogo sul-africano, De Klerk, e o líder histórico do ANC, Nelson Mandela, a visitarem os EUA

As quatro cadeias nacionais de televisão norte-americanas interromperam, no sábado e no domingo, a sua programação regular para transmitirem em directo e na íntegra imagens da libertação e da alocução proferida por Nelson Mandela, durante o comício em sua homenagem realizado da Cidade do Cabo. A NBC, por exemplo, colocou o seu principal «pivot», na África do Sul, de onde apresentou o telejornal de domingo. O destaque dado ao acontecimento pelos mais poderosos «media» revela a importância que a opinião pública americana confere ao evoluir da situação política sul-africana.

O presidente George Bush tornou público o seu agrado pela libertação do líder no ANC e, em comunicado difundido pela Casa Branca, a Nelson Mandela foi renovado o convite para se avistar, em Washington com o chefe de Estado americano, o qual deseja igualmente manter conversações separadas com o Frederik De Klerk. Uma reacção complementar à de Bush foi ouvida a Herman Cohen, o secretário de Estado-adjunto para os Assuntos Africanos. Segundo Cohen, Washington aguarda o prosseguimento das iniciativas de Pretória com vista ao desmantelamento do «apartheid», só então requerendo ao Congresso que levante as sanções económicas em vigor contra a África do Sul.

A prioridade número um

A África do Sul é a prioridade número um da política americana no continente africano e a questão do «apartheid» é um tema particularmente sensível nos EUA, onde uma população negra, há pouco mais de 20 anos libertada da discriminação racial, mantém viva uma acesa militância pela igualdade de tratamento e de oportunidade, conforme o estipulado por lei. Vem a propósito recordar a intensa actividade política «anti-apartheid» desencadeada em Washington, particularmente nas duas últimas décadas, visando criticar as autoridades de Pretória. Uma época houve, nos anos setenta, que as manifestações em frente à embaixada sul-africana se tornaram quase diárias. Os seus líderes mais conhecidos, entre os quais Josse Jackson, Randolph Robinson ou Walter Fontroy era preso, depois de ostensivamente violarem as normas policiais definidas para os manifestantes. A imposição de sanções económicas contra o regime sul-africano foi o corolário de uma campanha pública que pressionou os congressistas a levarem-nas por diante. Os Princípios Sullivan, que mais não são que um conjunto de normas de conduta a observar pelas empresas que negoceiam com a África do Sul, acabaram por ser adoptados por empresas receosas da má imagem pública resultante do seu envolvimento com o sistema de «apartheid». A «Shell», cuja empresa-mãe manteve os seus investimentos naquele país africano, foi alvo de manifestações públicas e de boicotes largamente noticiados pelos órgãos de informação locais.

Filipe Vieira

Mandela: um discurso sem concessões

A Comunidade Europeia manifestou a esperança de ver uma democracia multirracial instalada na África do Sul.

Na sua primeira reacção oficial, Bruxelas vê na libertação de Nelson Mandela «um sinal da vontade do presidente De Klerk em ter em conta as realidades do seu país, e um passo importante para o diálogo necessário entre as diferentes componentes da sociedade sul-africana, apesar do estado de emergência ser ainda um obstáculo».

Embora a Comunidade encare nas transformações que se estão a operar na África do Sul como uma indicação de que se caminha para o fim do «apartheid», considera não estarem criadas as condições mínimas para o levantamento das sanções económicas àquele país. Posição contrária já defendeu Margareth Thatcher, para quem a manutenção de sanções em nada contribui para a diminuição das disparidades na sociedade sul-africana.

Em Bruxelas, a libertação do líder histórico do ANC foi acompanhada com alguma emoção, com as estações de televisão belgas, francesas, holandesas e inglesas a transmitirem em directo os momentos que antecederam a libertação, as primeiras imagens de Mandela em direcção à liberdade e, posteriormente, as suas primeiras palavras perante 50 mil pessoas na Cidade do Cabo. Imagens do Soweto em festa e dos incidentes verificados entre a polícia e desordeiros foram igualmente transmitidas.

Tutu acalma políticos

A maioria das estações televisivas dedicou grandes espaços da sua programação a debates e recolheu opiniões de personalidades que acompanham de perto a evolução política sul-africana.

O discurso de Mandela foi considerado «sem concessões». A sua afirmação é «a luta armada contra o governo sul-africano vai continuar, porque não temos outra escolha e as sanções devem ser mantidas» foi inserida por Desmond Tutu num contexto menos radical: «Neste momento, o que ele disse destinava-se ao interior do seu próprio movimento, que não está preparado para negociar na legalidade. Muito brevemente, ele assumirá outra posição, mas não abandonará os seus princípios».

Desmond Tutu respondia para acalmar alguns políticos que viam nele uma personalidade menos radical, capaz de moderar as teorias defendidas pelo ANC, o movimento de libertação mais importante da África do Sul. Para outro elemento do ANC, Solly Smith, aquele movimento «não mata pessoas. Lutamos contra um sistema. Mas é impossível esquecer».

Com a libertação de Mandela, a esperança de uma evolução menos conturbada na África do Sul renasce, embora a comunidade internacional vá seguir com interesse a posição que o mais antigo preso político vai assumir no seio do ANC.

Na Bélgica, a situação na África do Sul assume particular significado: Antuérpia com Telavive e Joanesburgo é um dos vértices do triângulo do comércio mundial de diamantes.

José Rui Cunha

Acordar em liberdade

Pela primeira vez em cerca de 27 anos, Nelson Mandela acordou hoje em liberdade, na mansão do arcebispo anglicano Desmond Tutu, na Cidade do Cabo.

Diplomatas começaram a chegar esta manhã para se avistarem com o líder histórico do ANC, ontem libertado no meio de celebrações nacionais, que em alguns casos degeneraram em violência, como foi o caso da Cidade di Cabo, onde morreram duas pessoas.

Activistas anti-apartheid próximos de Mandela disseram que provavelmente regressaria ainda hoje à pequena casa do Soweto, que partilhava com a mulher, Winnie, quando da sua prisão.

Centenas de crianças e jovens dançaram hoje junto à casa de Mandela, exigindo o fim do apartheid, mas elogiando ao mesmo tempo o Presidente Frederik De Klerk.

"Via De Klerk!" gritava um grupo de jovens, em uniformes escolares e a dançar.

"Queremos que De Klerk venha ao Soweto", disse Alfred, de 12 anos. "Ele deve vir para falar connosco. Ele pode ser nosso amigo".

Contudo, a apreciação em relação ao Presidente sul-africano e à minoria branca na África do Sul não era de forma alguma unânime. Um grupo de cerca de 100 adolescentes, com uma bandeira do recém-legalizado Partido Comunista da África do Sul, gritava: "Morte aos boers".

Um porta-voz do ANC em Estocolmo, anunciou entretanto que Mandela deverá deslocar-se brevemente à Suécia, para visitar Oliver Tambo, presidente da organização, internado numa clínica daquela cidade.

Redacção "DL"/Lusa

INTERNACIONAL

O PC Francês, cujo Comité Central se reúne hoje e amanhã, vive uma crise profunda, sobretudo porque os dirigentes se mostram incapazes de mudar

Renovadores reclamam fim do centralismo

Do nosso correspondente em Paris

O abandono por parte do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) do seu «papel dirigente», consagrado no artigo sexto da constituição soviética, recebeu plenos aplausos por parte da actual direcção do Partido Comunista Francês (PCF). Os dirigentes do PCF, determinados a demonstrar diante da opinião pública francesa que o seu partido não tem lições a receber da Perestroika, parecem pretender criar uma legitimidade histórica própria ao PCF, dando a imagem de uma autonomia teórica. Como se, em última instância, a revolução de Outubro tivesse finalmente, após décadas de heresia, voltado ao bom caminho.

Essas acrobacias são apenas mais um sintoma de que o PCF, cada vez mais isolado, interna e internacionalmente, está paralisado. A actual direcção já não consegue ultrapassar o autismo habitual de grupúsculos extremistas, pouco digno das tradições de um grande partido popular como o PCF. Diante destes acrobatas incapazes de largar o trapézio o público francês aplaude como se, num circo, aplaudisse palhaços que fingem ser trapezistas.

Dirigentes incapazes de «dar o salto»

O secretário geral do PCF, George Marchais, ao afirmar há uma semana no programa político de rádio e televisão, Forum FR3-RMC, que «tudo o que o PCUS está hoje a fazer já o PCF o fez antes», nega implicitamente que exista a necessidade ou a possibilidade de uma ruptura na história do comunismo. Ora a realidade dessa ruptura foi não só afirmada como reivindicada pelos reformistas soviéticos, mesmo os mais moderados, na linha de Gorbachev. Negando a realidade dessa ruptura, a actual direcção do PCF revela-se incapaz de encarar a realidade, abraçando a tese da infabilidade do comunismo, em nome de uma mística revolucionária que o PCUS aboliu ao renunciar ao papel dirigente do partido. Nessa exacta medida as pretensões de independência teórica do PCF desmoronam-se. Incapaz de «dar o salto», a actual direcção do PCF confessa implicitamente ser apenas um grupúsculo que se protege a si mesmo, colado a uma ortodoxia que só apraz a sobreviventes de que a história se está a desfazer.

Marcel Rigout, membro do PCF e um dos mais destacados opositores à linha centralista do partido

Se o verdadeiro beco sem saída ideológico da actual direcção do PCF já é notório na sua análise do abandono do papel dirigente do partido pelo PCUS, torna-se ainda mais límpido quando se evoca a questão do centralismo democrático. Ao relatar as proposições de Gorbachev ao Comité Central do PCUS, o jornal L'Humanité, órgão do PCF, já tinha «rectificado» o discurso do dirigente soviético, deixando bem claro que se tratava de acentuar o aspecto democrático do centralismo, e não de «reexaminar» o princípio, como Gorbachev anunciara. Isto é, na terminologia cautelosa que se impõe na URSS, de abandoná-lo, para tentar dar alguma representatividade a um partido que corre o risco de ser varrido das instâncias representativas em muitas regiões da URSS nas próximas eleições.

Plenário num pântano ideológico

Agora, diante da reivindicação do abandono do centralismo democrático no PCF pelos renovadores comunistas dirigidos por Marcel Rigout, Claude Poperen e Felix Damotto, em carta endereçada aos membros do Comité Central do PCF - que se reúne hoje e amanhã - a direcção do partido está diante de novo impasse. Caso não aceite desfazer-se do centralismo confirmará o seu carácter «conservador», como os próprios renovadores indicam nessa carta. «Conservador» é o adjectivo que serve para qualificar a linha defendida no PCUS por Ligachev. Ora se a linha de Ligachev é politicamente legítima, embora fazendo apelo a reacções bem pouco progressistas, num país dirigido há 70 anos por um partido comunista, optar por ela na Europa de 1990 equivale a confessar que, conforme a direita apregoa desde há muito, «os partidos comunistas são agentes do estrangeiro».

É pouco provável que o PCF abandone de livre vontade o pântano ideológico em que se atolou. Insistindo nessa postura abrirá a porta a um novo cisma do comunismo nos países em que os partidos comunistas se deixaram ultrapassar pela história, visto que se confirma agora a existência de duas ortodoxias comunistas russas.

Pedro de Souza

Afastamento da direcção de Marchais na mira

Depois de ter sido uma força essencial do tabuleiro político francês, o PCF está hoje em vias de marginalização. Os ventos de reforma soprando do Leste provocaram um redemoinho na Praça do Coronel Fabien onde se encontra, no célebre edifício concebido pelo arquitecto brasileiro Óscar Niemeyer, a sede do partido. Grande agitação no seio do PCF que, para além das questões que suscitam os acontecimentos do Leste da Europa, se encontra confrontado com graves convulsões internas.

A contestação não é recente. Começou a fazer-se sentir em 1981, aquando da vitória dos socialistas nas eleições presidenciais, nas quais o PCF sofreu uma autêntica derrota, com a perda de 42 deputados na Assembleia Nacional. Apesar de uma certa contestação interna, o PCF vai tentar colmatar as brechas até 1984.

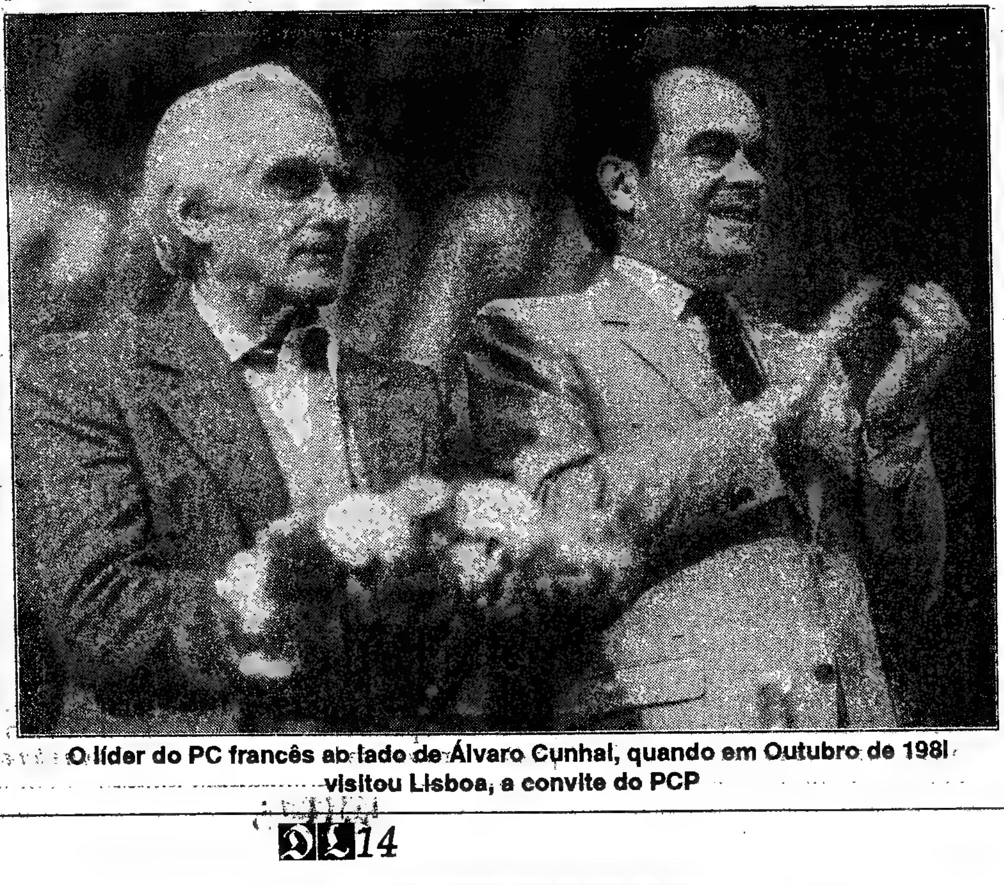
Quatro ministros comunistas fazem parte do primeiro governo socialista de Pierre Mauroys, entre 1981 e 1984. Quatro ministros comunistas que não hesitaram em tomar então posições diferentes das do partido. Aliás, esses mesmos ministros são, hoje, os chefes de fila dos contestatários do PCF. Marcel Rigoud, um dos ex-ministros dos Transportes em 1981, é apontado como o chefe de fila dos «refundadores», o movimento de contestação mais recente.

A luta dos renovadores

É no princípio da década de oitenta que os movimentos de contestação se fazem sentir dentro do PCF, e tudo vai explodir quando o partido recusa participar no segundo Governo socialista em 1984. O primeiro movimento de contestação ficou conhecido pelo nome dos «renovadores», que desde o princípio da década de oitenta afirmam o seu desacordo com as orientações do partido. Pela primeira vez na história do PCF, a contestação não se organiza à volta dos intelectuais, mas sim de quadros operários. Os renovadores vão conseguir impôr-se, e há mesmo seis que são eleitos para o Comité Central do partido. O chefe de fila deste movimento é Pierre Juquin, que fazia parte da comissão política. Pierre Juquin foi então marginalizado dentro do partido e demitiu-se do comité central em Junho de 1987, sendo, alguns meses depois, expulso do partido — quando apresentou a sua candidatura às eleições presidenciais desse mesmo ano.

Hoje, os renovadores constituiram um movimento fora da estrutura do partido — o MRC. Fundado em 1988, um ano depois, no seu primeiro congresso, em Dezembro passado, já registou cisões. Uma minoria deseja aproximar-se do Partido Socialista e lançou mesmo as bases de um «forum progressista», que pretende propôr um sistema à maneira do Partido Comunista Italiano. A maioria dos renovadores pretendem por sua vez aproximar-se do movimento de contestação, conhecido pelo nome de «reconstrutores» que, actualmente, no interior do PCF, procura modificar o seu método de acção.

Os reconstrutores comunistas franceses consideram que a direcção do PCF está desqualificada e exigem a sua demissão, sobretudo depois da queda do regime romeno, apoiando-se nas frequentes visitas de Georges Marchais ao ditador romeno Nicolae Ceausescu. Aos ataques dos reconstrutores, o número um do PCF, Georges Marchais, responde que «não representam nada» e acusa-os de quererem «o fim do comunismo».



O líder do PC francês ao lado de Álvaro Cunhal, quando em Outubro de 1981 visitou Lisboa, a convite do PCP

Marchais minimiza a crise

Georges Marchais continua a minimizar a existência de uma crise no partido, afirmando que se trata apenas de «uma batalha normal». Georges Marchais considera que o CF é alvo actualmente de uma «campanha de ataque organizada pelas forças sociais-democratas, a direita, o Poder, os dirigentes socialistas» — e o ataque vai directo ao Presidente da República, François Miterrand, apontado como o grande responsável pela queda vertiginosa do PCF.

Há, no entanto, uma contestação veemente da parte daqueles que há longos anos servem o partido. É o caso dos presidentes da Câmara, muitos dos quais não hesitam em exigir a demissão de Georges Marchais, a mudança da direcção e o debate no interior do partido, às vezes mesmo de forma brutal. Tal é o caso do presidente da Câmara de Pantin (no departamento da Seine St. Denis), Jacques Isabet, que declarou ser «favorável à reforma aos 60 anos».

Georges Marchais tem 69 anos e dirige o partido há vinte. Personalidade pública

INTERNACIONAL

Georges Marchais:

A defesa de ideais que o Leste abandonou

Convidado a comentar nas vésperas da reunião do plenário do CC do PCUS, no programa político de rádio e televisão Forum RMC FR-3, o eventual abandono do papel dirigente do Partido Comunista da União Soviética, Georges Marchais, secretário-geral do Partido Comunista Francês (PCF) afirmou: «O papel de vanguarda é o resultado de um decreto. (...) o PCF desempenha esse papel diariamente, quer nas lutas imediatas, quer na definição de uma via francesa para o socialismo. Sublinhar este papel não é reivindicar a hegemonia sobre os partidos de esquerda. É reconhecer um facto que os trabalhadores do nosso país nunca recusaram.

Os grandes períodos do nosso país, no decorrer dos últimos 50 anos, ficaram marcados pelo triunfo das ideias, uma política que os comunistas foram os primeiros a preconizar e que fizeram progredir à custa de esforços perseverantes".

Teoricamente de acordo

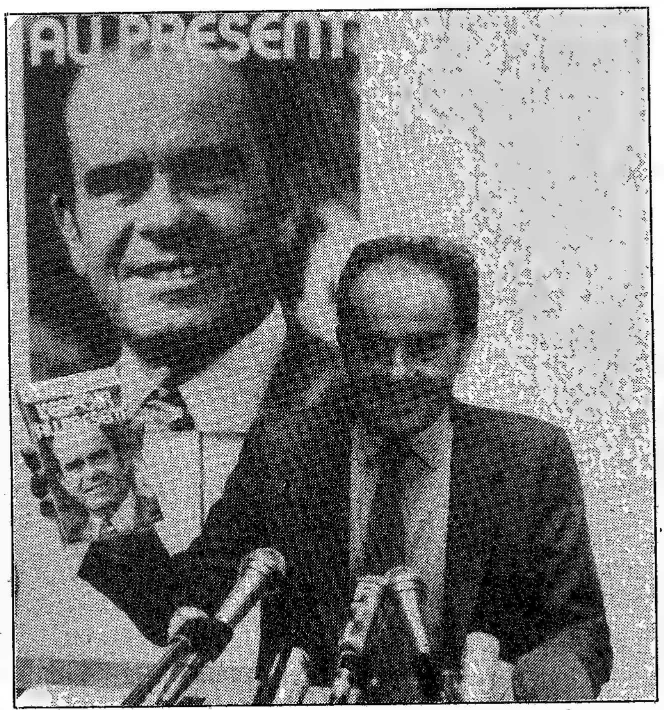
Não obstante dizer que acompanha com interesse tudo o que se passa em Moscovo, Georges Marchais continua a ter como objectivo fundamental a «substituição do capitalismo pelo socialismo». Sobre o facto de se saber se os países de Leste não irão abandonar precisamente esta perspectiva, o secretário-geral do PCF limitou-se a responder que «o futuro o dirá», considerando que Mikhail Gorbachev é, como ele, «um militante revolucionário», que quer construir «um socialismo verdadeiro (...), um socialismo democrático, um socialismo humanista. Este é também o nosso objectivo, portanto, estamos de acordo a 100 por cento» - acrescentou.

Marchais reconheceu que, se os pressupostos existem, os comunistas da URSS ainda não conseguiram construir uma sociedade «moderna». Mas considera que a transformação dos partidos comunistas do Leste em partidos sociais-democratas não constitui um «avanço» e que «as pessoas estão enganadas» quando reclamam tal transformação.

Preocupado com as conquistas sociais

«Caso se venha a adoptar uma política social-democrata será o que vamos ver. Porque existem conquistas sociais que irão ser ou já foram postas em causa».

Georges Marchais negou a existência de divergências entre Gorbachev e Fidel Castro. Em França, «a social-democracia é uma realidade».



George Marchais, quando em 1980 se candidatou à presidência francesa, tinha "Esperanças no Presente" e, como é natural, também no futuro. E agora?

E acrescentou: «Temos consciência disso e por esse facto estamos prontos a trabalhar com o Partido Socialista». O secretário-geral do PCF evocou a perspectiva de uma reunificação das duas Alemanhas para reafirmar que «isto será um assunto que diz respeito ao povo alemão», mas que «não será benéfico para França».

Recordando que os membros do bureau político e o secretário-geral podem ser substituídos «a todo o momento» pelo Comité Central, que pode amanhã (...) designar um outro secretário geral», Marchais acrescentou, a propósito da sua avançada idade: «defendo a reforma aos sessenta anos para os homens e aos 55 para as mulheres (...) mas no que me diz respeito, sou um militante revolucionário, e não admito que se decida arbitrariamente sem o meu consentimento, o que irei fazer».

Redacção «DL»/Le Monde

dos contestatários

extremamente mediática, conhecido pela sua intransigência e determinação, define-se hoje como «o homem político mais próximo de Gorbachev». O PCF é considerado, contudo, como um dos partidos comunistas mais ortodoxos e monolíticos da Europa Ocidental, apesar de alguns passos ousados, tais como a ausência de G. Marchais no XXV congresso do PC soviético, ou ainda o abandono, em 1976, da noção de ditadura do proletariado. Na revista conservadora francesa «Le Point» do passado dia 15 de Janeiro, G. Marchais é apresentado como o «último herdeiro do 'pai dos povos' com Fidel Castro em Cuba e Álvaro Cunhal em Portugal». Também o primeiro-ministro romeno Petre Roman, não hesitou em qualificar o PCF de estalinista. G. Marchais condena o estalinismo e distancia-se em relação ao marxismo-leninismo, afirmando mesmo, numa emissão no terceiro canal da televisão francesa, no dia 4 de Fevereiro, que «Lénine não resolveu tudo».

Que futuro para o PCF?

Quanto tempo continuará G. Marchais a dirigir o PCF e qual o devir do partido? São estas as questões que toda a gente se põe. Parece hoje e mais do que nunca evidente que Marchais não permanecerá muito tempo como secretário-geral do partido. Há quem afirme que o que pretende é festejar o septuagésimo aniversário do partido e ficar como presidente, um título puramente honorífico. Vários nomes aparecem, hoje, de individualidades que têm o perfil para suceder a Georges Marchais. Três nomes próximos do actual dirigente e que seguem a linha actual do partido — André Lajoinie, ex-candidato às eleições presidenciais em 1988; Jean Claude Gayssot, deputado de um departamento bastião do partido, a Seine-St. Denis; Philippe Herzog, o economista do PCF que se apresentou como cabeça de lista para as eleições do Parlamento Europeu.

Um só nome aparece hoje na oposição — o ex-ministro Charles Fiterman, que há pouco tempo endereçou à direcção do partido um texto considerado como uma agressão pelos membros do Comité Central, considerando o chefe de fila dos «refundadores» que não se identificam com os discursos dos «reconstrutores» e pretendem instaurar o debate dentro do partido. Charles Fiterman, pelo seu lado, afirma não ser candidato ao posto de G. Marchais, mas tendo sido durante muitos anos considerado o n.º 2 do partido e o sucessor possível ao posto de secretário-geral, representa, aos 57 anos, a esperança dos contestatários.

O grande desafio

Georges Marchais tem, no entanto, permanecido no seu posto «até que o partido decida o contrário». Obstinação, ou convicção de que não é possível reformar? O congresso do partido, que só o seu secretário-geral pode convocar, realizar-se-á apenas no final deste ano, em Dezembro.

O debate é hoje exigido alto e bom som. Recusar dar ouvidos à contestação significa remar contra a maré. Aceitar o debate é pôr em causa não só a direcção, mas os próprios alicerces de um edifício. Como defender uma ideologia marxista-leninista cujos exemplos de aplicação foram todos recusados a Leste? E mesmo se Georges Marchais se distancia prudentemente do marxismo-leninismo, é evidente que a crise do PCF é, para além de uma crise de um partido, a crise do próprio comunismo. E a esperança do comunismo depende da sua capacidade de adaptação a uma sociedade em evolução.

«Mudam-se os tempos mudam-se as vontades...» como dizia Camões. O certo é que o eleitorado comunista já não revela a fidelidade de outrora.

Os votos deslizam. E enquanto o PCF desce nos escrutínios, curiosamente é a extrema direita que ganha terreno. E hoje, mais do que nunca, este partido precisa dos seus eleitores. O PCF tem, efectivamene, de enfrentar problemas, não só de âmbito ideológico, mas também outros, mais práticos, que dizem respeito à sua própria subsistência. A comissão política acaba de lançar uma subscrição para reunir 50 milhões de francos (mais de 8 milhões de dólares) durante este ano. As fontes do PCF provêm hoje, essencialmente, das quotizações dos seus aderentes e do que lhe é vertido pelas municipalidades comunistas.

O PCF não pode, hoje, recusar ouvir uns e outros, nem agir sem ter em conta o movimento de contestação. Resta saber se o Partido Comunista Francês conseguirá vencer este grande desafio.

Elisa Drago — *jornalista na Radio France Internationale*

C O M E N T Á R I O

Quando a estrela empalidece

Ontem louvada pelo seu distanciamento em relação a Moscovo, a direcção do PC francês enfrenta hoje a contestação interna, precisamente pela estagnação ideológica. Numa altura em que as reformas se sucedem, não só no Leste, como também nos partidos congéneres de Itália e Espanha, o secretário geral do PCF, George Marchais, entrincheira-se nas suas conhecidas posições e insiste em que os caminhos abertos pelo PCUS, em Moscovo, já há muito foram trilhados pelo seu partido. Recusa portanto a mudança.

O PCF, é sabido, após o aniquilamento da Primavera de Praga, em 1968, pelas tropas do Pacto de Varsóvia, começou cautelosamente a discordar de Moscovo. No âmbito da estratégia encabeçada pelo PCI na década de 70, e que tomou o nome de eurocomunismo, renunciou à tomada do poder pela força, à ditadura do proletariado e à obediência servil ao Komintern. Mas, nestes quase vinte anos volvidos, Marchais parece ter adormecido sobre os louros.

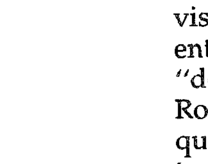
É assim que surgem franjas de contestatários à sua liderança, reunidos volta dos "renovadores" (estrutura q actua fora do partido) e dos "refu dadores" (que pretendem o deba ideológico no seio do partido). Amb os grupos afirmam que a direcção d Marchais perdeu a autoridade moral deve ser demitida.

Após a queda de Ceausescu, vieram luz do dia os horrores do regime d "conducatore", que era frequentemen visitado pelo líder do PCF. Marchai entrevistado pela televisão, disse qu "desconhecia a situação vivida n Roménia". Foi uma resposta patétic que não só o cobriu de ridículo, com também serviu para aprofundar o d scontentamento, latente desde o iníc da década de 80.

O actual primeiro-ministro romen Petre Roman, não teve pejo em, rece temente, qualificar o líder do PCF c estalinista, comparando-o a Fidel Ca tro e a outros dirigentes ortodoxos, qu persistem em colocar uma peneira sobr os olhos relativamente ao que se passa no Leste em geral, e no antigo "sol da terra" em particular.

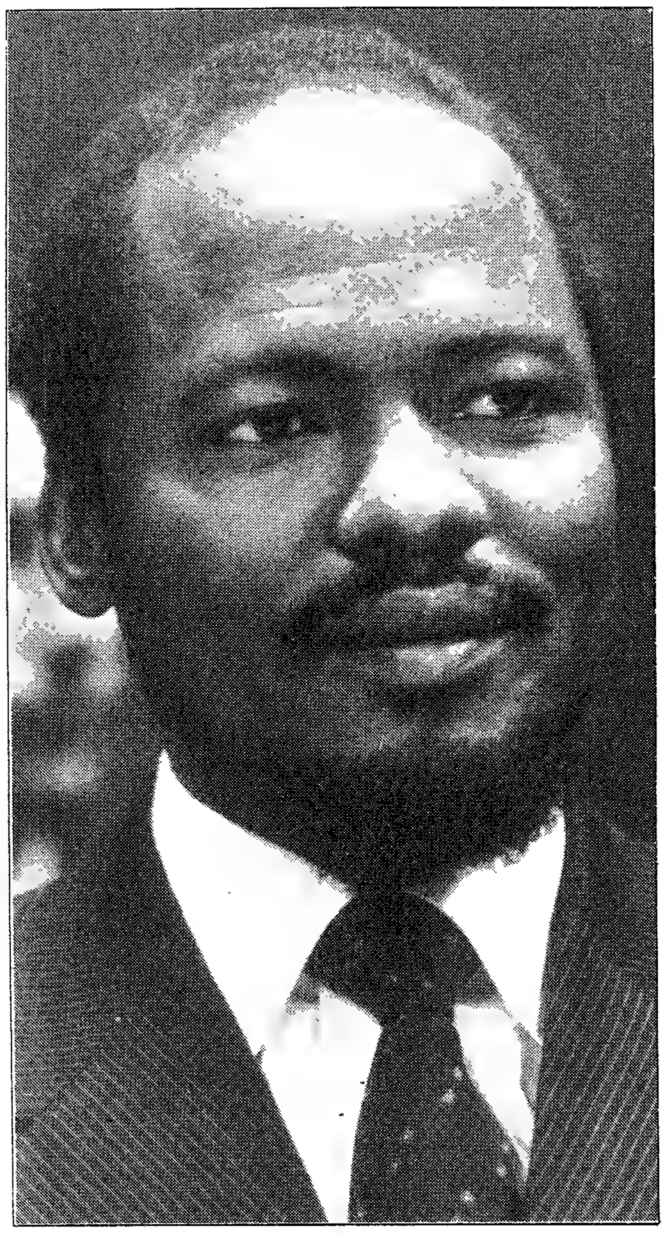
George Marchais, próximo dos 70 anos, minimiza a contestação. Parece na verdade não dispor já de forças físicas e de agilidade mental para dar o salto que o momento histórico exige. Teme sobretudo que uma mudança radical pudesse pôr em causa a sobrevivência do partido, ao esvaziá-lo do conteúdo ideológico que o caracterizou nas últimas décadas.

Por isso, a reunião do Comité Central do PCF, que hoje se inicia em Paris, não será conm certeza pacífica. Georges Marchais confrontar-se-á com oposições firmes, não obstante a sua folha de serviços prestados ao partido.



Jorge Ferreira

A sua estrela, já empalidecida, parece em vias de se eclipsar. É a marcha da história, numa enxurrada imparável que tudo vai mudando, sob a pressão dos povos, cuja voz parece finalmente começar a fazer-se ouvir.



O presidente moçambicano, Joaquim Chissano

O líder moçambicano visita oficialmente os EUA, depois de Moçambique ter sido retirado por Washington da lista dos países marxistas

Chissano vai encontrar-se com George Bush

Do nosso correspondente em Washington

O presidente Joaquim Chissano inicia, no próximo dia 12 de Março, uma visita oficial de trabalho aos Estados Unidos, durante o qual deverá debater com George Bush as perspectivas de paz para Moçambique, bem como a evolução da situação na África Austral. Esta deslocação de Joaquim Chissano foi aprovada há pouco mais de uma semana, depois de Washington ter retirado Moçambique da lista dos países marxistas, facto que abre a Maputo o acesso a garantias financeiras por parte das instituições norte-americanas.

O chefe de Estado moçambicano vai ser recebido na Casa Branca no segundo dia da sua visita a Washington, onde deverá manter-se para contactos aos mais diversos níveis, até ao dia 15 de Março. Muito embora o Departamento de Estado não disponha ainda de um programa oficial da visita, cuja data foi aprazada, anteontem, em Maputo, entre o presidente Chissano e Melissa Wells, a embaixadora americana, é de esperar que o dirigente moçambicano mantenha conversações com o secretário de Estado James Baker e também com Herman Cohen, secretário de Estado adjunto para os assuntos africanos.

Vem, a propósito, recordar que Cohen ainda recentemente afirmou publicamente ser possível chegar-se a um acordo sobre a situação em Moçambique, ainda este ano.

Na oportunidade, o responsável pela política africana da administração Bush, manifestou apoio aos esforços de mediação que têm vindo a ser desenvolvidos pelos presidentes Arap Moi, do Quénia, e Robert Mugabe, do Zimbabwe, e admitiu não existir uma solução militar para a guerra em Moçambique. Na opinião de Cohen, o diálogo é a melhor maneira de se conseguir a reconciliação naquela antiga colónia portuguesa.

Óscar Monteiro nos EUA

Encontra-se, entretanto em Washington, o ministro moçambicano da Administração do Estado para aquela que é a segunda visita à capital norte-americana, nos últimos seis meses.

Óscar Monteiro, que preside à comissão permanente da Assembleia Popular responsável pela elaboração do ante-projecto de revisão constitucional, irá manter contactos com personalidades de diversas instituições americanas, nomeadamente a o nível do Departamento de Estado, da Fundação Internacional para os Sistemas Eleitorais e do Instituto Nacional Democrático.

Nesta última instituição, ligada ao Partido Democrático e liderada pelo ex-vice-presidente Walter Mondale, Óscar Monteiro a vistar-se-à com Pat Kiefer, que integrou a missão americana que acompanhou o processo eleitoral na Namíbia.

O ministro moçambicano tem igualmente previsto um encontro com estudantes da Universidade de John Hopkins, a quem falará da situação política no seu país e terá, de certo, oportunidade para expor o ante projecto da futura constituição.

Filipe Vieira

URSS disposta a retirar tropas da Polónia

A União Soviética anunciou, ontem, a sua disposição para negociar a retirada das suas tropas estacionadas na Polónia, no contexto de uma redução global da presença militar soviética nos países do Leste europeu.

Em comunicado divulgado pela agência noticiosa TASS, o Governo soviético afirma: se a Polónia «apresentar um pedido nesse sentido poderíamos discutir a questão das tropas soviéticas estacionadas naquele país». A URSS tem na Europa cerca de 575 mil soldados, 10 mil dos quais na Polónia.

Moscovo considera, no mesmo comunicado, que a guerra fria terminou e que é altura de dar início ao «gradual desmantelamento do actual quadro de forças militares na Europa».

Na passada sexta-feira, foi a vez do vice-ministro dos Negócios Estrangeiros da Checoslováquia, Evzen Vacek, anunciar que as tropas soviéticas estacionadas no país vão começar a ser retiradas «dentro de dias», após difíceis negociações entre as diplomacias dos dois países.

Falando à televisão checa, Evzen Vacek, adiantou que «uma parte substancial» das tropas soviéticas deveria sair do país até finais de Maio, não estando, no entanto, ainda determinado o prazo para o Kremlin completar a retirada.

O novo Governo da Checoslováquia tem defendido que a maioria dos 73 mil e 500 soldados soviéticos estacionados naquele território seja retirada antes das eleições livres marcadas para 8 de Junho e que as restantes saiam até o final do ano.

Desarmamento domina fim-de-semana

Mas a diplomacia soviética teve um fim-de-semana particularmente intenso no que se refere às questões de desarmamento.

Durante a visita do secretário de Estado norte-americano, James Baker, a Moscovo foram abordadas as recentes propostas de Washington para a redução das tropas soviéticas e dos Estados Unidos na Europa central.

O presidente dos EUA defendeu, em Janeiro, que as duas superpotências deveriam manter cerca de 195 mil soldados na Europa central, com a possibilidade dos norte-americanos poderem ainda ter estacionados 30 mil soldados na Grã-Bretanha, Itália, Grécia e Turquia.

No entanto, apesar das primeiras reacções soviéticas considerarem que as propostas americanas se «encaminhavam no bom sentido», Gorbachev avançou no passado fim-de-semana uma contra proposta a James Baker, afirmando que a presença dos 195 mil soldados de cada uma das superpotências se deveria estender a toda a Europa e não apenas à Europa central - excluindo, claro está, o território da URSS. Gorbachev, abriu ainda a possibilidade deste número ser aumentado para 225 mil homens caso os Estados Unidos considerem a contra proposta soviética como inaceitável.

De qualquer das formas, quer se trate de uma redução para 195 mil ou para 225 mil soldados, estes números representam uma substancial diminuição da presença das tropas dos EUA e da URSS na Europa. Segundo dados ocidentais, a União Soviética tem cerca de 575 mil soldados estacionados na Europa de Leste e os Estados Unidos 305 mil na Europa ocidental.

Reunificação alemã divide reunião em Otava

Baker, disse que iria consultar os aliados dos Estados Unidos antes de responder à contra proposta do presidente soviético. Mas para já os ministros dos Negócios Estrangeiros da NATO reunidos com os seus homólogos do Pacto de Varsóvia, em Otava, no Canadá, não receberam qualquer recomendação dos Estados Unidos sobre esta matéria. A reunião iniciou-se hoje e vai prolongar-se durante as próximas três semanas e poderá definir as linhas do acordo, conhecido por «Céus Abertos», e que permitirá que os aviões de reconhecimento de ambas alianças militares sobrevoem o território do bloco contrário para inspecionarem actividades e instalações militares.

As primeiras informações chegadas esta manhã de Otava davam conta de um adivisão entre os membros do Pacto de Varsóvia e da NATO sobre a questão da reunificação alemã.

O chanceler Helmut Kohl, que esteve no passado fim-de-semana em Moscovo, interpretou a posição soviética de considerar que a questão da reunificação alemã é um assunto que diz respeito aos alemães, como uma autêntica «Luz Verde» para Bona, nesta matéria. Mas a questão da neutralidade do território alemão face aos dois blocos militares, exigida por Moscovo, e recusada por Bona é o verdadeiro impecilho para a reunificação das duas Alemanhas e a grande questão em aberto para a própria Europa ocidental.

Redacção «DL»/Lusa/Reuter

NINGUÉM TROCA 5 POR 4★ A MENOS QUE...

Seja um Hotel de 4 * que disponha em todos os quartos: ar condicionado, mini bar, telefone directo ao exterior, janelas duplas, rádio AM/FM, secador, TV a cores via satélite (para sua maior comodidade c/ controlo à distância).

E ainda... oferta de pequeno almoço buffet Americano, 24 horas room service, centro de negócios com apoio de secretariado, serviço de telex, telefax, fotocopiadora e micro computador.

*A grande diferença para o Hotel de 5 * está no preço...*

Quarto individual ou duplo .... 7.950$
(A 2.ª pessoa é nossa convidada).
Preço de Promoção válido para Nacionais e Empresas até 28 de Fevereiro de 1990.
Consulte a sua Agência de Viagens ou o nosso serviço de Reservas.

HOTEL LISBOA PLAZA

JUNTO À AV. DA LIBERDADE UM NOVO CONCEITO DE HOTEL

Av. Liberdade / Tv. Salitre – 1200 LISBOA – PORTUGAL
Tel. 346 39 22 / 347 41 51 – Telex 16402 P – Fax: 371630

Não pendure nada nos tubos do gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.

QUOTIDIANO

Na Assembleia Municipal de Lisboa, o limite financeiro para Jorge Sampaio decidir empreitadas vai ser estabelecido. O vereador comunista Rui Godinho negou divergências

Questão polémica é debatida hoje

Na sessão pública da Assembleia Municipal de Lisboa que esta tarde se realiza, a questão relacionada com a proposta 35/90, aprovada na primeira sessão da Câmara, «será resolvida», disse ao «DL» Meira da Cunha, assessor de Imprensa de Jorge Sampaio.

«Não há qualquer divergência entre o PS, o PCP e os membros deste partido que integram a Assembleia Municipal», disse-nos, por seu turno o vereador Rui Godinho, a propósito de um desenvolvido artigo publicado no semanário «O Independente», na passada sexta-feira.

Segundo este jornal, «o aparelho do Partido Comunista obrigou os seus homens a darem o dito por não dito» relativamente a uma proposta que fora aprovada pelos vereadores socialistas e comunistas, na primeira sessão da Câmara.

Esta proposta define os limites de 100 mil contos para a execução de empreitadas e de 40 mil para a execução de fornecimento e demais contratos de prestação de serviços.

Para Rui Godinho «é perfeitamente natural que a Assembleia Municipal não concorde com algumas propostas, uma vez que é um órgão autónomo, deliberativo e como tal tem a sua própria opinião sobre determinados aspectos. Mal seria se os meus camaradas assinassem de cruz e não discutissem os assuntos. «É legítimo as pessoas falarem», disse o autarca.

O vereador fez ainda questão de esclarecer que «as relações entre PS e PCP, na Câmara Municipal de Lisboa correm da melhor forma e já depois da referida proposta ter sido aprovada, a 25 de Janeiro, outros assuntos foram debatidos sem qualquer desentendimento», acrescentou.

Uma outra notícia publicada, igualmente, no «O Independente» foi alvo de um desmentido por parte da Câmara. Dizia o jornal que «Jorge Sampaio assinou um despacho onde manda verificar todas as decisões de Abecasis nos últimos 30 dias de mandato do antigo presidente da Câmara».

Segundo um comunicado emitido pela CML, «não é verdade que o presidente Jorge Sampaio tenha assinado um despacho para mandar verificar todas as decisões dos últimos 30 dias do mandato do engenheiro Abecasis. Por isso o conteúdo da citação referida pelo «Independente» é falso».

Lisboa com melhores ruas

Depois dos estragos causados pelo mau tempo e que deixaram muitas das ruas de Lisboa em perfeita calamidade, A CML deciciu pôr mãos à obra e começar a reparar os danos.

Assim, além de prosseguir com as «operações de tapa buracos», decidiu repavimentar «imediatamente» algumas vias.

Manhã difícil na circulação suburbana

Greve diminui comboios

Registou-se esta manhã, entre as 7 e as 10 horas, uma significativa redução da circulação ferroviária nas linhas de Sintra e de Cascais, disse ao DL uma fonte do Posto de Comando da CP.

Américo Ramalho, responsável das Relações Públicas da CP, confirmou estas informações. Em declarações à Lusa, afirmou que a empresa fez um acordo com a Carris para que durante esta greve - que se prolonga até dia 19 do corrente - os autocarros que fazem o percurso até à Damaia passem a prolongá-lo até à Amadora.

Na linha de Cascais, onde tem sido cumprido durante a semana o horário habitual dos domingos, também houve supressões de composições. Na linha de Sintra,onde foram suprimidos os comboios para a Amadora e Queluz, houve «supressões substânciais» até ao Cacém. Nesta rede, cerca de cem autocarros estarão também à disposição dos utentes.

Oitenta autocarros fretados pela CP fazem o percurso de e para o Cais do Sodré, como se tem verificado em anteriores períodos de greve, tentanto minorar os problemas causados pela greve dos maquinistas.

Preço dos alternativos

Como se deve imaginar o recurso aos transportes alternativos tem custos elevadíssimos. A CP tem recusado, até ao momento, fornecer dados sobre o assunto, mas, o Sindicato dos Maquinistas levantou uma *pequena ponta do véu*. António Medeiros disse, à Lusa, que os gastos com o aluguer de autocarros alternativos, «já davam para satisfazer as reivindicações» dos maquinistas».

Explicou que, segundo dados que o sindicato possui, em 1988, um aluguer diário de um autocarro custou à empresa cerca de 88 mil escudos.

Para este ano, aquele número sofreria um acréscimo considerável tendo em conta o valor da inflação, de acordo com o contrato estabelecido com as empresas privadas, acrescentou António Medeiros.

Entretanto, está já marcada para hoje, às 18 e 30, na estação do Rossio, uma reunião entre responsáveis da CP e representantes da Comissão de Utentes da Linha de Sintra para apreciação do documento de resposta da CP relativo ao caderno reivindicativo apresentado por aquela comissão.

A greve dos maquinistas foi convocada pelo sindicato sectorial e pela Federação dos Sindicatos Ferroviários e visa reclamar uma correcção dos salários de 1989, a negociação de um acordo de empresa (AE) para 1990 e do regulamento de carreiras e a redução da idade de reforma.

B R E V E S

Sindicatos independentes formam direcção

O primeiro encontro das Organizações Sindicais Independentes constituiu uma direcção provisória, composta por cerca de meia centena de membros. Esta direcção vai, esta semana, estabelecer contactos com as outras forças sociais, sindicais e políticas -- anunciou Matos Cristóvão, membro da Comissão Organizadora do encontro.

Na moção de estratégia, aprovada sábado, consta a afirmação de que a amplitude do movimento sindical independente não é inferior ao das centrais sindicais, e que «é incontestável» que esse movimento desempenha um papel preponderante na sociedade portuguesa.

As organizações sindicais independentes, que «apontam para novas formas superiores de luta», pretendem organizar-se para coordenar as suas acções -- sustentou Matos Cristóvão.

O aparecimento de novas organizações sindicais, à margem das centrais UGT e CGTP, «é uma demonstração da incapacidade das centrais em resolver os problemas dos trabalhadores», afirmou ainda. aquele responsável.

JS e JSD disputam Academia de Coimbra

O escrutínio da primeira volta das eleições para os corpos gerentes da Associação Académica de Coimbra atribuiu a vitória à lista afecta à Juventude Socialista. Depois de contados os votos por correspondência, apurou-se que aquela lista obtivera um total de 1 618, contra 1 579 da lista apoiada pela JSD.

Na quarta e quinta-feira realiza-se a segunda volta, na qual se enfrentam o estudante de Matemática Paulo Alves (lista C, apoiada pela JS) e o estudante de Psicologia Emídio Guerreiro (lista D, afecta à Juventude Social Democrata).

Na terceira posição do escrutínio realizado sexta-feira ficou a lista E, sem conotação partidária, com 1 315 votos e, por fim, a lista A, afecta à Juventude Centrista, com 348 votos.

Cinco a seis acertaram no Totoloto

Cinco a seis matrizes com o primeiro prémio do Totoloto é a previsão dos serviços de escrutínio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa Estes apostadores receberão entre 16 200 e 13 560 mil contos, conforme sejam cinco ou seis.

Para o segundo prémio prevêem-se 14 a 15 apostadores, o que dará a cada um cerca de 1 243 contos.

Quanto ao Totobola, o primeiro prémio deve ser distribuído por 208 a 225 matrizes, o que dará cerca de 91 contos a cada.

Com 12 resultados, prevêem-se 5 840 a 6 220, que receberão à volta de 3 300 escudos.

Padre Martins Júnior absolvido na Madeira

O padre Martins Júnior foi esta manhã absolvido no Tribunal Judicial do Funchal de uma acusação que lhe foi movida pelo PSD/Madeira, na sequência de um texto escrito no «Diário de Notícias» local.

No texto, que constituia uma resposta a um artigo do social-democrata Miguel Mendonça, publicada em 18 de Agosta de 1988, Martins Júnior considerava que o PSD, ao ter inviabilizado o inquérito ao desaparecimento de pratas antigas no edifício da Assembléia Regional ,«abafara comprometedoramente» o esclarecimento do caso.

O julgamento, que ocorreu na última quarta-feira, foi possível por o plenário da Assembleia Regional ter aprovado, pela primeira vez, o levantamento da imunidade parlamentar a um deputado, neste caso o padre Martin Júnior, actual presidente da Câmara Municipal do Machico.

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

B R E V E S

Comissão de Justiça e Paz quer diálogo nos transportes

O Secretariado Permanente da Comissão Nacional Justiça e Paz apela aos intervenientes nos conflitos que envolvem greves nos transportes para que «num espírito de diálogo, se empenhem activamente na procura solução justa para estas situações laborais».

«Dados os inconvenientes gravosos que daí resultam para a população do país será de perguntar se se esgotaram, no quadro democrático, todas as possibilidades de uma solução justa. E se as administrações das empresas e o próprio Governo têm analisado, com profundidade e humanidade devidas, as consequências que um bloqueio ao diálogo implica», questiona um comunicado daquela Comissão.

Em relação aos trabalhadores pergunta: «até que ponto a defesa de um grupo ou classe, em tais circunstâncias, não ofende os interesses dos que, sem o mesmo poder reivindicativo, se limitam a sofrer as consequências de todos estes conflitos laborais, como é o caso do público utilizador desses transportes»?

A Igreja não discute o direito de greve, esta muitas vezes - explica a Comissão Nacional Justiça e Paz - é o «único recurso eficaz para que seja atendida a justiça das suas pretensões». Discutível, no entanto, em alguns casos, é o seu uso instrumental, designadamente quando, ao ser considerada, não foram, de forma alguma, tidos em conta os interesses do público».

Patrões e sindicatos concordam com aproximação aos Doze

As confederações patronais e as centrais sindicais concordaram, em reunião realizada sexta-feira, ser necessário uma aproximação aos Doze em termos salariais.

O Conselho Nacional das Empresas Portuguesas (CNEP) e as centrais sindicais, CGTP e UGT, voltam a encontrar-se na terça-feira da próxima semana, na sequência desta reunião, a segunda realizada sem a participação do Governo.

Depois da reunião de sexta-feira, o coordenador nacional da CGTP, Carvalho da Silva, manifestou o desejo de continuação do diálogo e de que «o patronato não ressuscite posturas enquistadas, nomeadamente em relação à legislação laboral».

Pereira Lopes, da UGT, salientou o empenho da central em contribuir para a modernização do país e referiu-se à reunião como «um momento para aprofundar temas».

Rosado Fernandes, da CAP, admitiu que «um acordo imediato entre as duas partes tirar-lhe-ia a credibilidade». O presidente da CAP mostrou-se concordante quanto à necessidade de aumentar os salários, mas sublinhou que a aproximação à Europa significa também uma maior flexibilização e uma modernização das empresas.

Colunas-suporte de publicidade prestam serviços na cidade

Lisboa tem novos suportes para afixação publicitária e noticiário autárquico. Cerca de 20 «Colunas Descobrimentos», o novo mobiliário urbano decorativo e de informação, concebido pela empresa JC Decaux, foram colocadas, recentemente, na cidade, estando ainda previsto, para breve, a colocação de mais trinta. Estas últimas, terão funções diferentes das já dispostas nas avenidas lisboetas. Sevirão de suporte a fontes públicas, sanitários de manutenção automática, telefones públicos, vidrões e armários para comando eletrónico de semáforos e de laboratórios para avaliação permanente da poluição ambiental.

Segundo os promotores deste novo mobiliário, dar à cidade um ar mais sociável e prestar um melhor serviço público foram alguns dos objectivos que estiveram subjacentes à sua concepção. A Torre de Belém, a janela do Convento de Tomar e figuras da mitologia náutica inspiraram a configuração destas colunas, cujos custos de produção ascendem a três mil e quinhentos contos.

Suspeita de encenação em crime de Montachique

Foi encontrada quase morta no fundo de uma ribanceira, indiciando propósito de roubo e violação. No entanto, ninguém parece acreditar nessa história

Elisa Gertrudes vive, desde sempre, no lugar de Ribas de Cima, concelho de Loures. Há anos que vai todas as quintas feiras ao mercado da Malveira e, invariavelmente, regressa a casa, para junto do marido, na camioneta das 11. 30 da manhã.

Na passada quinta feira, Elisa foi bem cedo para a feira - (gente vinda até de Chaves, desloca-se à Malveira por causa do gado, dizem) - mas não regressou. As horas foram passando, Elisa não aparecia e a população foi mobilizada para procurá-la. Nem rasto.

Sexta-feira, logo pela manhã, Maria Celeste sobe a estrada íngreme que liga Ribas de Cima a Cabeço de Montachique. Estrada perigosa, já o sabe, caminha bem junto à berma.

De repente, repara no sangue ainda fresco e, curiosidade bendita, resolve averiguar. Nas ervas, um rasto de gotas vermelhas vai-lhe indicando o caminho até que ouve, distantes, uns latidos ou gemidos, não sabe ao certo. Desce a ribanceira e, lá bem fundo, um corpo estendido, grande, semi-coberto por um oleado de plástico e por uma camada de folhagem lembra-lhe as horas recém-passadas, de aflição, em busca da vizinha desaparecida.

Rui Pacheco

O sangue de Elisa é ainda bem visível na estrada e Celeste explica como seguiu, barranco abaixo, o seu rasto

Só podia ser ela. Aproxima-se e sente-se desfalecer. Estava viva, a mão mexia, levemente, ainda e Celeste redobra a coragem.

Grita muito, diz, sobe a ladeira a correr, gesticula. Um carro passa e, coincidência das coincidências, o cunhado de Elisa ali está, pronto a testemunhar e a reconhecer o corpo quase sem vida. Mas ela reconhece-o, chama-o. Talvez...

GNR de Bucelas, Bombeiros de Fanhões, PJ de Lisboa, tudo é, então, alertado e Elisa levada, ainda com vida, para a unidade de urgência cirúrgica do Hospital de S. José. Resistiu à morte durante quase 24 horas, no fundo da ribanceira. Resiste, ainda, no Hospital, em estado de coma e a ser sujeita a delicada intervenção cirúrgica.

Eram dois, os cães, a seu lado, quando foi encontrada, semi-nua, sem valores e quase morta, no fundo do barranco para onde foi, barbaramente, atirada. Cá em cima, na estrada de asfalto, duas grandes manchas de sangue sinalizam ainda a falta de cuidado de um qualquer automobilista que a vitimou.

Voz corrente no lugar, Elisa foi atropelada, arrastada morro abaixo, cuidadosamente ocultada e depois abandonada como se não fazia a um animal. Despojada de tudo o que trazia, inclusive das compras acabadas de fazer na Malveira, semi-nua e ensanguentada, Elisa poderia parecer, à primeira vista, ter sido vítima de roubo e violação. Mas ninguém acredita muito nisso.

Populares, vizinhos e a própria GNR de Bucelas, desconfiam desta «encenação» macabra e crêem antes no brutal atropelamento seguido de uma cobarde fuga. A GNR encontrou um bocado de chapa junto do local ensanguentado, uma prova que poderá tornar-se preciosa mas é ainda cedo para poder ser já afirmado que Elisa foi, sem qualquer dúvida, vítima de um descuidado e desumano automobilista.

Alguns vizinhos dizem que Elisa vivia bem, ela e o marido, os dois reformados agrícolas, gente humilde mas de algumas posses. Elisa não se coibia de o afirmar e a roubalheira, ali na Malveira, é coisa mais do que comum. Talvez a tivessem seguido e, mal ela deixou a camioneta e se aventurou estrada abaixo, a tenham tentado assaltar... Mas não, isso é impossível, contrapoem outros, às 11 30 da manhã o movimento é bastante, ninguém se atreveria a assaltá-la, ali mesmo, no meio da estrada. Atropelada, sim, só pode ter sido uma estupidez desse género.

Aliás, é já costume os carros descerem a íngreme e sinuosa estrada a mais de 100 quilómetros/hora. Eles bem os vêm passar a altas velocidades e estão sempre à espera do pior. Dois miúdos foram já vítimas de atropelamento e Elisa deverá tê-lo sido, também. O resto, todo o maquiavélico disfarce não é, senão, isso mesmo: maquiavélico.

Talvez Elisa escape. Talvez escape mas fique incapaz de tratar do marido, um reformado cego que decerto vai sentir ainda mais a dificuldade da vida. Talvez Elisa não se salve mas a população de Ribas de Cima clama já justiça. Em frente da casa de Elisa, encostados aos muros, aguardam ansiosamente notícias do hospital. Se Elisa não escapar, Ribas de Cima vai tomar medidas e declarar, de uma vez por todas, guerra aos automobilistas assassinos daquela estrada.

Emília Trindade

ARCO
FEIRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA
MADRID
Com o apoio
DISTRI Cultural
A qualidade da literatura
GRUPO DISTRI
RUA VASCO DA GAMA, 4 - 4A — 2686 SACAVÉM CODEX
Tels. 942 53 94/942 56 19
Somos especializados em livros estrangeiros

Extrema-direita aposta na conquista dos estudantes

A Força Nacional/Nova Monarquia já averbou uma vitória numa importante escola de Lisboa. O Ministério da Educação diz que está atento

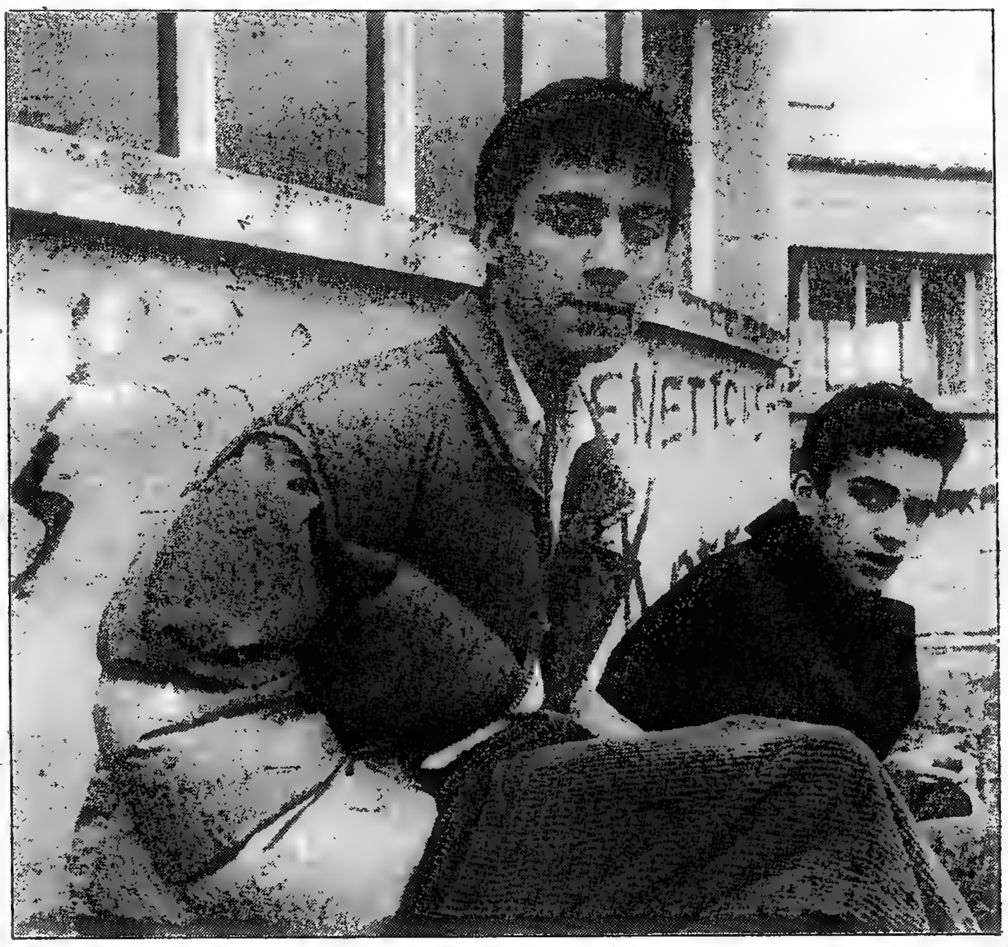
A organização de extrema-direita Força Nacional/Nova Monarquia aposta no seu reforço entre os estudantes. Para isso, está a apresentar listas às eleições para as associações de estudantes do ensino secundário. O primeiro passo foi dado na escola Passos Manuel, em Lisboa, e com sucesso. A lista «J», que contava com o apoio da FN/NM, ganhou as eleições contra outra lista conotada com a Juventude Socialista.

Mas a Nova Monarquia não tenciona parar por aqui e vai também concorrer às escolas secundárias da Cidade Universitária, Pedro Nunes e, possivelmente, Filipa de Lencastre. Uma lista de extrema-direita, com o apoio desta organização política, concorreu ao sector pré-universitário da Universidade Autónoma, tendo obtido mais de 30 por cento dos votos.

No Porto a FN/NM irá concorrer, este ano lectivo, à direcção dos órgãos associativos de duas escolas: Rodrigues de Freitas e Clara de Resende. Também Coimbra não será esquecida pelos nacionalistas, que se apresentarão com uma lista nas eleições para a Associação de Estudantes da Escola D. Duarte.

O ensino superior fica para mais tarde. «A FN/NM não está preparada, enquanto não terminar a sua reestruturação, para concorrer a este tipo de estabelecimentos» disse ao «DL» Miguel Castelo-Branco, presidente da organização, acrescentando que a concorrerem em qualquer faculdade, isso acontecerá lá mais para o fim do ano lectivo.

O Ministério da Educação diz que «está atento» a estas intenções da extrema-direita portuguesa. O secretário de Estado da Reforma Educativa, Pedro da Cunha, afirma ao «DL» que o Ministério «não vai entrar em guerras ideológicas, ficando na expectativa e não intervindo, enquanto estes factos não mostrarem ter consequências negativas para o funcionamento das escolas».



Para os colegas, a formação da lista «F» foi uma brincadeira

Militância de votos

«Nunca estivemos nestas andanças, éramos só um grupinho de turma», disse-nos o novo presidente da Associação de Estudantes da Escola Secundária Passos Manuel. Mas entretanto a FN/NM ofereceu-lhes apoio e a esse veio juntar-se o da JSD. Apesar da «militância do voto dos pseudo-intelectuais de esquerda, que andam de livrinhos debaixo do braço, vestidos de preto e com boina», tal como o Miguel Rodrigues caracterizou os eleitores da lista adversária, a lista «J» ganhou as eleições, numa escola onde isso parecia pouco provável.

O apoio que estas listas têm obtido é justificado por Diogo Rodrigues, responsável da Nova Monarquia para o trabalho com as associações de estudantes, pelo facto dos jovens serem «criativos e já não se deixarem levar por velhas paixões como a do 25 de Abril».

As listas da Nova Monarquia para as associações de estudantes não são as primeiras de extrema-direita a concorrerem a órgãos do movimento associativo do ensino secundário. Já em Coimbra, no inicio do mês passado, uma lista que se autodenominava de fascista, se candidatou às eleições para a Associação de Estudantes da Escola José Falcão.

«Não gosto nem de pretos nem de comunistas: são estúpidos» foi a justificação que o Telmo deu para ter formado a lista «F», que aos olhos dos seus colegas foi uma brincadeira. Seja como for, as outras listas concorrentes não gostaram do programa daquele grupo de jovens, onde se propunha «a construção de câmaras de gás para extermínio de comunas e de outros membros de raças inferiores» e, utilizando como argumento a Constituição Nacional, não permitiram que a lista concorresse.

Quer os membros da lista «F» de Coimbra, quer os da lista «J» do Liceu Passos Manuel queixam-se de perseguições. Os primeiros, por aquilo a que chamam a «pretalhada» e os segundos, por alguns professores de esquerda. Miguel Rodrigues afirma que o próprio Conselho Directivo deste liceu de Lisboa, apesar de ter aceite a escolha dos estudantes, não a acolheu com muita satisfação. «Dizem que nós somos fascistas mas eles é que não nos toleram» acrescentou o presidente da Associação de Estudantes.

O novo partido

A reestruturação da Força Nacional/Nova Monarquia para a sua posterior transformação em partido é, no entanto, neste momento, a prioridade dos nacionalistas. Segundo o líder da organização, a FN deverá concorrer às proximas eleições legislativas e «elegerá deputados». Até lá, a Força Nacional pretende criar núcleos regionais. Os primeiros deverão ser em Lisboa, Porto e Funchal, onde funciona a Associação Pátria, que deverá fechar as suas portas para dar lugar ao núcleo do novo partido.

Outro dos problemas que se põe à organização é o financiamento. «Existe uma certa cobardia por parte de quem tem mais posses e perfilha das nossas ideias» diz Diogo Rodrigues. Mas esse problema poderá ser brevemente resolvido. Uma das soluções pode ter a ver com os contactos que a FN/NM diz estar a ter com o Partido Conservador britânico, o Partido Republicano americano e o CSU alemão. Estes contactos não tornam, no entanto, provável que a Força Nacional concorra alinhada com a direita conservadora europeia ao Parlamento Europeu.

«Temos boas relações com a Frente Nacional francesa, a Força Nacional espanhola, o Movimento Social Italiano e o Partido Republicano alemão» confirma Miguel Castelo Branco, devendo ser com estes partidos que a FN portuguesa alinhará ao nível europeu.

Processo contra Francisco Louçã

Entretanto a FN/NM prepara-se igualmente para mover um processo judicial contra Francisco Louçã. O dirigente do PSR é acusado por Miguel Castelo-Branco de difamação, ao insistir em ligar o Movimento de Acção Nacional (MAN) à FN/NM. «Da primeira vez que Louçã nos conotou com eles, nós compreendemos, pois estava sob o efeito traumático causado pela morte de um colega de Partido» diz Miguel Castelo-Branco, que no entanto acusa o líder do PSR de reincidir nas acusações.

Também numa tentativa de «limpar» a sua imagem, a Força Nacional pediu uma audiência com o novo ministro da Administração Interna, Manuel Pereira, para que, «quer o PSR quer a imprensa, parem com estas acusações». «Nós somos as primeiras vítimas desse bando de dementes que são os *skins*», garante Miguel Castelo-Branco.

Daniel Oliveira

BREVES

Medicina dentária ilegal tem 3500 praticantes

Em Portugal existem cerca 3500 indivíduos a exercer ilegalmente a medicina dentária, sustenta o professor da Faculdade de Medicina Dentária do Porto Fontes de Carvalho.

Este promotor das primeiras Jornadas de Medicina Dentária, que decorrem entre 14 e 18 de Fevereiro, na capital do norte, acrescentou que «cerca de dois mil são brasileiros, sendo os restantes portugueses». A maioria, sublinhou, «não possui a formação básica escolar»

Arejamento dos quartos previne efeitos dos ácaros

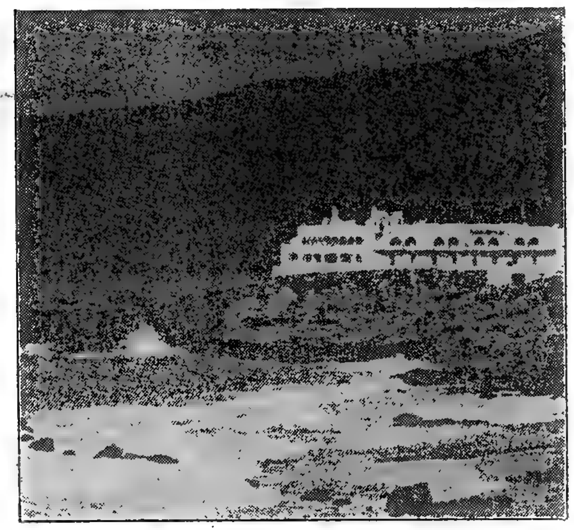
A prevenção dos efeitos dos ácaros, micro-organismos que proliferam designadamente nos colchões, cobertores e almofadas, pode ser realizada através do arejamento dos quartos e da desinfecção profunda desses *habitats*, segundo sugestão feita em debate entre meia centena de especialistas em alergologia.

Também foram apontadas novas substâncias que destroem os ácaros, bem como modernas tintas para as paredes, que actuam contra os fungos. Os ácaros do ambiente são responsáveis por alergias respiratórias do nariz e traqueia, rinites e asmas.

PSP divulga normas em livros infantis

A Polícia de Segurança Pública produziu uma série de três livrinhos destinados às crianças do ensino básico, para colorir, com o título «Brinca em Segurança».

Cada livrinho apresenta 18 situações de segurança que podem ocorrer no dia-a-dia das crianças, cada uma delas ilustrada com um desenho e uma legenda. A distribuição destas obras, anunciada para breve, tem por objectivo ensinar as regras mais importantes de segurança de forma prática e divertida.



A quinzena gastronómica de Monção decorre no Hotel do Guincho até 4 de Março

Gastronomia tradicional em quinzena no Guincho

A transmissão de mães para filhas dos segredos da confecção dos pratos da gastronomia tradicional portuguesa complementa a experiência das cozinheiras que participam na Quinzena da Lampreia, do Sável e do Salmão, cujo início tem lugar na próxima sexta-feira, no Hotel do Guincho.

É o caso de Dorita Pina, que aprendeu a arte, designadamente, com Maria de Lurdes Moscoso, cozinheira afamada de Monção, vila que mantém o ceptro da melhor confecção de lampreia, assim como do salmão e do sável

Museu da Marinha sofre beneficiações

O Museu de Marinha encerra as suas portas a partir de amanhã, durante cerca de trinta dias, para obras de beneficiação. Segundo o porta-voz do gabinete do chefe do Estado-Maior da Armada, a instituição pretende melhorar a iluminação das peças de grande valor histórico que ali se encontram, bem como montar uma vitrine especial de alta segurança para a colecção de astrolábios, que é a maior da Europa.

O Museu irá ainda preparar, durante o período de encerramento, um espaço nobre para a instalação de uma réplica das pedras de Yelala, marco importantíssimo da presença de Diogo Cão no rio Zaire, nos finais do século XV.

O sociólogo José Manuel Paquete de Oliveira, o economista José Maria Brandão de Brito, o jurista Rui Epifânio, o psiquiatra José Carlos Dias Cordeiro, a técnica de educação Maria Emília Brederode Santos, a educadora de infância Graça Vilhena e a jurista Ana Prata formam o Grupo de Trabalho sobre Assuntos Sociais que voltou a reunir-se este mês. O acesso ao ensino foi o tema escolhido. O «numerus clausus » e a Prova Geral de Acesso foram as vedetas da sessão:

Educação: direito do cidadão, dever do Estado

Francisco Paraíso

M. Emília Brederode - São duas coisas diferentes, uma é o «numerus clausus »e outra a Prova Geral de Acesso (PGA). É óbvio que a segunda não poderia resolver o primeiro, embora se tenha criado essa confusão nos espíritos. O problema é que há lugares insuficientes na Universidade para se poder resolver a questão de quem entra e de quem fica de fora, e com PGA ou sem PGA o número de lugares é o mesmo. Outra questão que as pessoas põem é se queremos ter desempregados com ou sem diplomas. Eu prefiro os desempregados com diplomas, porque acho que todas as pessoas devem ter acesso à educação. E o combate, para mim, é muito mais contra o «numerus clausus», do que contra a PGA. Em relação a esta, acho que valia a pena ver a sua legislação e aquilo que se propunha fazer. Penso que uma das coisas era uniformizar os critérios de avaliação. É óbvio que falhou e que há muitas críticas a fazer, a primeira das quais é o ter sido introduzida a meio do ano. Interrogo-me mesmo, do ponto de vista jurídico, se isto é legítimo. As pessoas entraram no complementar com determinadas expectativas que foram falseadas.

Há ainda outra confusão. O «DL» diz que os candidatos a cursos científicos foram penalizados com uma prova sobre assuntos literários. Ora é preciso ver que as pessoas de cursos científicos não estavam em competição com as de cursos literários, mas entre eles. Quanto muito, os científicos menos dados a um espírito cultivado podem ter ficado penalizados em relação a outros científicos mais actualizados e mais interessados nos problemas do mundo actual, mas não houve qualquer competição entre científicos e literários.

J. M. Brandão de Brito - Há, de facto, dois problemas, os quais acabam por se ligar. A PGA acabou por, independentemente das intenção Ministério, se transformar numa prova de português e de cultura geral. Eu defendo que os estudantes que vão para a Universidade, quer sejam dos cursos técnico-científicos, quer sejam dos cursos das áreas humanísticas, têm de ter conhecimentos mínimos de português e o mínimo de referenciais, se quisermos chamemos-lhe cultura geral, que lhes permita entender o ensino ministrado e a forma como é ministrado, porque há, de facto, diferenças substanciais entre aquilo que é dado no secundário e o que é dado no ensino superior. Não sei ainda se a PGA resolveu isso ou não, até porque as aulas começaram há pouco tempo. Mas, este problema acaba por se ligar ao dos «numerus clausus», porque o peso que a PGA teve no ordenamento dos estudantes foi tal forma decisivo, que na prática passaram a poder optar pelo curso pela classificação que tiveram na PGA. Tenho conhecimento de casos concretos de pessoas que gostavam de ter ido para Medicina mas nem sequer se inscreveram porque tiveram receio de arriscar aí a sua primeira opção e, afinal, teriam entrado para Medicina e agora, estão inscritos num curso que acaba por ser uma segunda escolha; são os efeitos perversos de todo este sistema. Quanto ao «numerus clausus», recordemos que ele apareceu para resolver uma emergência que surgida logo a seguir ao 25 de Abril com o alargamento do direito à educação. Hoje, está transformada num processo burocrático. Uma universidade pode receber cem e, portanto, recebe cem. Independentemente de se o país precisa mesmo de cem, se há cem a mais ou a menos.

J. M. Paquete de Oliveira - O efeito social que se criou com a PGA foi precisamente o de fazer crer que esta prova seria para resolver a questão do «numerus clausus». No fundo, não vejo resolver nada e criou novos problemas. Segundo a secretaria da escola onde trabalho, há uma inversão relativamente àquilo que se tem verificado nos últimos anos: as turmas da noite estão mais repletas de alunos e nos cursos da tarde é da noite há mais traba-lhadores estudantes. A PGA põe problemas como os dos critérios de feitura e de avaliação. Isto, porque os critérios de feitura foram estabelecidos à escala nacional e os de avaliação foram distribuídos pelos vários grupos de docentes e creio que aí, se fossemos a fazer um estudo, havia grande diferenciação. Este é um problema de fundo, já que há diversos padrões de cultura de base e nítidas diferenças entre as escolas de Lisboa e de Coimbra, por exemplo. É nítido que os valores mais insistentemente veículados diferem de universidade para universidade. Julgo que é importante discutir se a PGA deve ser mantida à escala nacional e quais foram os factores de inversão que ela já provocou e se tem contribuído para inverter os estratos sociais que estavam a ter acesso à Universidade, se inverteu ou reforçou.

«Os exames ad hoc foram uma lufada de ar fresco»
(Maria Emília Brederode)

Rui Epifânio - Nós, de um determinado estrato social, queremos que os nossos filhos vão para a faculdade e tendemos a confundir acesso à educação com acesso à universidade. Nem se põe o problema de eles irem frequentar outra escola ou terem até outra opção. E aí, um dos riscos que corremos é o de criarmos desempregados com canudo, o que é altamente frustrante para todos e, sobretudo, para eles. Será que se pode dizer que só os «doutores» tiveram o direito à educação e são educados? Porque é que não há-de haver pessoas que se sintam felizes sem terem necessariamente um canudo? Sabemos lá se o jovem não prefere tirar um curso profissionalizante, se quer ser outra coisa... É um estereótipo como julgo ser, noutro plano, o que encarreira os candidatos às magistraturas mais para a magistratura judicial do que para a do ministério público quando, às vezes e à partida não distinguem bem as funções de uma é de outra.

Graça Vilhena - Eu não tenho que ser forçado a entrar na faculdade, o que eu tenho é de ter o direito de ingressar na Universidade. O que me importa são os modelos e os valores que são passados aos jovens. Que imagem, que modelos, que valores, que noção lhes fornecemos?

Rui Epifânio - No Tribunal de Menores onde trabalhei alguns anos assinalei alguns casos de maus tratos que consistiam na sobrecarga desses jovens; aqueles que de manhã são obrigados a ir para o «ballet», à tarde para o inglês e depois para os computadores numa falta de respeito pela sua individualidade e ainda com a pressão de se ter uma média muito alta para não falhar em nada e muito menos na PGA. É uma coisa que começa aí pelos 12/13 anos, porventura antes, e que nos leva a questionar. Teremos (nós os adultos) a consciência tranquila? Demos-lhe o apoio necessário, modelos para se conhecerem, organizarem a sua autonomia e optarem de acordo com a suas capacidades e características?

Ana Prata - Penso que naquilo que disse há uma questão que é o ponto de partida para esta discussão: que é a de saber qual é o conteúdo do direito ao ensino ou, se quisermos, ao contrário, e por outro lado, qual é o conteúdo do dever estadual de satisfazer o direito ao ensino. Creio que o direito ao ensino não se confunde com o acesso à Universidade. O que me parece é que o Estado não corresponde aos interesses, às necessidades e aos desejos de muitos jovens que no 9 e 10 º anos já manifestaram claramente vocação, apetência ou interesse por outra via de preparação que não é a via universitária. Não há saídas para esses jovens. Fala-se da via profissionalizante, que não é via para coisa nenhuma porque as pessoas continuam sem encontrar saídas, isto é, escolas de formação profissional, de nível médio ou superior. A própria questão do «numerus clausus »tem também a ver com a oferta de outras saídas de ensino, diferentes da preparação académica universitária. Julgo que a questão do « numerus clausus» é fundamentalmente a de saber o que é o direito ao ensino e qual a extensão que este deve ter. O direito ao ensino só pode ser satisfeito pelo Estado, pelo ensino público? Ou também pelo ensino privado , e em que termos? Quando falamos de numerus clausus temos também e necessáriamente de falar na forma como o Estado autoriza as universidades privadas. Como se dizia há pouco, no fundo, o « numerus clausus » é-nos apresentado como sendo determinado por factos consumados, pela capacidade física das escolas. Há escolas que crescem diversamente e outras que curiosamente decrescem. Não decrescem fisicamente nem em termos de pessoal docente, mas em termos de numerus clausus. A Faculdade de Direito de Lisboa é um exemplo disso: o «numerus clausus» tem vindo a diminuir sistematicamente.

J. M. Brandão de Brito - Isto tem bastante a ver com as universidades privadas, como foram constituídas, quem afinal compõe o seu corpo docente.

Ana Prata - A universidade não encolheu, o corpo docente também não: porque que será, então, que encolheu os « numerus clausus » naquela faculdade?

Rui Epifânio - É uma questão que é capaz de estar ligada à falta de saídas profissionais. Onde é que se metem os licenciados em Direito?

«O efeito social que se criou com a PGA foi precisamente o de fazer crer que esta prova seria para resolver o «numerus clausus». Não veio resolver nada e criou novos problemas»
(José Manuel Paquete de Oliveira)

Ana Prata - Não creio que seja uma política profiláctica do Conselho Científico da faculdade, no sentido de evitar a frustração dos licenciados em Direito, que, por falta de saídas profissionais, têm de se resignar a empregos como o de porteiro de hotel. Tenho a impressão é que é mais difícil dar explicações em casa do que constituir uma universidade privada, isto no que diz respeito aos requisitos necessários para estas universidades, contra as quais eu não tenho nada, a não ser existirem nos termos em que existem. São universidades de cuspo e giz. As universidades privadas vivem fundamentalmente do curso de Direito e dos doutores em Direito, que são poucos para serem bons. Daí que a faculdade de Direito de Lisboa tenha uma capacidade cada vez mais reduzida para receber alunos. Por outro lado, penso que a autorização de universidades privadas é uma resposta por parte do Estado ao direito ao ensino. Este tem obrigação de fornecer ensino, mas não há verbas, não há capacidade para fornecer. Não sei se é um problema estritamente financeiro o que leva ao «numerus clausus». O ensino, por ser público, não tem de ser totalmente gratuito. São dois problemas di-ferentes, o de o Estado facultar o ensino a quem quiser e o de que o Estado tenha de fornecer ensino universal gratuito. São problemas que ainda se colocam - e hão-de resolver-se - diversamente consoante o grau de ensino. Se a escolaridade básica - até ao 9º e 10 º anos - tem se ser proporcionada a todos gratuitamente, já quanto ao ensino universitário é discutível a necessidade de gratuitidade universal.

J. C. Dias Cordeiro - Porque não há-de ter o direito à educação um plano superior? As pessoas desde que tenham capacidades para chegar a esses níveis devem ter possibilidade de acesso à Universidade, o que penso é que não há diversificação suficiente. Há muitos cursos tradicionais. Fala-se muito de Direito e de Medicina. É preciso que se criem uma série de cursos novos já existentes noutros países. O «numerus clausus» só tem sentido se houver uma planificação que pretenda responder às necessidades reais. Nós não temos tido oportunidade de criar novos cursos e isso preocupa-me. Outro problema interessante é o do acesso. Este é feito habitualmente através das provas escritas, o que faz que, por vezes, sejam privilegiados aspectos que não são os mais importantes, em detrimento de outros que a psicologia nos ensinou e permitem um maior reconhecimento da capacidade de chegar à faculdade. Isto prende-se com o problema da PGA. Uma das críticas que se pode fazer à PGA é ser uma prova elitista, no sentido em que havia pessoas

Francisco Paraíso

O Grupo de Trabalho sobre Assuntos Sociais

que, dada a camada a que pertencem, fariam uma prova culturalmente superior e teriam à partida maior facilidade de ter boas notas. Isto não acontece quando se faz uma avaliação das capacidades de raciocínio. Por exemplo, a entrevista tem um peso muito grande nos Estados Unidos o que não acontece cá. Ficamos pelas provas gerais não se dando qualquer destaque à entrevista, ao contacto pessoal e à motivação. A expectativa que os pais têm, por vezes, em relação aos jovens não corresponde àquilo que eles mais profundamente desejam. Este é dos problemas mais importantes, em termos do equilíbrio, de um grupo, de uma pessoa, etc., e do ter uma pertença cultural e uma pertença familiar. E, nós vemos que muitos jovens que chegaram, esbarraram e não entraram, ficaram sem acesso ao Ensino Superior, o que os leva a ficar, durante muito tempo, sem pertencer nem à classe do secundário, nem à classe do superior e isso de facto é um momento de grande perturbação.

«O «numerus clausus» só tem sentido se houver uma planificação, no sentido de corresponder às necessidades reais»
(José Carlos Dias Cordeiro)

M. Emília Brederode - Gostava de recordar dois pontos: um, porque é que surgiu o «numerus clausus», No nosso tempo, o «numerus clausus» não existia. Já eram tão poucos os que chegavam lá que havia sempre lugar. O numerus clausus quando surge é sintoma de duas coisas positivas: um aumento de escolarização da sociedade portuguesa e de sua maior democratização. Um segundo ponto, é que não acho que o direito à educação seja o direito à Universidade, mas o de as pessoas aprenderem sempre mais qualquer coisa quando o desejarem e sentirem necessidade. O problema maior relaciona-se com o que já se disse: quais são as alternativas à Universidade. Sabemos que existe uma série de profissões novas que até são muito mais bem pagas que aquelas para as quais se tem um curso universitário, mas que no fundo são muito menos democráticas, no sentido em que o acesso a elas é muito mais condicionado. É o caso de ter um primo na televisão, ou ter um primo que tem um restaurante ou um hotel. São, de facto, profissões para as quais não há um acesso aberto, porque não há uma educação formalizada. Portanto, vamos às alternativas, mas estas têm de existir, de ser conhecidas e as pessoas têm de saber como é que lá chegam. Há ainda o aspecto da descrença: mesmo que existam alternativas será que inspiram confiança? Se calhar não, e é natural que se acabe sempre por procurar a Universidade, embora me pareça que a aspiração a «doutor» já não é tão forte como antigamente, porque hoje em dia já se sabe perfeitamente que há mil e uma profissões onde se ganha mais do que um professor de liceu. Eu gostaria que o meu filho fosse para a Universidade, não pelo facto de ser doutor, mas por um certo espírito, que talvez tenha a ver também com a pertença que se cria, uma certa disponibilidade, um certo tempo de poisio, de reflexão, que acho importante na formação das pessoas. Talvez seja isto o direito à educação, a possibilidade de haver esse tempo.

Também se falou aqui se é problema ou não do Governo a criação de novas instituições. Acho que o Governo tem obrigação de criar mais instituições, de ensino superior ou não, mas acho também que toda a sociedade portuguesa tem uma enorme responsabilidade no facto de isto não existir. De cada vez que se cria uma faculdade na Beira ou noutro sítio, «aqui d'el rei» que aquilo não tem qualidade, «aqui d'el rei » que os professores foram formados em aviários. No politécnico, o projecto é completamente pervertido porque, quando se começa a fazer a selecção dos professores, acaba-se por exigir aos professores do politécnico os mesmo requisitos que aos professores da Universidade, quando as intenções do Politécnico eram completamente diferentes. Acontecem aberrações como numa escola de formação de educadores de infância ou do ensino primário não ser possível legalmente contratar professores do ensino primário ou educadores de infância. Não é possível porque é preciso uma licenciatura. Depois há a questão de reingresso no sistema educativo. É importante as pessoas que fazem o seu curso normal continuarem por ali fora, mas também é importante que haja possibilidade de reingresso, que as pessoas possam sair, ir viajar ou trabalhar e possam voltar com alguma facilidade. Isto é uma coisa que está quase completamente vedada. Os exames «ad hoc» foram uma lufada de ar fresco, mas sabemos do desprezo com que muitos professores falavam desses exames. E, aqui, acho que a culpa não é só dos vários Governos, mas de nós próprios. Há uma exigência muito maior se a pessoa não segue o sistema normal.

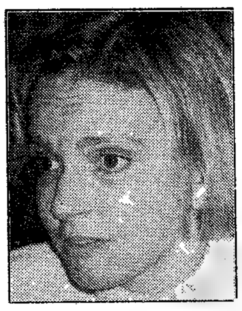
«As universidades privadas são de cuspo e giz»
(Ana Prata)

Quanto ao «numerus clausus», há duas vertentes. Por um lado, o não ultrapassar as possibilidades das instituições e, por outro, corresponder às necessidades do País. Mas, todos sabemos que é cada vez mais difícil planificar e prever as necessidades. Não sei se era evidente há dez anos, quando se criou o numerus clausus, que iria haver falta de professores de educação física ou de português. O que é verdade é que se criou a necessidade do desporto e a cooperação é uma via de escoamento para essas profissões. Agora, aparece a PGA. Penso que esta «a priori» tinha algumas vantagens, inconvenientes e alguns riscos. A vantagem poderia ter sido uma forma de forçar uma certa abertura do ensino secundário a uma maior actualidade, criando um exame em que se fazia apelo à cultura geral das pessoas e ao português. Penso, também, que se procurou uma certa distribuição de poderes: havia a polémica se as pessoas entravam no ensino superior com notas dadas pelos professres do secundário que as tinham acompanhado, ou se deveria ser a Universidade que os iria acolher que deveria ter maior peso. A PGA era um bocado a distribuição por três fontes de poder. Tinha o inconveniente que era o do momento em que foi introduzida e tinha uma vantagem, que era a de valorizar uma certa cultura humanística, a qual tendia a ser desvalorizada. Esta cultura humanística é o que é mais difícil de avaliar. É muito mais fácil de avaliar uma prova de matemática do que um bom raciocínio. A questão é se a PGA é socialmente discriminatória ou não. Dá-me ideia que da forma como ela foi pensada tinha mais a ver com uma cultura dada pelos meios de comunicação social do que propriamente pelos tratados de literatura. Assim não sei se ela é mesmo discriminatória, porque a televisão é um meio democrático.

J. M. Paquete de Oliveira - É preciso saber se, de facto, todos deveriam ser examinados pela cultura mediática, a aquisição de conhecimentos a partir dos grandes media, ou constituir uma prova que, no fundo, partia, em certos campos, de uma prova de comunicação social. Penso que, neste momento, os modelos culturais de quem faz, e de quem corrige a prova, têm grande divergência dos modelos culturais de alguns estudantes. Julgo que não há uma adequação entre os modelos culturais do fabrico da prova e os modelos culturais dos destinatários para quem ela se dirige. A própria ideia que se tem das universidades e do próprio nível de ensino que se ministra aí é um problema interessante. O problema que se pôs em relação ProvaGeral de Acesso também se terá de pôr em relação às universidades. De facto, as universidades têm hoje uma variante que provoca um grande hiato entre os jovens que chegam a elas. Se formos ver as poucas vagas criadas vê-se que estas se deram nas universidades de Aveiro, Beira Interior, Faro, Minho, etc., porque, como disse a Maria Emília, há um reconhecimento social diferenciado em relação a essas universidades, quer por parte candidatosquer por parte dos próprios agentes sociais. Ainda é mais profundo ver o que existe a propósito de alguns novos cursos. Para mim, é intrigante que as ciências sociais venham em quinto ou sexto lugar de opção, que nas faculdades de Lisboa a única que ficou com vagas foi a faculdade de ciências e alguns cursos novos, para os quais não há modelos culturais que favoreçam a adesão. Isto coloca os problemas do reconhecimento social e do valor do canudo, que não são um problema só do Governo, mas também da sociedade.

J. M. Brandão de Brito - Há muitos jovens que não sabem fazer a sua escolha porque desconhecem a existência de muitos cursos. E, se há alguns melhor informados, que vivem nos centros urbanos e têm de facto acesso a esse tipo de informação, há muita outra gente que faz opções tradicionais, como a Medicina e o Direito, a Economia. Os cursos inovadores acabam por sofrer com o facto de não serem conhecidos individualmente e reconhecidos socialmente. Mas, gostava agora de voltar um pouco à história das alternativas. O que me confrange é o problema da estratégia da educação em geral e em particular para o Ensino Superior.

É que as estratégias que estão fixadas acabam por ficar confinadas a dois ou três critérios, qual deles o pior. Um, é a dimensão física das universidades, o tal «numerus clausus» que apareceu para resolver uma emergência e que acabou por se eternizar. O segundo, são as universidades privadas. Estas nasceram logo com uma marca de perversão, porque surgem não para satisfazer as necessidades sentidas na sociedade, não para complementar ou preencher as lacunas das universidades públicas, mas para concorrer com estas, com alguns cursos, onde os custos são mais baixos. Para fazer economistas, juristas, advogados ou licenciados em História basta ter uma sala, umas carteiras e um professor. Aquilo em que as universidades públicas poderiam estar estranguladas e aquilo que podia naturalmente prestigiar as universidades privadas são os cursos caros, aqueles que exigem laboratórios, instrumentação sofisticada, mas isso elas não fazem porque seriam exigidos orçamentos bastante mais volumosos. No fundo, as universidades privadas vêm concorrer exactamente no pior sentido com



«Não tenho que ser forçado a entrar na faculdade, o que eu tenho é de ter o direito de ingressar na universidade»
(Graça Vilhena)

as universidades públicas. Não melhoram nada, os professores são basicamente os mesmos e a relação professor aluno, quer do ponto de vista do contacto pessoal quer do ponto de vista da relação numérica é, às vezes, ainda pior nas universidades privadas do que nas públicas. Alguém há pouco referiu que a Universidade, mesmo que não sirva para mais nada, deveria ser um lugar de poisio. Penso que essa Universidade já não existe e a actual é também dramaticamente frustrante para quem não consiga adaptar-se à concorrência.

Em relação à PGA corro o risco de considerar que ela é, de facto, socialmente discriminadora, na medida em que faz apelo à tal cultura letrada, que privilegia uma classe que lhe tem acesso. Suponho que nenhum de nós pode ter dúvidas que a PGA, pese as boas intenções com que foi criada, acabou por introduzir mais um elemento de distorção na forma de acesso à Universidade. Para quem ficou de fora, aqueles que têm dinheiro podem ir para as universidades privadas. No plano dos princípios, não tenho nada contra estas universidades, mas parece-me que a permissividade em relação a elas está a levanta vários problemas como seja um aproveitamento, digamos no mínimo de moral duvidosa, de quem ficou de fora. Os jovens que não entraram vão fazer um exame de admissão, pagar propinas

continua na pág.22

GRUPO DE TRABALHO DL/ASSUNTOS SOCIAIS

Educação: direito do cidadão, dever do Estado

continuação da pág. 21

como se se tivessem inscrito em Outubro, pagam a taxa de inscrição e depois começam as aulas em Fevereiro ou Março. Penso que isto constitui um escândalo e é feito com a complacência das nossas autoridades que, pelo menos, fazem de conta que ignoram o problema. Isto é grave e mais uma vez nos remete para a questão dos jovens serem tratados, em alturas cruciais e fundamentais que têm a ver com o seu futuro e que mexem com a sua vida, de uma maneira em que a sua cidadania é pouco valorizada.

Rui Epifânio - Não sou contra as universidades privadas na medida em que qualquer sociedade aberta e moderna deve oferecer um leque de respostas diversificadas. Essa sociedade aberta é uma sociedade que, mais cedo ou mais tarde, fará emergir o que só tiver qualidade, e também progredirá: na formação de uma mentalidade que respeite, desde o princípio e sempre, a dita autonomia do jovem na escolha do modelo de vida e lhe proporcione, em todo o lado, um espaço de reflexão, criação e, claro, de poisio.

M. Emília Brederode - Não, as outras coisas são muito mais profissionalizantes, a universidade no fundo seria menos profissionalizante e seria essa a sua característica específica. A Universidade para mim não é um meio de conseguir emprego e é essa talvez a grande opção: se a Universidade é profissionalizante e só lá podem entrar as pessoas para as quais existem necessidades do país ou se as universidades são de facto o tal espaço de poisio para pensarmos, pertencermos a uma comunidade diferente. E então aqui as pessoas à saída não têm de ter emprego , pode ser que vão para o desemprego, mas eu penso que sempre vão melhor.

J. M. Brandão de Brito - Deixem-me contar aqui o que aconteceu quando as aulas começaram este ano. No primeiro dia, fiz o discurso de que a Universidade é uma casa de saber onde se dirigem as pessoas para, sobretudo, aprenderem a pensar. Na segunda aula, fiz uma curtíssima introdução e passei-lhes uns exercícios. Foi quase preciso pô-los na rua e dizer-lhes que a aula tinha acabado. Têm uma perspectiva funcionalista da universidade e acabam por perder os valores da reflexão e de uma aprendizagem do poisio e do convívio. Há uma grande pressão, os corredores antigamente eram um sítio onde as pessoas conversavam, hoje, são um lugar onde as pessoas se atropelam.

M. Emília Brederode - É por eles chegarem dessa forma à Universidade que lhes faz bem passar por lá.

J. M. Paquete de Oliveira - Penso que não devemos cair numa certa ideia mítica da Universidade. Esta deve ser um espaço para criar a capacidade de reflectir e de desenvolver a inteligência para se adequar à realidade; mas tem de complementar ou introduzir a via profissionalizante e isto sem qualquer menosprezo. As duas componentes de ensino devem ter alguma ponte de comunicação, embora com destinos e objectivos diferentes. A própria Universidade é que se tem de interrogar hoje sobre o que é ser advogado, médico, sociólogo

«O « numerus clausus» não pode ter fim»
(Rui Epifânio)

ou economista. O contexto social é que fez oscilar tudo isso e penso que esta componente tem de fazer com que a universidade se reveja a si própria. Tem de dar o espaço, mas tem de cultivar esta via profissionalizante, onde a própria universidade muitas vezes, está dissociada da envolvente e isso é grave. Penso que o problema é um conjunto de factores que andam à roda do « numerus clausus». O chegar até aqui já foi a partir de dados positivos, a escolarização obrigatória que fez aumentar o número de alunos e uma maior democratização. O que se coloca agora sobre o numerus clausus é se isto é a única maneira de resolver o problema e se está bem equacionado. Interessa discutir o «numerus clausus» e em que medida é que eles vão cristalizando uma situação nacional e se a PGA não só não veio resolver este problema como ainda está a reforçar toda essa ideia de utilitarismo da Universidade. Penso que as alternativas deviam ser equacionadas como uma mudança radical dos modelos culturais não só dos que vão para a universidade, mas também, da sociedade e do meio envolvente.

J. C. Dias Cordeiro - Uma das ideias é que o numerus clausus está a funcionar um pouco como uma selecção negativa. Outro aspecto é que para mim o problema do «numerus clausus» não começa apenas no 12 º ano, começa muito antes, no sentido em que se vão criando expectativas nas pessoas, em relação à universidade, em detrimento de coisas que são igualmente importantes. Essas ilusões acabam por ficar abolutamente frustradas. Outro aspecto é se a competição que está a ser criada não nos está a levar para uma valorização de coisas que não são tão importantes. A questão que é valorizada é a nota e esta é tirada do modelo tradicional.

Graça Vilhena - Há pouco estava-se aqui a levantar um modelo cultural que é imcompatível com o «numerus clausus». Se nós achamos que esse tempo de poisio é indispensável, se ele não puder ser compatível com uma profissão profissionalizante, à partida, se não arranjamos uma compatibilidade, não pode haver« numerus clausus». Todos nós temos de ter acesso a esse tempo de poisio.

Bom, aqui também se diz que temos de ter noção do país real em que vivemos. Concordo quando se diz que tem de haver os tempos de poisio, mas também tem de haver uma eficácia, um profissionalismo e uma certa resposta. Se houver mesmo um limite, será que não pode cercear esse tempo de poisio e de procura, da ausência da linha de montagem, a que são submetidos os nossos adolescentes. Neste momento, não lhes damos tempo para vaguear. Pergunto se no país real que temos, com os profissionais que temos, com a capacidade económica que temos, se não somos capazes de fazer frente a uma Universidade com «numerus clausus», e de se encontrar respostas profissionalizantes, que encontrem também esse espaço de disponibilidade para o saber. Essa capacidade de se projectar no futuro desejável. Faz-me aflição aceitar o numerus clausus.

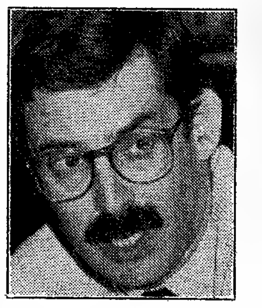
J. M. Paquete de Oliveira - Penso que o criar de alternativas passa pelos aspectos da formação como passa pela valorização dessas mesmas alternativas. Não sei se o jovem, hoje, quando escolhe um curso, a pergunta que lhe pesa mais é: que faço com esta curso?, ou se é quanto é que ganho com este curso? Neste ganhar também vem um pouco a credibilidade do curso. O que é certo é que o jovem se confronta com estes valores.

Graça Vilhena - Penso que estas alternativas têm de ter muita qualidade porque os jovens precisam de acreditar nelas.

J. M. Paquete de Oliveira - De facto a qualidade tem de estar associada à credibilidade. Por exemplo, o ISCTE lançou este ano um novo curso, de informática, que não constava nas primeiras informações fornecidas pelo Ministério e ficou na escolha nacional quase com mais de mil candidatos. Isto só com informação de última hora. É claro que tudo isto tem a ver com o facto de os informáticos já terem ganho credibilidade neste país, a qual foi ganha através dos media.

Este conjunto de factores vai criando no tecido social a mudança de valores em relação à escolha dos cursos e das próprias alternativas.

Ana Prata - O mercado de trabalho vai fazer a selecção e, ainda assim, não separa águas completamente, porque, para entrar para a função pública, pode ser apenas necessário ter uma licenciatura em Direito, por exemplo. E, de um ponto de vista formal - o que é, em tais situações, relevante - qualquer título de licenciatura é bom, porque são todos de igual valia. O mercado exercerá alguma função relativamente a este problema das universidades privadas, mas continuará a ser rentável para alguns sectores do mercado de trabalho ter obtido a licenciatura numa universidade privada, mesmo que de má qualidade. Sobre os critérios de acesso penso que, com essa questão de nem todo o poder ao secundário, nem todo o poder à Universidade se criou uma terra de ninguém. Não sei se a PGA que foi feita foi elitista ou não. Eu creio que é questionável um enunciado nacional desta prova, porque há desfazamentos culturais, sociais, económicos. Não sei se se pode dizer que esta prova produz um resultado elitista. Quando vi nos jornais os enunciados da PGA, tive a sensação de que se tratava de uma prova de resultado necessariamente aleatório. Tive a noção clara de que, se eu corrigisse uma prova feita com base naquele enunciado, e o mesmo ponto fosse corrigido por outra pessoa, mesmo com uma formação cultural



«As universidades privadas vêm concorrer exactamente no pior sentido das universidades públicas. Não melhoram nada e os professores são basicamente os mesmos»
(José Maria Brandão de Brito)

idêntica à minha, havia necessariamente resultados de classificação diferentes. Na apreciação de uma prova daquele tipo, intervinham forçosamente critérios de selcção de interesses - a escolha de uma questão, colocada em alternativa a outras, é também valorizada - e critérios estéticos, que são, por definição, variáveis de pessoa para pessoa. Não sei se os próprios avaliadores tiveram consciência de que valorizavam determinados modelos, ou aspectos, em detrimentos de outros. O próprio Ministério, ao que julgo saber, fez uma amostragem de provas classificadas por dois professores e a amplitude de classificação foi enorme. Para a mesma prova qualquer coisa como dos 20 por cento aos 70 por cento, só dependendo do critério de quem classificou. Pergunto se a PGA, que valorizava a formação cultural e o domínio do português, podia ser, em primeiro lugar, universal, no sentido em que devia ser exigido o mesmo domínio da língua portuguesa a todos os candidatos à Universidade, independentemente da área para a qual eles estejam orientados. Acho que há conhecimentos que têm de ser partilhados por todos, mas não sei se têm de ser forçosamente os mesmos, isto é, se têm de ser necessariamente do mesmo nível na qualidade. Por outro lado, e a este nível de classificação, todos nós sabemos que há muitos professores com deficiências, até no conhecimento da língua portuguesa. Como é que um professore destes é capaz de corrigir e classificar uma prova em que o domínio e o conhecimento da língua são um critério essencial? Não sei se a PGA foi corrigida assim e se não foi, de facto, um puro jogo de azar.

M. Emília Brederode - Dentro da lógica do numerus clausus acho que é inevitável que haja uma prova uniformizadora. Em relação à PGA, dá-me a impressão que não se discutiu o suficiente. O que é que se queria de facto com a PGA: era uniformizar? Era libertar mais o secundário? Que critérios e características é que devia ter esta prova, para poder atingir esses objectivos e quais os critérios para avaliar isto e depois ver se o enunciado que é feito serve e é coerente com o que se pretende e, depois, estudar, face aos resultados, se os objectivos foram atingidos ou não e se houve efeitos perversos ou não, um dos quais é o elitismo. Não me parece que estas questões tivessem sido muito abordadas nem vi interrogarem o Ministério sobre isto. Por outro lado, penso que as coisas seriam mais fáceis se a Universidade fosse menos profissionalizante e se as instituições mais profissionalizantes não quisessem tanto imitar as universidades, e que estas não lhes impusessem tanto os seus paradigmas e as suas exigências.

J. M. Paquete de Oliveira - Penso que a lógica do ensino de hoje é muito uma lógica produtivista. Quando se fala na Universidade eu penso que esta deve cultivar as duas componentes. É cada vez mais difícil prever as saídas que vão ter interesse. O numerus clausus não está incluído numa política global de ensino.

J. M. Brandão de Brito - Quando se fala na Universidade como um espaço de reflexão, o problema é que agora as universidades não têm espaço. Penso que hoje o «numerus clausus» acaba por ser uma inevitabilidade. Não há espaço para nada, apenas o necessário para a formação. O «numerus clausus» vem tentar que o espaço não estoire e penso que só se justifica se for um ponto de partida para outra qualquer coisa. O que me aterra é que, no fundo, ele não é ponto de partida para nada. Existe e, pelos vistos, vai continuar a existir. Dá-me a impressão que o «numerus clausus» foi a construção de um edifício pelos acabamentos sem se ter procurado alternativas para o futuro. Não sei se a solução será fazer universidades em Almada ou no Barreiro , mas o que é preciso saber é quais são as alternativas. No fundo, quem faz a triagem para a faculdade é o burocrata que conta quantas carteiras existem para o primeiro ano e diz no ISE existem 180, podem entrar 180, comunica ao reitor, que comunica ao ministro, mas este como tem outras razões quaisquer, tem de meter mais 20, «olhe em vez de 180 ponha 200». É assim e não há nenhuma alternativa, não há nada que reveja o problema dos 30 mil que ficaram de fora. Se não se fizer nada, é prolongar este crime que se vai reproduzindo, e que é criar expectativas nestes jovens que chegam à universidade e ficam de fora.

Rui Epifânio - O «numerus clausus »não pode ter fim. O sistema não pode atrair as pessoas e depois criar-lhes uma barreira e não lhes dar uma hipótese alternativa. À opção de desempregados com canudo ou sem canudo preferem-se jovens que se foram construindo a si próprios e a trabalharem no que gostam ainda que momentaneamente possam estar não empregados, tenham ou não currículo sem prejuízo da comunidade se esforçar por não lhe criar qualquer barreira.

Ana Prata - Não sei qual é a medida de fatalidade do «numerus clausus»; sei que, se é fatal, tem de haver alguma alternativa no ensino. Não gosto dele, mas se é inevitável tenho é de arranjar uma maneira de lidar com ele. Há então que saber quais os critérios em função dos quais acedem ao ensino universitário público aqueles que esse ensino comporta. E tais critérios tanto podem ser os de mérito intelectual, da preparação cultural, dos meios económicos, como o das necessidades profissionais da sociedade, como ainda uma qualquer combinação destes. Quanto à PGA, cheirou-me que não se tratou da aplicação de um critério qualquer de selecção. Foi o que foi. Diria que houve jovens culturalmente bem preparados que tiveram notas desastrosas na PGA e outros com uma formação deplorável que se safaram na PGA. Daí que conclua que a PGA não é um critério de selecção.

ECONOMIA

Kissinger em Lisboa

Fronteira de Yalta vai subir até à União Soviética

Ao falar em Lisboa no seminário «A Europa nos anos 90», Henry Kissinger afirmou a convicção de que a linha que dividiu a Europa durante 40 anos, traçada na Conferência de Yalta, vai deixar de estar localizada no meio das Alemanhas e vai subir até à fronteira ocidental da União Soviética. Tal facto baseou-a no argumento de que os países até agora satélites da URSS serem histórica e culturalmente mais próximos dos seus vizinhos ocidentais.

Esta tese serviu-lhe para expor as suas ideias sobre a futura arquitectura europeia que ele vê do seguinte modo: «Países como a Plónia, Checoslováquia e Hungria poderiam ter um estatuto semelhante ao da Áustria, política e militarmente neutrais, a Alemanha caminharia para a reunificação, mas a actual República Democrática seria desmilitarizada e a República Federal permaneceria na NATO».

Neste traço previsional, Kissinger vê as tropas soviéticas retirarem-se para dentro das suas fronteiras, as norte-americanas serem fortemente reduzidas na RFA e estacionarem em número reduzido na Europa para assegurar equilíbrios no quadro da NATO. Aliás, Kissinger defendeu a permanência da Aliança Atlântica, apesar de reconhecer que o Pacto de Varsóvia está morto, e talvez porque reconhece os perigos de um renascente nacionalismo alemão.

Quanto ao processo de evolução política na União Soviética, considerou que ele apresenta vários perigos, desde logo porque ela é, ao contrário de outros países de Leste, um painel de nacionalidades, com várias culturas, línguas e religiões e argumentou:

«Até aqui, o Partido Comunista, o KGB e as Forças Armadas eram as únicas instituições garantes da coesão do Estado. Mas agora o Partido e outras instituições estão enfraquecidos, e isso pode conduzir a situações perigosas. Mais democracia pode significar Estado soviético mais fraco.

«Ao contrário, os outros países do Pacto de Varsóvia apresentam melhores condições do que a URSS para terem êxito na transição política e na de uma economia planificada para a economia de mercado, porque têm uma tradição democrática ou existem neles instituições fortes que constituem referenciais, como é o caso da Igreja.»

Os riscos económicos da abertura a Leste e da aproximação da CEE ao bloco do Comecon foram abalisados por outros intervenientes no Colóquio «A Europa nos anos 90».

Pinto Balsemão, por exemplo, manifestou a opinião de que as relações comerciais entre Portugal e os países de Leste não devem ser bilaterais, mas feitas através de acordos de coo-peração, integrados nas organizações internacionais de que faz parte. João Salgueiro e Ferro Rodrigues defenderam que a especialização industrial portuguesa deve ser alterada, dados os riscos que a actual comporta em concorrência com os países do Leste Europeu.

Kissinger em Lisboa alerta para os perigos do nacionalismo alemão

Postura não acomodatícia na política monetária

Conselho do Banco de Portugal para travagem do crescimento de preços

Uma postura não acomodatícia na política monetária é considerada indispensável, pelo Banco de Portugal, para o reforço da tendência de abrandamento do crescimento de preços da política monetária, que depende do rigor da execução orçamental e do grau de moderação que vier a caracterizar a política de rendimentos.

Esta afirmação está contida na síntese mensal de conjuntura do Banco de Portugal, relativa a Janeiro, que refere que os indicadores sobre o consumo de bens duradouros e ao investimento reforçaram, no ano passado, a desaceleração das componentes de procura interna.

Se houve um crescimento acumulado de 2,1 por cento nas vendas de veículos comerciais, já as vendas de cimento estagnaram até Outubro, depois de um primeiro semestre de expansão, o que representa um crescimento acumulado de 4,9 pontos percentuais.

A produção industrial registou sinais de reanimação, com taxas de crescimento do índice de produção total um pouco acima dos seis por cento em Julho e Agosto, o que elevou para 3,9 pontos o crescimento acumulado nos primeiros oito meses do ano passado.

Preços e transacções

O índice de preços no consumidor (IPC) total em Dezembro, sem rendas de casa, apresentou uma variação mensal de 1,1 por cento, com o crescimento anual dos preços a manifestarem uma redução marginal para 11,6 pontos.

Em termos médios anuais, o IPC ficou colocado nos 12,6 por cento (três pontos acima do valor registado em 1988), para o que contribuiu a evolução dos preços da alimentação e bebidas, cuja taxa média anual foi de 14,4 por cento.

Quanto à balança de transacções correntes (BTC) teve, em Outubro do ano passado, um défice de 52 milhões de dólares, de longe inferior aos 135 milhões registados em 1988, enquanto as exportações continuam a crescer, embora insuficientes para impedir o agravamento do défice comercial em Outubro.

Quanto às operações de capitais monetários, houve um excedente de cerca de 3.800 milhões de dólares, entre Janeiro e Outubro de 1989, para o que contribuíram as operações não registadas na dívida externa, com destaque para o investimento directo (970 milhões de dólares) e, com concentração no terceiro trimestre, as transacções sobre títulos emitidos por residentes (635 milhões de dólares).

B R E V E S

Imagem de Portugal lançada no Japão

A imagem de Portugal, como campo fértil para o comércio e o turismo, vai ser o tema forte da campanha que será lançada, no dia 22, em Tóquio e na qual o Governo irá gastar 400 mil contos. Esta acção insere-se na promoção global desencadeada nos mercados espanhol, norte-americano e japonês, no valor total de 1,5 milhões de contos.

O arranque da campanha no Japão, da responsabilidade da «Sima Creative House», propõe Portugal como país turístico e fornecedor de produtos de alta qualidade e pretende criar uma nova imagem junto dos japoneses que só sabem que o país existe devido aos laços históricos com 450 anos.

«Um novo reencontro com o Japão» é o lema da campanha, que será centrada em cartazes nas estações ferroviárias e de metro e em «spots» televisivos nas cadeias comerciais de televisão de Tóquio.

O comércio de investimento estará presente, com a oferta de produtos de qualidade, a par da proposta de Portugal turístico, com imagens colhidas em diversas zonas do país. Disse o responsável pela campanha que, a partir da segunda quinzena de Março, esta prolongar-se-á até Outubro, com o objectivo de captar segmentos de mercado que as autoridades portuguesas consideram alvos potenciais.

O símbolo dos Descobrimentos será uma constante nesta campanha, coordenada pelo Instituto de Comércio Externo de Portugal (ICEP), em articulação com o Centro de Turismo de Portugal em Tóquio.

Castelo Branco digitaliza redes telefónicas

Até 1992 vão ser investidos cinco milhões de contos nas telecomunicações de Castelo Branco, de acordo com o plano de desenvolvimento dos CTT.

Este ano iniciar-se-á o processo de digitalização do grupo de redes da Covilhã e no próximo da rede de Castelo Branco.

Fonte da empresa revelou à "Lusa" que o objectivo *«é dar uma resposta quase imediata aos pedidos profissionais e procurar diminuir a média na instalação da parte residencial»*.

A área de telecomunicações de Castelo Branco abrange a zona geográfica deste distrito e uma pequena parte do distrito da Guarda. O parque de telefones ascende a 36 mil unidades e o de "telexes" a 350.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	48$30	54$30
ALEMANHA FED. (marco)	87$15	88$35
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	3$975	4$225
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	122$40	124$90
(notas de 5 a 1000)	122$30	125$40
DINAMARCA (coroa)	22$55	22$95
ESPANHA (peseta)	1$311	1$431
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146$30	149$80
(notas de 5 a 1000)	146$80	150$30
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$65	26$35
HOLANDA (florim)	77$30	78$40
IRLANDA (libra)	232$30	236$30
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$965	1$020
NORUEGA (coroa)	22$60	23$10
REINO UNIDO (libra)	247$90	252$40
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	97$75	99$25
VENEZUELA (bolívar)	3$170	3$970

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

«Anos 60: as Cooperativas e as Associações»

Logo à noite, na Fundação Gulbenkian, efectua-se a segunda jornada de um ciclo de conferências que, sob o tema «Anos 60: Os Factores de Mudança», decorrerá até 11 de Junho. Depois de na sessão inaugural, no dia 29 do mês passado, se ter discutido a influência exercida pela revista "O Tempo e o Modo", esta noite as diversas intervenções incidirão sobre "As Cooperativas e Associações". Os excertos da entrevista e dos depoimentos que o «DL» publica a seguir, cedidos pelos respectivos autores, podem constituir uma razoável achega para a compreensão da importância que tiveram em Portugal, há mais de vinte anos, as instituições referidas. «Fabulosos» Anos 60, que ainda continuam vivos

A década decisiva

Nasci em Caria, na Beira Baixa, em 1930, e vim para Lisboa em 1941. Filho de uma família católica, de pai ferroviário, e sendo um jovem que tirava o seu Curso Comercial, fui naturalmente influenciado pelo meio, por toda a doutrina social da Igreja, e por um certo militantismo existente na época. Integrei-me, naturalmente, no que ainda hoje tem o nome de Juventude Operária Católica. Esse militantismo na JOC obriga-me à frequência de cursos e a muitas leituras da doutrina social da Igreja, o que conduzia, logicamente, a comparar os princípios com a realidade social e fazia com que um jovem de 17, 18 anos começasse a empenhar-se na actividade política. Estudava eu no curso nocturno quando, em 1948, assisti a algumas sessões da candidatura de Norton de Matos às eleições. Ficaram-me as marcas dessa época, dado que as sessões ou eram proibidas ou interrompidas. Em 1950 participo como membro da JOC, em Bruxelas, no Congresso Internacional dos 25 anos do movimento, numa época em que há um «boom» na organização. Sou chamado a dirigente nacional em 1950. Em 1951 teve lugar em Lisboa um Congresso da Paz, com muitos representantes estrangeiros. Um irmão meu, também dirigente nacional da JOC, tomou a decisão de usar aquele Congresso, falando em francês, para tecer críticas violentas ao sistema, de uma maneira muito rude e muito objectiva. O seu testemunho caiu no Congresso de uma maneira tão inesperada e provocou uma tal celeuma que 24 horas depois era demitido de dirigente da JOC pela hierarquia da Igreja.

Este não foi, porém, o único caso. Também em 1959, num outro momento político - sequência das eleições presidenciais de 1958 -, opera-se a «Revolta da Sé» em que participam muitos militantes e dirigentes da JOC, acontecendo que estes foram igualmente demitidos, nomeadamente o então presidente da JOC, João Gomes, mais tarde dirigente da Pragma, e Manuel Serra que fora um dos principais estrategos daquela revolta. Em 48 horas, foram demitidos dos cargos pelo cardeal patriarca. A Igreja não tolerava que os movimentos da Acção Católica tivessem dirigentes que fossem activistas políticos contra a «ordem estabelecida».

Os finais dos anos 50, com as eleições a que concorre Humberto Delgado, contribuem para aumentar as inquietações sociais e políticas no País. A partir desse momento, já não são os leigos que têm um papel activo no processo, mas também a própria Igreja, ou alguns dos seus representantes mais ilustres. Vem em 1959 a carta do bispo do Porto, Dom António Ferreira Gomes, a Salazar, e logo depois um testemunho de leigos, em que se agrupam pela primeira vez antigos dirigentes da JOC e intelectuais, a maioria deles católicos das fileiras da JOC. Este testemunho ficou conhecido pelo «Documento dos 45», tantos foram os cidadãos que assinaram esse documento sobre os problemas da época, - arbitrariedades, falta de liberdade, colónias. (...)

A intervenção do bispo do Porto deu um espectacular ânimo aos leigos. Realizaram-se encontros, uns promovidos pela JOC, muitos pela JUC. Recordo-me de um célebre encontro na Igreja de S. João de Brito, com a participação do actual cardeal patriarca de Lisboa, que na altura era assistente da Acção Católica, e a intervenção de Francisco Pereira de Moura, João Salgueiro, Mário Murteira, Vasco Leónidas e muitos outros. O Encontro foi particularmente animado pelo eng.º Sidónio Pais, que na altura pertencia aos quadros da Acção Católica a nível nacional. Encontro excepcional, decisivo para o sector católico, com a participação de centenas de pessoas, onde foram balizadas linhas para a cultura, a economia, as finanças, a actividade social. Devo dizer que, na sequência da carta do bispo do Porto, e com o «Documento dos 45» nunca mais parou a intervenção dos católicos no decurso dos anos 60. (...)

Em todo este trajecto dos anos 60, sobretudo a partir de 1966, houve uma outra área, - área sindical - que não foi uma pêra doce para o regime de então, obrigado a enfrentar os sindicalistas. Ao contrário do sindicalismo dos países industriais, mais agressivos a nível de presença e de discurso, o sindicalismo português passava um pouco pelo silêncio, ou crescia em grandes sectores operários, como os Estaleiros Navais, o sector corticeiro, os lanifícios e os electricistas. Como presença viva, a actividade sindical foi mais marcante nos sindicatos de natureza administrativa, como o Sindicato dos Bancários, o Sindicato dos Empregados de Escritório, o Sindicato de Propaganda Médica. Nos têxteis houve actuações com muita presença, e também no Sindicato dos Electricistas. Na linha dos activistas sociais-cristãos, houve um outro agrupamento na área da formação sindical e cívica, chamado o Centro de Cultura Operária, CCO que foi criado em Portugal na sequência da JOC. Um antigo presidente da JOC, Carlos Augusto de Almeida, tirou o seu curso de Ciências Sociais e Políticas na Universida de Lovaina, regressou a Portugal por 62 ou 63, e criou o CCO com outros militantes da época. Esse CCO foi apadrinhado pelos movimentos operários da Acção Católica, e foi uma escola de sindicalistas que formou nos anos 60 alguns dos actuais dirigentes da CGTP-Intersindical e da UGT. Recordo, por exemplo, o Manuel Lopes, que participou já em alguns encontros na SEDES e que é, desde a primeira hora, um dos dirigentes da CGTP-Intersindical. (...)

Neste percurso até 1974, e na sequência das eleições de 69, surge um grupo a que eu chamo de «cristãos sociais», ou «sociais-cristãos», que têm uma intervenção social mais marcante através de uma nova associação de intervenção social e política mas não ainda partidária. Surge em 1970, a SEDES. Pessoalmente, considero a SEDES uma certa sequência da Pragma, em termos de intervenção social e política, mas agora de uma forma mais objectiva e consciente com a participação de não cristãos(...).

Considero os anos 60 a década decisiva, porque foi uma década de preparação interna da grande volta que veio a operar-se nos anos 70. A crítica que faço aos anos 70 e 80 é a falta de militantismo puro e desinteressado - não sei se isso é bom ou mau, mas hoje não há pureza de ideais, pois toda a intervenção tem à partida um cariz mais interesseiro, mais economicista, mais materialista do que noutros tempos. Que cada um tire as suas próprias conclusões.

Manuel Bidarra

A acção da Pragma

No início da década de 60, após o decisivo impulso que a campanha de Humberto Delgado para a Presidência da República viera dar aos movimentos de oposição, crescia a onda de contestação ao regime salazarista, reforçada ainda pelo eclodir da guerra colonial em 1961. Mas esses movimentos de oposição eram sectoriais, para além das efémeras organizações políticas permitidas nos períodos eleitorais. Estudantes, trabalhadores e intelectuais procuravam organizar-se e desenvolviam acções de contestação, mas não existiam formas de enquadramento que permitissem globalizar essas lutas e potencializar assim a oposição ao regime.

É neste contexto que a fundação da Cooperativa Pragma, em 1962, constituiu a abertura de uma nova frente de luta contra a ditadura, reunindo elementos ligados à cultura, à actividade sindical e aos movimentos estudantis, então em fase de contestação aberta ao regime.

Mas porquê a adopção do estatuto legal de cooperativa para esta nova organização? A razão é simples.

O movimento cooperativo, que conheceu uma importante expansão na viragem do século, ligada aos ideais socialistas e republicanos, não era uma força com muita expressão quando da implantação do salazarismo. Talvez por isso o regime, não sentindo a necessidade de o reprimir, decidiu ignorá-lo, empurrando-o para uma certa marginalidade, aceitando a pouco significativa actividade económica das cooperativas de raiz popular, confinadas às periferias de Lisboa e do Porto.

É isto que explica nunca terem as cooperativas sido objecto de qualquer medida legislativa (excepção feita às do sector agrícola), criando-se assim o paradoxo de subsistirem com base em legislação da 1.ª República. E assim se explica que, ao contrário do que acontecia com as associações e os sindicatos, não tinham os respectivos estatutos necessidade de aprovação ministerial, nem as direcções eleitas careciam de homologação governamental com base em informação da PIDE.

Mas a criação da Pragma veio responder - e aqui da mesma forma que «O Tempo e o Modo» - a uma outra necessidade.

O meio católico, preso solidamente às amarras do poder estabelecido e aliado dócil da ditadura, começa a despertar para os problemas dos direitos humanos. O rompimento do bispo do Porto com o regime em 1958, o estalar da guerra colonial em 1961, a repressão ainda que suave de alguns congressos da Acção Católica, e sobretudo a acção do Papa João XXIII, obrigam muitos católicos a interrogarem-se sobre a legitimidade da obediência cega à ditadura e impelem-nos a romperem com a concepção maniqueísta em que haviam sido educados: de um lado estavam eles, os fiéis, e do outro os comunistas, os maçons, os democratas, enfim os inimigos de Deus. Desta situação nasce a necessidade de romper as barreiras existentes e de estabelecer contactos com amplos sectores da oposição.

O rompimento do bispo do Porto com a ditadura, em 1958, e sobretudo a acção do Papa João XXIII, obrigaram muitos católicos a interrogarem-se

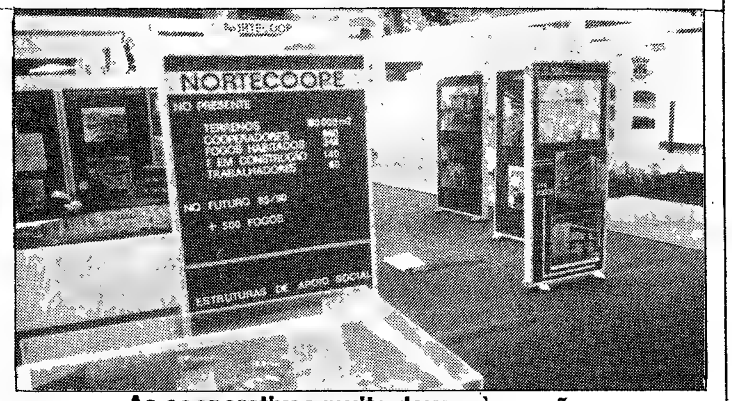
A isto também a Pragma quis responder, e possa dizer como foi gratificante para muitos o descobrir que aquilo que os unia era muito mais importante do que o que os separava. E não se pode esquecer que a origem católica dos seus fundadores foi certamente determinante para evitar que sobre a Pragma caísse de imediato a fúria repressiva do regime.

Encerrada a Pragma pela PIDE em 1967 e legalmente extinta pelo Governo algum tempo depois, foi esta extinção objecto de recurso, ao qual veio a ser dado despacho favorável já na época marcelista. E foi então, para adequar a lei à realidade da prática governativa, que o Governo promulgou o Dec. 520/71, pelo qual as cooperativas que desenvolvessem actividades para além da meramente económica ficavam sujeitas ao regime legal que regulava o direito de associação, isto é, tinham que ser estritamente controladas pelo Estado.

Se se pensar nas ilusões que rodearam a substituição do velho ditador por Marcelo Caetano, aqui está um exemplo eloquente de como a «evolução na continuidade» acabou por apertar mais as malhas de um regime iníquo que o 25 de Abril acabaria de enterrar alguns anos mais tarde.

Nuno Teotónio Pereira

António Sérgio ainda animou a fase inicial do renascimento cooperativista



As cooperativas muito devem às acções desenvolvidas pela geração de 60

Cooperativismo de consumo

Da década de 60 recordo sobretudo o grande esforço de modernização e integração realizado à volta da UNICOOPE - União Nacional de Cooperativas de Consumo, fruto da intensa doutrinação levada a cabo na década anterior por António Sérgio e seus discípulos. Estes actuaram fundamentalmente através do «Boletim Cooperativista», órgão mensal, e do Ateneu Cooperativo, associação de estudo e divulgação resultante da reanimação da velha «Fraternidade Operária de Lisboa», isto é, do velho Partido Socialista Português, onde tinham ido desaguar militantes não comunistas de várias tendências, desde os anarco-sindicalistas aos marxistas refugiados do PCP.

António Sérgio estava já em fase de declínio de saúde, mas assistiu e animou ainda a fase inicial deste renascimento.

Deve dizer-se que, de modo geral, os activistas do movimento cooperativo subscreviam a pedagogia sergiana de auto-emancipação pelo esforço de intervenção cívica activa na melhoria qualitativa e quantitativa da sociedade portuguesa, mas não compartilhavam da utopia de Sérgio quanto à regeneração colectiva na base quase exclusiva do sector cooperativo. Achavam, sim, que valia a pena trabalhar para a construção de um sector economicamente forte e intrinsecamente democrático.

Os acontecimentos dominantes foram, por um lado, a regionalização da Unicoope através da concretização do Armazém Regional do Norte, no Porto - de facto, a passagem da iniciativa para a região nortenha; por outro lado, a assistência técnica recebida da União Cooperativa Sueca KF - Koooperativa Forbundet, de que resultou, em 1964, o Plano de Integração Cooperativa conhecido como Plano Ames, em homenagem a J.W. Ames, quadro da KF que o sugeriu ao movimento português. (...)

Vale a pena referir que, em antecipação ao que mais tarde veio ao de cima no plano político, se verificou um contraste acentuado entre as duas zonas de maior implantação cooperativa: enquanto no Norte (zona do Porto) o bom senso camponês dos cooperadores da região resultou, empiricamente, na constituição de cooperativas de uma razoável solidez, já na margem sul do Tejo o predomínio dos elementos comunistas e da sua política de vantagens imediatas (altos retornos, em prejuízo da constituição de reservas e comprometendo o futuro) resultou, com poucas excepções, em empresas cooperativas absolutamente descapitalizadas.

Deste modo, quando a Unicoope, não alertada para esta radiografia, por ausência de serviços de auditoria, integrou no mesmo programa de modernização ambas as regiões, acabou por comprometer o grande esforço realizado no Norte (como viria a ser ainda mais visível na década seguinte).

Deve dizer-se que, no final da década, já no período marcelista, estiveram na governação simpatizantes do cooperativismo que lhe prestaram ajuda efectiva, nomeadamente Valentim Xavier Pintado e Alexandre Vaz Pinto. (...)

A progressiva politização da vida nacional, resultado da guerra colonial e da vaga maoísta, levou à criação de muitas autodenominadas cooperativas culturais que assumiam a forma cooperativa por ser a que beneficiava de menos controlo por parte do poder político, mas que de facto eram associações de intervenção política e não empresas cooperativas. Este facto viria a provocar uma alteração importante na legislação aplicável, já no início da década seguinte.

Eugénio Mota

Comunidade e desenvolvimento

Constituído formalmente como cooperativa em 1962 o CODES representa uma institucionalização, dentro dos condicionamentos legais e políticos vigentes na altura, de um movimento que se designou por «Comunidade e Desenvolvimento». (CODES é de resto a abreviatura de Comunidade e Desenvolvimento).

Este «movimento» teve a sua origem num grupo informal de amigos, universitários, na sua maior parte militantes católicos que se reuniam no «sótão» de um deles, desde 1957/58. O grupo foi, porém, quase desde o início, alargado a não-católicos.

Sem pretensão de rigor, o grupo inicial era constituído pelo Manuel e Isabel Belchior, António Sousa Gomes, Bertina Silva Araújo, José Luís e Margarida Rasquilha, que se foi alargando com a junção de Manuel Cabeçadas Ataíde Ferreira, Manuel Beja da Costa, Laura Larcher Graça, Maria Idalina Neves de Sousa, etc.

Todos tinham, até porque vinham essencialmente de área técnicas, uma preocupação pelo conhecimento da realidade sócio-económica do País e apostavam em acções que conduzissem à modificação da sociedade portuguesa. Havia o objectivo de conjugar a reflexão com a actuação concreta.

Assim, realizou estudos socio económicos com trabalho de campo na zona de Torres Vedras durante o período dos anos de 1959 a 1962.

Havia uma intensa ligação ao grupo responsável pela revista «Economie et Humanisme». O padre dominicano Alain Birou, dos corpos da revista, visitou-nos por várias vezes e trabalhou alguns períodos com a equipa inicial do «Movimento».

O movimento «Comunidade e Desenvolvimento» representava um conjunto de opções profundas e extremamente amadurecidas entre os seus participantes. Mesmo antes de constituído o CODES, o movimento «Comunidade e Desenvolvimento» regia-se por uma *declaração de princípios*, (estabelecida com base num primeiro documento relativo aos «fins do grupo») e por *bases estatuárias*. Dispunha também de uma estrutura directiva, realizava reuniões regulares, que se iniciavam por «uma reflexão», antes de analisar as actividades em curso, ou dedicar-se à programação da actuação futura.

Deve também referir-se o boletim interno do CODES, editado nos anos 65 e 66, e que se intitulava «Comunidade e Desenvolvimento». É interessante, ao relê-lo, a visão que se pode ganhar, vinte e tal anos depois, do trabalho que a cooperativa/gabinete de estudos realizava então.

O CODES tinha também a funcionar em permanência, para além da equipa técnica, grupos de trabalho integrados pelos sócios e dedicados a temas como «Economia Portuguesa», «Estruturas Representativas do Trabalho», «Política Social e Desenvolvimento Económico», «Recursos Humanos», «Informação e Estruturas Sociológicas», «Política Industrial», «Política Agrícola», etc.

Outra actividade relevante para o exterior foi a realização de alguns colóquios. (...)

Em Novembro de 1962 foi constituída a Cooperativa CODES - Gabinete de Estudos e Projectos de Desenvolvimento Socio Económico, SCRL.

Os sócios fundadores foram Alberto Ramalheira, António Sousa Gomes, António João Silva, Bertina Sousa Gomes, Fernando Gomes da Silva, João Veiga Gomes, Laura Larcher Graça, Manuel Ataíde Ferreira, Manuel da Costa Belchior, Rui Machete e posteriormente, em 1963, foram sendo aderente novos cooperadores como Henry Faden da Silva, César Mexia de Almeida, Eugénio Sequeira, Manuel Ferreira Lima, Raul Sardinha. Até 1966 outros sócios foram admitidos, designadamente: Carlos Filipe, Manuel Beja da Costa, Alexandre Vaz Pinto, António Roque Antunes, António Santiago Baptista, Armando Trigo de Abreu, Carlos Picado Horta, Cláudio Teixeira, João Sagueiro, José Nunes Rodrigues, Manuela Santiago Baptista, Victor Constâncio, Maria Idalina Neves de Sousa. (...)

Sem referir as actividades de carácter mais interno, (estudos, elaboração de projectos e outras actividades de carácter comercial), o CODES manteve sempre uma atitude intervetora na formação da corrente de pensamento sobre aquilo que se considerava ser a base da mudança no projecto político e no modelo de desenvolvimento para o nosso país.

Neste âmbito, uma das acções que maior continuidade teve foi a publicação de uma página quinzenal no «Diário Popular» sobre a «Actualidade Económica». A página era assegurada por uma equipa variável sob a coordenação do Manuel Ataíde Ferreira. A iniciativa foi altamente apoiada pelo Francisco Balsemão que, nessa altura, começava as suas actividades jornalísticas.

António Sousa Gomes e Idalina Salgueiro

Havia um novo compromisso possível

Em 1968, com a «morte política» de Salazar, foram criadas condições para uma «abertura» que depois veio a revelar-se «bloqueada». Muitos daqueles que se empenhavam no combate pela democratização pensaram poder aproveitar a nova circunstância. As eleições de 1969 constituíram um ensaio tímido de abertura, que do lado da «situação» teve como grande artífice José Guilherme de Melo e Castro. Assim se abriram as listas da União Nacional a «independentes», entre os quais se destacavam José Pedro Pinto Leite, Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão e Joaquim Magalhães Mota. Mas havia quem pensasse, a começar por Melo e Castro, que tal não seria suficiente. Era indispensável tentar favorecer o pluralismo - designadamente a partir da oposição não-comunista, no seio da qual o líder que naturalmente surgia era Mário Soares (que formaria a CEUD, autónoma em relação à CDE).

O sistema eleitoral, a persistência de sérios constrangimentos, a começar pela censura e pela influência da polícia política, as hesitações de Marcello Caetano, as contradições no seio do regime - tudo isso pesou num resultado desencorajador, pela votação da oposição, com especial incidência para a CEUD.

Houve, por isso, que dar novos passos para tentar forçar a «abertura». A constituição da SEDES foi uma peça desse novo «puzzle». (...)

Em 25 de Fevereiro de 1970, data do início formal do processo de criação da SEDES, dera entrada na Presidência do Conselho um pedido de aprovação dos estatutos da Associação subscrito por 147 proponentes - dos quais os dez primeiros eram o prof. José Pinto Correia, o dr. Carlos Augusto Fernandes de Almeida, o eng.º António Sousa Gomes, o eng.º Manuel Costa Belchior, o dr. Manuel Ataíde Ferreira, o eng.º António Machado Rodrigues, o dr. Miguel Caetano, o eng.º Joaquim Lourenço, o dr. João Salgueiro e a estudante Maria Benedita Monteiro. Da longa lista constavam deputados, como Magalhães Mota e Pinto Machado, intelectuais como Alçada Baptista, juristas, como Rui Machete, Jorge Miranda, Júlio Castro Caldas, José Vera Jardim e José Robin de Andrade, professores, como Adérito Sedas Nunes, economistas, como Alfredo de Sousa, Vítor Constâncio, Mário Murteira; engenheiros como João Cravinho ou Torres Campos, estudantes, como Aguiar e muitos outros. Tudo gente conhecida e prestigiada, técnica e profissionalmente. Gente que se juntava, acreditando profundamente na mudança. (...)

«Eu creio poder dizer que a SEDES pode ser um grupo de pressão - dizia à BBC Rui Vilar em Outubro de 1972 - mas é muito mais do que isso e através de uma grande diversidade de acções procura, embora com a limitação de meios que actualmente tem, abordar muitos aspectos de uma realidade complexa como é a realidade socio económica de um país». Essa era a aposta fundamental. Criar condições para o que desse e viesse. E o certo é que em finais de 1972 jé não é o clube dos «renovadores» que funciona - é agora, cada vez mais, um grupo de oposição, com várias matizes e sensibilidades. A reflexão «Portugal, para onde vais?» é ilustrativa desta nova fase. (...)

Era necessário mudar. A afirmação aparecia quase como um lugar comum, mas era no «como fazê-lo» que as dúvidas e os problemas se punham. O ano de 73 vai ser um ano que a SEDES vive a duas velocidades. Isso é muito nítido no chamado «Encontro de Reflexão Política», de 28 a 29 de Julho, promovido por Magalhães Mota, Oliveira Dias e José da Silva. Houve até, mesmo na Associação que visse a iniciativa como uma derradeira mão estendida ao regime. (...)

«O certo é que Sá Carneiro não participou. Esteve no local de encontro. O mesmo interrompeu-se para que os participantes o cumprimentassem. Mas o advogado do Porto não entrou, sob o protexto de ainda estar convalescente do brutal acidente que sofrera. Como pretexto ou não, o certo é que a sua ausência foi tida como significativa. (...)A constituição apressada do Partido Socialista, em Abril de 1973, com várias resistências, sobretudo do «aparelho interno», e o acordo celebrado com o PCP estavam longe de mobilizar imediatamente a oposição moderada que, afinal, preferia esperar... Algo tinha de acontecer!...

O encontro pensara. Concluíra que «nos próximos anos, é desejável, necessário (e inevitável, se se puserem de lado as soluções extremistas) que a vida política portuguesa se normalize. Para tal torna-se indispensável restaurar os direitos e liberdades fundamentais individuais. Uma questão prévia é a de se saber se tal restauração é possível antes de resolvido o problema do ultramar...» Estava tudo dito. Mas por esses dias, quando os chamados «liberais» manifestavam mais uma vez a sua fé na Democracia e na Europa (a adesão) à CEE como corolário da democratização, foi aliás expressamente defendida na reunião), já se estavam a lançar os fundamentos do golpe militar. Era isso o «algo que tinha de acontecer», e que os «renovadores», os «moderados», os «liberais» - o que quer que se lhe chame - tinham querido evitar. A história tinha ainda muitas voltas para dar...

Guilherme d'Oliveira Martins

Encontro com Serguei Paradjanov, ontem, no Teatro da Malaposta

O realizador que veio do frio

É um homem diferente de todos os outros, daqueles que só muito dificilmente encontramos no meio da rua sem suspeitarmos que, de repente, estamos a viver uma fábula oriental. Nele, a fluência do verbo é substituída pela eloquência de um olhar irrequieto que perturba e nos passa de observadores descontraídos a inquietos observados , embora o mais comovente de tudo sejam as mãos a dialogarem com os copos, as garrafas da água e com uma inesperada faiança de feira, num jogo solitário, cujo gosto talvez haja sido adensado durante os quinze anos vividos nas prisões de alta segurança da era Brejnev.

Foi assim que Serguei Paradjanov nos surgiu ,ontem à noite, no Teatro da Malaposta para participar num encontro-debate, após a «maratona» do Fantasporto em que, de resto, viu exibida toda a sua obra, ao mesmo tempo que era agraciado com um prémio especial da organização.

Se, no entanto, após a edição do certame agora concluída, a cidade do Porto ficou a saber algo mais sobre a cinematografia deste realizador soviético, nascido em 1924 na cidade de Tbilissi, Lisboa continua, neste âmbito, prostrada na ignorância. Costa e Silva, coordenador da Unidade de Cinema do Teatro da Malaposta, prometeu por isso envidar esforços para trazer a Olival Basto as películas projectadas na retrospectiva portuense. Convém não esquecer, de resto, que foi este mesmo homem que há anos levou a Tróia a «Lenda da Fortaleza de Souram», filme que Paradjanov concluiu em 1984, tomando como base um romance oitocentista que, por sua vez, se debruçava sobre uma lenda medieval.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. Dos «russos feios, porcos e maus» que invadirão a Europa para engolir as criancinhas e massacrar os idosos, passou-se à ânsia, hoje muito em voga, de saber o mais possível sobre o que esses mesmos russos (boa gente, afinal) fizeram enquanto os supúnhamos a preparar a fatal conquista do hemisfério Norte.

Só que quando se anseia excessivamente pelo saber, se tende também a colhê-lo em fontes superficiais e de fácil manejo, de modo a atingir rapidamente os efeitos pretendidos.

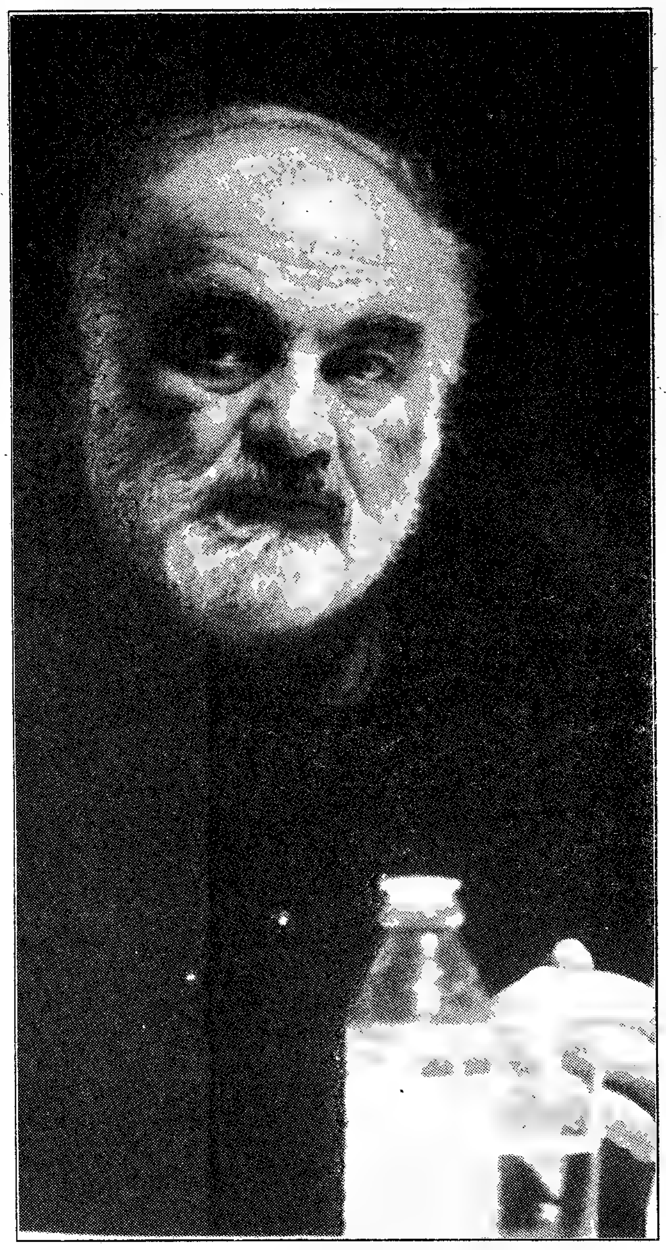
Ontem à noite, na Malaposta, notou-se nas questões colocadas que até ao Fantasporto, para a maioria dos presentes, Paradjanov tanto podia ser um cineasta como um membro do PCUS caído em desgraça. O nome em si pouco dizia, para além naturalmente da origem soviética. Depois do certame, o caso mudou de figura, alguns viram os filmes e outros tomaram contacto com a sua história de realizador maldito, três vezes preso porque acusado de tráfego de obras-de-arte, de aliciamento à homossexualidade e de especulação. No total, foram quinze anos no cárcere, com muitos projectos de todo perdidos.

Como ele próprio terá dito um dia (e repetiu ontem à noite), é necessário que se sofram os efeitos da prisão para saber do sentimento da vida. As duras vivências experimentadas nos campos de trabalho em que esteve internado não o conduziram, todavia, a uma estética neo-realista do sofrimento à maneira italiana. «Todo o artista -disse a propósito- deve ter uma chave própria para abrir o mundo e mostrar o que pode fazer. A minha é poética». E é também muito arménia, convenhamos, tão surpreendentemente distante da nossa que, em certos instantes,ao lançar-se-lhe uma questão, apesar da uniformidade de ideias e mentalidades a que vêm procedendo os modernos meios comunicativos, experimentamos a sensação de que o sentido do que perguntáramos se perdera a meio caminho entre Lisboa e a Arménia, apesar de naquele momento Paradjanov estivesse a poucos metros de nós.

Clarividente como é, este cineasta , autor de filmes como «Sayat Nova» e «Cavalos de Fogo» compreendeu imediatamente o embaraço geral e disparou:« tenho a impressão de que os presentes só viram os meus últimos filmes».

Ninguém arranjou coragem para acrescentar uma pergunta que fosse e Paradjanov recobriu-se do seu manto de mistério, tornando-se, mais do que nunca, o realizador que veio do frio.

Maria João Martins



Serguei Paradjanov, o realizador que veio do frio, ontem, no Teatro da Malaposta

OS TRAVASSOS

VENDERAM NA SEXTA-FEIRA MAIS UMA

SORTE GRANDE

40 313 = 70 MILHÕES!
(NÚMERO CERTO)
NÃO TENHA EMBARAÇOS
SIGA OS PASSOS DOS TRAVASSOS
E TERÁ DINHEIRO AOS MAÇOS!!!

ENVIA-SE JOGO PARA TODO O MUNDO

PEDIDOS PARA:
APARTADO 2038 — 1101 LISBOA CODEX

FANTASPORTO: fim com Serguei em trajes arménios...

«Ashik Kerib»: um puro acto de cinema mágico

De todos os realizadores que, através dos seus filmes, se exibiram no Fantasporto, foi Serguei Paradjanov (não a concurso) quem mais vezes iluminou o «écran» daquele conhecido festival cinematográfico portuense. Com efeito, do cineasta arménio foram exibidas as seguintes películas: «A Cor da Granada», «Pirosmani», «Lenda da Fortaleza de Suram», «Os Cavalos de Fogo», «Andriesh», «O Primeiro Rapaz», «Rapsódia Ucraniana», «Pequena Flor na Rocha» e «Ashik Kerib». Nove títulos, portanto.

Vamo-nos referir, uma vez que pensamos captar a essência de todos estes filmes, «Ashik Kerib», projectado em sessão especial a que o realizador não pôde comparecer por motivo de indisposição súbita que o levou, inclusive, a ser internado, por breves horas, no Hospital de Santo António.

Datada de 1988, «Ashik Kerib», até à data a última realização de Paradjanov, conta-nos a história de um trovador errante apaixonado pela filha de um rico mercador turco. Amores contrariados, no entanto, pelo pai da jovem. «É pobre, não serve...» Ashik, em busca de fortuna, percorre a Caucásia por um período de sete anos. Um sem número de aventuras, através de quadros simbólicos e alegóricos: o casamento do cego com o mudo, a peregrinação aos conventos profanos, o auxílio de S. Jorge e dos anjos, o regresso de Kerib a casa...

Não são as nossas palavras que podem transmitir ao leitor o acto mágico que é, na verdade, «Ashik Kerib». Só o leitor vendo o filme - mas desde já podemos dizer que se trata de um alto exemplo do chamado «cinema puro». Que passe a seguinte atrevida expressão: é quase um ar que se respira. Um ar (como dizer...?) intemporal, pois que Paradjavov, utilizando com subtileza um certo anacronismo, tão depressa nos faz estar no passado (trajes, camelos, ventos, areia) como no presente (uma velha máquina de costura apresentada como pintura rupestre ou uma câmera fotográfica apontada, num lapso, aos espectadores...)

Momentos há em que parecemos estar a assistir ao desbobinar de uma purísima (é o termo) banda desenhada - ou, então, a contemplar, um mosaico de mil peças coloridas feitas de costumes, usos, tradições de muitos séculos. Até as palavras são puras. Como estas, por exemplo, quando Ashik, preparando-se para mais um passo que o leve à sua amada, se alimenta de pão feito pela mãe, num acto ritual de que não tem consciência, e, trincando-o, murmura: «Pão, mãos da minha mãe...» Esta sequência, uma das mais belíssimas de todo o filme, dá início à jornada final - e quando tudo se aproxima dos últimos metros da película tem o espectador a sensação de que acabou de assistir a um genial levantamento arqueológico, processado milímetro a milímetro, de que não mais se esquecerá.

Numa palavra: um filme (dedicado a Andrei Tarkovski) que permanece nos olhos para sempre - e é a um tempo poesia (no sentido de intuição) e uma lição de grande sabedoria (no sentido de que tudo é tudo através do nada da vida e do tempo).

E mais não se diga: unicamente que Serguei partiu sábado de avião para Lisboa, e, no dia seguinte, domingo, para a União Soviética, onde, na Arménia, irá prosseguir as filmagens de um filme até inacabado - «A Confissão».

Palmarés do Fantasporto 90

Com Serguei Paradjanov no palco do Auditório Carlos Alberto, já refeito do mal que o tinha levado a um breve internamento hospitalar (envergando um trajo arménio e atirando camélias à plateia), e depois daquele cineasta ter recebido um prémio especial, efectuou-se a sessão de encerramento do Fantasporto com a divulgação dos prémios e distinções (atribuídos por um júri internacional constituído por Agostinho Chaves e Eurico de Barros, Portugal; Alain Schlokof, França; Kim Newman, Grã-Bretanha; e Jorge Kuraien Filho, Brasil):

Grande Prémio - «Black Rainbow», de Mike Hodges (Grã-Bretanha); *Melhor Realizador* - Georges Sluizer por «The Vanishing» (Holanda); *Melhor Actor* - Bernard Pierre Donnadieu em «The Vanishing»); *Melhor Actriz* - Rosanna Arquette em «Black Rainbow»; *Melhor Argumento* - Imanol Uribe em «La Luna Negra» (*Espanha*); *Melhor Fotografia* - Marc Ahlberg (EUA); *Melhor Curta-Metragem* - «Kitchen Sink» de Allison MacLean (N. Zelândia); *Prémio Especial do Júri* - «La Banyera», de Jesus Garay (Catalunha).

Por sua vez, o Júri da Crítica (de que não fez parte que estas linhas escreve por, apesar de ter sido convidado por um dos membros, haver declinado o convite), pronunciou-se da seguinte maneira: Prémio - «Nightmare on Elm Street»/«The Dreamchild»/Part 5, de Stephen Hopkins; e menções honrosas a «L'Étoile», de Peter Del Monte (italiano) e «Tromas's War», de Michael Herz e Samuel Weil.

O júri do público galardoou «La Luna Negra», de Imanel Uribe (Espanha).

O próximo Fantasporto efectua-se nos dias 8/17 do próximo ano

Pedro Alvim

Os que pensam que a arquitectura é para iniciados enganam-se, ela determina a vida de todos nós. Sexta e sábado em Sintra, falou-se de casas: as que Raul Lino projectou para os outros, as que Pancho Miranda Guedes concebe para si próprio. A Trienal de Arquitectura, inaugurada sob o tema «habitar poético», começou da melhor maneira. Com dois colóquios inesquecíveis

Aprender a habitar

Ainda há arquitectos felizes. Pedro Vieira de Almeida, sexta-feira à noite, em Sintra, era um deles. Vinte anos depois de ter escandalizado meio-mundo por ousar chamar moderno a Raul Lino, outro meio-mundo o aplaudia ao prever que daqui a vinte anos Raul Lino, ele sim, será considerado em Portugal o pai da verdadeira pós-modernidade.

Se nos lembrarmos que em 1970, quando Pedro Vieira de Almeida organizou a exposição retrospectiva de Raul Lino, houve abaixo-assinados a «pedir-lhe a cabeça» (... a dele e a de Raul Lino que ainda era vivo, morreria quase centenário em 1974), se nos lembrarmos disto, forçoso é concluir que o Mundo mudou e, mais do que o Mundo, o nosso olhar sobre a arquitectura.

Resta saber o porquê ou os porquês desta mudança, a razão ou as razões porque a obra de um arquitecto há vinte anos era renegada como exemplo do que nunca se deveria ter feito e hoje essa mesma obra é considerada como percursora do que há a fazer.

O colóquio de sexta-feira à noite, no anfiteatro do Carlos Manuel, constituiu neste aspecto uma verdadeira lição, já que falaram três dos maiores especialistas portugueses em Raul Lino, escutados por uma assistência de cerca de seiscentas pessoas, na quase totalidade arquitectos e estudantes de arquitectura.

Pena que o público em geral não tenha estado mais representado no colóquio, pois nele, tanto como de arquitectura, foi de casas que se falou. E isto porque a obra de Raul Lino, ao menos a mais significativa, é por casas constituída, casas que projectou e em grande número viu edificar de acordo com uma bem determinada filosofia do habitar.

Qual? Esta que em síntese, assim, se pode resumir: contra o colectivismo, a casa monofamiliar; contra a homogeneização, o respeito pelo lugar e pela sua tradição cultural; contra a construção em série, a defesa da diferença, a casa como algo pensado de dentro para fora, local onde as pessoas se sintam aconchegadas, aprendam a habitar com gosto e maneiras.

Aprender a habitar. Quem isto proclama, assume-se como pedagogo. Raul Lino assumiu-se como tal, logo nos livros que escreveu (entre outros «A Nossa Casa», «Casas Portuguesas»), com marca de um manual, cuja finalidade era vincular a arquitectura a valores de identidade nacional.

Dizendo isto, fácil é perceber a maldição a que, durante décadas, a esquerda portuguesa votou Raul Lino e a sua obra. O homem (para mais de direita...) que falava de «identidade nacional» na arquitectura, como não julgá-lo suporte cultural de um Salazar paladino do nacionalismo ideológico?

O autodidacta, de sólida formação inglesa, que defendia para cada casa um jardim, como não identificá-lo com um Salazar tão avesso às grandes concentrações habitacionais?

Que Salazar tivesse demitido Raul Lino da Junta Nacional de Educação, por este se opor à demolição de um edifício setecentista, foi um pormenor que passou despercebido à esquerda portuguesa, atenta, depois, a que um dos seus - Pedro Vieira de Almeida - viesse, por assim dizer, reabilitar o arquitecto identificado com o fascismo, estava ainda o fascismo quatro anos para dar e durar.

Que Pedro Vieira de Almeida foi um percursor no entendimento de Raul Lino, como Raul Lino o foi da arquitectura está hoje fora de dúvida. Que em 1970 (ainda) a esquerda portuguesa era neste aspecto algo míope, parece hoje óbvio também. Mas alguma coisa joga em sua defesa.

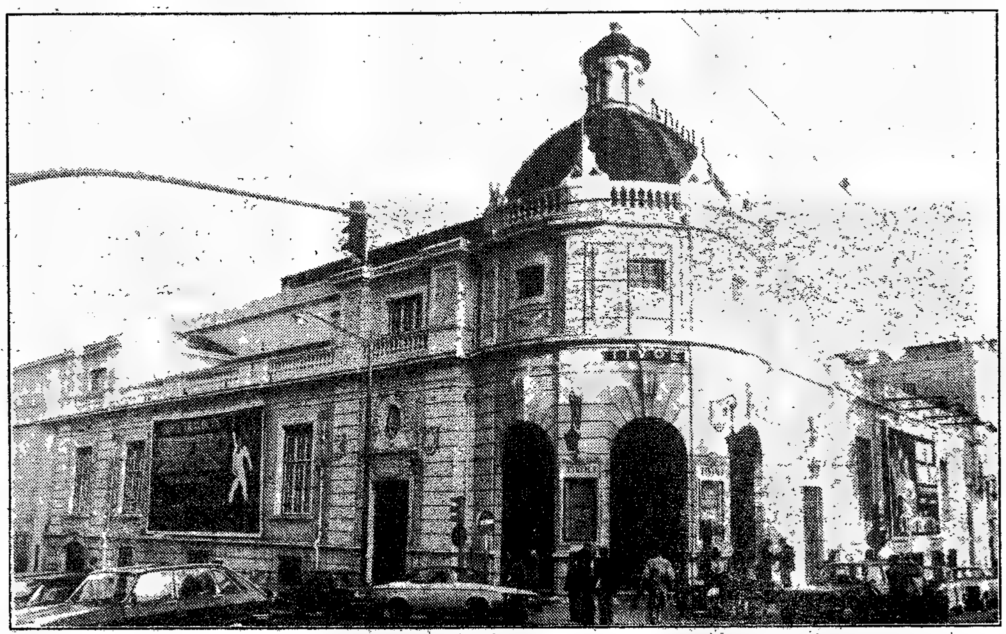
Quem há vinte anos falava, em Portugal, como todos os dias hoje, em ambiente, ecologia, património, valores regionais, diferenças culturais, primado do indivíduo? Quem há vinte anos, aqui, iria prever o horror no que deu tudo aquilo que Raul Lino sempre combatera e que, na altura, à falta de melhor, se entendia como factor de desenvolvimento e progresso? «Last but not the least», quem, há vinte anos, discutia por cá a arquitectura como a arte que, mais do que todas as outras, determina o nosso viver quotidiano?

O colóquio de sexta-feira à noite permitiu, decerto, reflectir sobre tudo isto, até porque foi possível revisitar grande parte da obra de Raul Lino, graças a vasta projecção de «slides». Michel Toussant, organizador da exposição sobre Raul Lino, patente no Palácio Nacional de Sintra, falou primeiro da poética das casas do arquitecto e traçou-lhe a biografia. Maria Manuel Godinho de Almeida ocupou-se das chamadas «casas mouriscas» de Raul Lino, o seu «carácter», no qual é patente a inspiração moçárabe. Por fim, Pedro Vieira de Almeida aludiu aos eqívocos de há vinte anos e concluiu com o que aqui, nestas páginas, ainda há dias, por outras palavras se escreveu: Raul Lino está muito mais próximo do conceito contemporâneo de futuro do que estava da ideia que do futuro tinham os seus contemporâneos.

Pancho Miranda Guedes (foto da revista «Arquitectura Portuguesa», n.º 2, Julho/Agosto 1985, quase totalmente dedicado ao arquitecto)

Pancho Miranda Guedes: magistral!

Se os colóquios da Trienal de Arquitectura de Sintra começaram bem, prosseguiram melhor. No sábado à tarde, um dos maiores arquitectos portugueses, Pancho Miranda Guedes, deu o que se pode chamar um verdadeiro «show» para um público que de novo encheu o anfiteatro do Carlos Manuel.



Cinema Tivoli: a obra mais magestosa de Raul Lino em Lisboa (1924)

O tema era um tanto vago (Arquitectura em Manifesto, o hábito poético como pressuposto), ora Pancho Miranda Guedes transformou o vago em algo de bem preciso. Em vez de falar das casas que construiu para os outros... falou das que constrói para si mesmo, de como as concebe por dentro e por fora até ao pormenor e de como as habita ou habitou. Em suma, mais do que falar... expôs-se e, como no falar foi um mestre, as duas horas constituíram um inusitado prazer, sublinhado no final com uma das maiores ovações registadas numa conferência.

Para quem o nome de Pancho Miranda Guedes não é familiar, há a dizer que ele é, sem dúvida, o arquitecto português mais conhecido e reconhecido internacionalmente, precedendo nesta fama de uns bons dez ou vinte anos Siza Vieira.

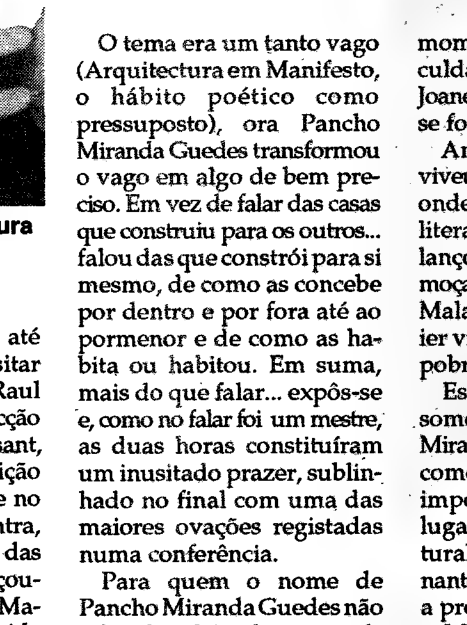
Pancho nasceu em Lisboa, foi aos quatro anos para África e em África tem feito grande parte da carreira e edificado a sua obra, sendo neste momento o director da Faculdade de Arquitectura de Joanesburgo, escola pela qual, se formou.

Antes e depois do curso viveu em Lourenço Marques, onde no início dos anos 60 literalmente deu a mão e lançou vários artistas negros moçambicanos, a começar por Malangatana, cuja casa-atelier viria a projectar no bairro pobre onde o artista se criara.

Este pormenor não é de somenos, visto que Pancho Miranda Guedes, também ele, como Raul Lino, dá uma importância fundamental ao lugar e ao enraizamento cultural como factores determinantes da obra arquitectónica a projectar.

Mas no sábado, já se disse, Pancho falou das suas casas, daquelas onde vive ou viveu, da família que com ele habita, da mulher e dos filhos, e de como estes foram crescendo e todos se modificando e com eles o espaço-envolvente.

Das razões, também, porque esse espaço, assim e não de outra maneira, foi sendo concebido e de objectos se povoando, sua história, defensor se mostrou o arquitecto e acérrimo da ocupação quase barroca do interior, contra o seu esvaziamento.



Três casas foram mostradas como exemplo: uma que Pancho construiu de raiz em Lourenço Marques; outra que edificou a partir de um barracão, na periferia de Joanesburgo; e uma última que decorou por fora e transformou por dentro, numa aldeia a três ou quatro quilómetros de Sintra (nome da casa: Cazal dos Olhos).

Em todos os casos ficou patente a capacidade do arquitecto em integrar a sua obra no local, mas tornou-se sobretudo visível a prodigiosa fantasia deste artista multifacetado, arquitecto, pintor, escultor, designer, artífice, artesão, mágico.

Para ele a casa torna-se um verdadeiro ser vivo, mutante, repositório de memórias tanto como testemunho de presenças, múltiplos objectos sempre em transformação a enchem e preenchem, dando-lhe um sentido, tornando-a verdadeiramente única, personalizada e pessoal.

Ao invés daqueles que defendem a casa como máquina ou cápsula de habitar, Pancho Miranda Guedes regalou-se e regalou-nos demonstrando que a casa é ou deve ser, acima de tudo, um espaço lúdico, um desafio à imaginação, um pretexto permanente para a criatividade.

Daí que, vazia, a casa para Pancho não seja nada, daí que, cheia, ela se prolongue para o exterior, o integre e nele se integre, seja pela vegetação circundante, seja pelas janelas, os seus olhos, pelos quais vê e pode ser vista.

Nestes termos é o próprio conceito de arquitectura que se agiganta e, simultaneamente, se nos torna íntimo e familiar.

Por seu lado, Pancho, coloquial e brilhante, como aqueles grandes professores que, parecendo não dizer nada, afinal falam do essencial, no sábado mais não disse do que isto: a arquitectu[illegible] tudo, é arte, po[illegible] tar e *num cert*[illegible] quitectos pod[illegible] nós. Ao men[illegible] Magistral!

Roc[illegible]

Evocação de Maria Albergaria

A Câmara Municipal de Sesimbra e o Teatro Experimental de Cascais recordaram no sábado a figura de uma das grandes actrizes do nosso teatro: Maria Albergaria. Painéis fotográficos, guarda-roupa produto da sua vivência como mulher de teatro e como cidadã foram inaugurados no Teatro Municipal. Estiveram presentes actores do Tec, assim como colegas de outras companhias de teatro. Depois da leitura de um painel evocativo, Lia Gama, acompanhada por Jorge Machado, deu a conhecer temas musicais que fizeram êxito no teatro de revista.

Siza Vieira volta a ganhar concurso em Espanha

Apresentado como «único no mundo», o projecto de Siza Vieira ganhou o concurso, disputado com mais seis arquitectos espanhóis, para a construção do Centro Cultural de la Defensa, em Madrid.

Concebido para um espaço de 18 mil metros quadrados, foi aprovado unanimemente por uma comissão constituída por especialistas e arquitectos de prestígio, delegados do Ministério da Cultura, do Governo Autónomo de Madrid e da Câmara Municipal da Cidade.

O projecto do arquitecto português caracteriza-se pela acessibilidade fora do comum que permitirá ao público um equipamento multifacetado, onde haverá museus, centros de documentação e bibliotecas. O relatório da comissão afirma que o trabalho de Siza «é audaz e original na sua concepção, diferenciando-se totalmente dos projectos apresentados pelos outros candiadtos. Recria elementos urbanos tradicionais como a praça aberta, as escadarias, a rua interior ou a varanda, dentro de um enfoque moderno».

Segundo Carlos Batzan, arquitecto do Ministério da Cultura de Espanha, o projecto do arquitecto português «cria uma pequena cidade onde penetra o visitante para ir descobrindo as diversas secções deste forum da cultura militar».

Entre os vários projectos que Siza Vieira tem já em andamento em Espanha, destacam-se a renovação de parte da cidade alicantina de Alcoy e a construção, no centro da ciadade ordenado com base num projecto seu, do Centro Galego de Arte Contemporânea, em Santiago de Compostela.

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

GREVE DE 10 A 19 DE FEVEREIRO DE 1990

Período das 00.00 horas do dia 10 de Fevereiro às 24.00 horas do dia 19 de Fevereiro de 1990

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e barcos, naquele período:

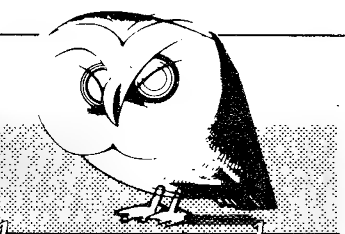
1. **ZONA SUBURBANA DE LISBOA**
   - 1.1. **Linha de Sintra**
     Prevê-se a realização dos comboios com origem e destino em Sintra e Cacém, com o horário dos dias úteis.
     Todos os comboios terão paragem em Campolide.
     A CP desenvolve também, a partir das 7.00 horas, um esquema rodoviário alternativo com origens e destinos em Queluz e Amadora, ambos sobre Sete Rios (Lisboa).
   - 1.2. **Linha de Cascais**
     Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos, com algumas supressões pontuais.
     Todos os comboios terão paragem em Santos.
     A CP desenvolve também, a partir das 6.00 horas, um esquema rodoviário complementar, com origens e destinos em S. Pedro, Parede, Carcavelos, Oeiras, Paço de Arcos e Cais do Sodré.
   - 1.3. **Lisboa-Azambuja**
     Prevê-se a realização do serviço normal.
   - 1.4. **Barreiro-Praias do Sado**
     Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.
   - 1.5. **Via Fluvial-Lisboa/Barreiro**
     Será praticado o serviço normal.
   - 1.6. **Cacém-Torres Vedras**
     Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.
2. **ZONA SUBURBANA DO PORTO**
   Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga.
   Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.
3. **ZONA SUBURBANA DE COIMBRA**
   Coimbra-Figueira da Foz e Coimbra-Serpina.
   Efectuar-se-á um número significativo de comboios.
4. **SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»**
   - 4.1. «ALFA«
     Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.
     Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.
   - 4.2. «INTERCIDADES«
     Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto-Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.
5. **LIGAÇÕES INTERNACIONAIS**
   Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo que será suprimida neste período.
6. **SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS**
   Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

NOTA — Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo — lamentando o incómodo — solicita-se aos Senhores passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informações da CP.

10. Fev. 1990.

Informação divulgada pela Divisão de Relações Públicas da CP.

Caminhos de Ferro Portugueses



olhar de mocho

Televisão escatológica?

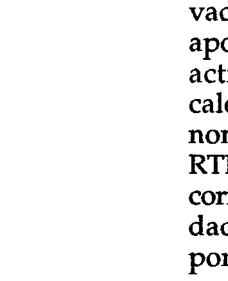
Com a escatologia, as coisas passaram-se assim. O Filho do Homem andou cá pela terra, mas depois, como as mudanças não foram de monta, começou-se a falar numa segunda vinda dele - seria o regresso em glória, o mundo acabaria, os bons ocupariam o lugar à direita e os maus à esquerda.

Mas os tempos foram passando e o final do mundo atrasava-se cada vez mais, o que levou, cerca do ano 200, o último dos livros da Bíblia a reflectir nos seguintes termos as frustrações do povo: «Mas então quando é que ele (o Filho do Homem) regressa como prometera? Gerações dos nossos pais já morreram e tudo continua na mesma, como no primeiro dia da criação».

A escatologia permaneceu: as coisas hão-de acontecer, mas nunca se sabe quando. A solução para o atraso é ficarmos todos à espera, nunca perder a fé, e ir trespassando de geração em geração essa convicção de que um dia será.

Quando na sexta-feira, nos dois canais, com direito a repetição no Jornal de Sábado, surgiu em pose solene e ao lado da bandeira das quinas o primeiro-ministro a anunciar coisas de televisão, fiquei convencido que a mensagem governamental iria pôr cobro ao aspecto escatológico das televisões privadas. Aguardava, com efeito, que se apontassem datas para o início das actividades dos canais privados, calendários de concessão de alvarás e nomes desses mesmos concorrentes da RTP que pela lei capitalista da concorrência permitiriam melhorar a qualidade dos emissores estatais. Enfim, a pompa da cerimónia que envolveu a comunicação do senhor primeiro-ministro permitia a ingénua ilação de uma sociedade civil mais e melhor libertada. Afinal, tudo ficou na mesma, ou quase na mesma: irá haver televisão privada em Portugal, e mais não disse o chefe do Governo. Ficámos, de facto, a saber que se irá desencadear um processo que na sua ponta final acabará por impor canais privados. Mas datas? Prazos? Igualdade à partida de condições para a disputa do mercado? Sobre estes pontos ficámos remetidos à condição de filiados no partido escatológico - algum dia há-de ser.

Irá ser elaborado um projecto-lei, haverá concursos públicos, terão lugar expedientes burocráticos para atribuir canais privados, possivelmente criar-se-á uma comissão *ad hoc* para analisar o problema, entretanto o pau vai e vem e as costas governamentais continuarão a ficar folgadas. Tanto alarido neste fim-de-semana para uma televisão escatológica? As desconfianças são fundadas de que a operação está montada para que tudo fique na mesma: em matéria televisiva não seremos a Albânia mas teremos de aguentar a *splendid isolation* por mais alguns tempos.



José Sousa Monteiro

DESPORTO

Nacional de futebol da I Divisão

Ninguém perdeu no seu castelo

Como vai sendo trivial, a rodada do nacional futebolístico de 1.ª água desenrolou-se em diversas etapas, consoante as horas de colocação no cartaz. Sábado: três degraus, com honras de TV directa para o embate mais tardio. Domingo: continente antecipando-se uma hora à Madeira. No fim de contas, Futebol Clube do Porto e Benfica mantendo a mesma diferença pontual, Guimarães caindo do braço da águia e, lá pelos fundos do edifício, o Portimonense ofertando a incómoda lanterna rubra aos funchalenses do Nacional.

Tudo começou em Santa Maria da Feira: o Estrela da Amadora chegou a ter vantagem no «placard» mas o golo de Ricky seria prontamente adormecido pelo empate que João Luís rubricou, para honra repartida pelas duas bandeiras. Depois, em Alvalade, uma grande exibição de Cadete culminou com um lindo tento do menino de Porto Amélia que casou com a campeã ginasta Rita Villas Boas. Perto do lavar dos cestos, Silas deu o conforto total aos sportinguistas, enquanto os beiramarenses regressavam a Aveiro confortados pela bela actuação do guarda-redes Quim, que evitou pior malefício para as hostes agora entregues a Vítor Urbano. Prossegue a boa sina de Raul Águas, ainda invencível à frente dos «leões»: Carlos Manuel continua no banco lateral e, quanto a Gomes e Paulinho Cascavel, vão alternando chamada ao trabalho activo.

Na noite de sábado, em espectáculo muito pobre e nada cativante, o Desportivo de Chaves, desenvencilhou-se da incómoda visita boavisteira: o magro tento de Rudez chegou para solucionar o problema.

Ontem, cinco «shows» de norte a sul e outro na capital madeirense. Em Braga, nova fragilidade belenenses, com toda a defensiva rasgando pano de seda: e os minhotos aproveitando para se colarem aos restelianos, em prova mais que afirmada de que o regresso à Europa pode não ser mera e simples utopia, Graças à diferença de golos nos dois embates, os alunos do português Vítor Manuel suplantam os comandados pelo sherife Moisés, com o «onze» da Cruz de Cristo agora também em paridade com os flavienses que, pé ante pé, vão fazendo pela vidinha.

Santo Tirso foi palco de novo KO dos unionistas madeirenses, em duelo que poderia considerar-se do mesmo campeonato: o da sobrevivência no comboio de luxo. Pensando no infortunado Reis, à sua memória ofertando este êxito, a esquadra de Neca ultrapassou com toda a facilidade os rapazes que foram confiados a Rui Mâncio, decididamente em aflitiva marcação de passo.

Nas Antas, os atiradores Rui Águas e Madjer, cada qual com uma dupla de tentos, deram tom de animado treino na recepção dos «dragões» a penafidelenses rijos mas (logicamente) com um potencial que mora a léguas luz do exército portista. Artur Jorge sem qualquer sobressalto: José Augusto com o credo na boca.

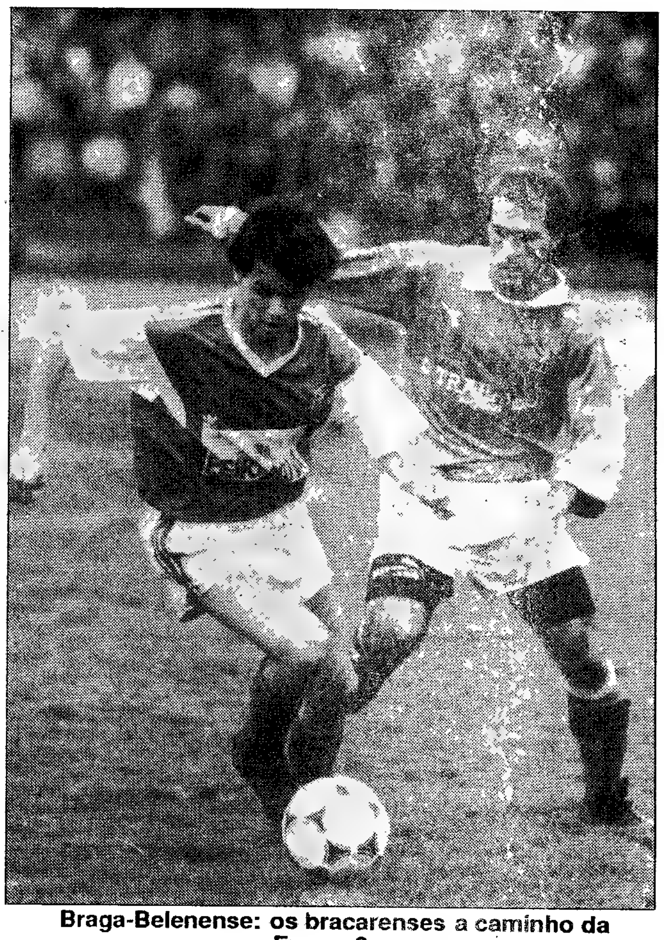
Afinal, o grande caso da semana, aquilo que poderia despoletar o pouco que resta para explodir em larga quota do Conselha Nacional de Arbitragem, foi por água abaixo. Saindo da manga de Lourenço Pinto, por exclusiva vontade do novo dono dos juízes de campo, o alentejano José Pratas entrou no tapete da luz e saiu incólume, sem qualquer falha digna de apontamento crítico. Foi um perfeito fiel de balança no Benfica - Guimarães, não perturbando a manobra e a calma serena de qualquer dos «teams».

A ausência de Neno entre os vimaranenses foi determinante para a falência do grupo de Paulo Autuori: Sérgio não teve possibilidade de colmatar em voo um corte em branco de William e Magnusson não perdoou a dádiva celestial. Quando o jovem guarda-redes que defendeu as cores do Estoril e foi chamado para alta voltagem em desespero de causa já estava menos nervoso e mais dentro do papel a desempenhar, veio o tento de Pacheco, porque a ingenuidade da frente de cobertura ao *camisola um* se deixou uma vez mais tornear. Guimarães bate a pala aos concorrentes mais directos. Entre os benfiquistas, uma esperança mais viva: será em sua casa que vão cumprir-se os dois mais difíceis exames, 0om o Porto e o Sporting a testarem-se perante o exigente e entusiasta «terceiro anel».

Para completar o ramalhete, novo empate a zero do Marítimo desta feita com divisão de pecúlio obrigada por Manuel Fernandes que continua no 5.º degrau da escada, sempre de olhar aberto para o propósito superior do presidente Fernando Oliveira: o retorno do «oitavo exército» aos relvados de além-fronteira.

Numa rodada que rendeu 20 golos, oito «onzes» ficaram em branco e, nesse capítulo, apenas o Vitória de Setúbal recolheu alguns dividendos. Dois nulos foram excepção à regra geral: nas próprias casas, protegidos pelas suas ameias, os donos de sete castelos resistiram aos montantes adversários. Daqui para a frente, a lei está ditada: perder qualquer ponto no próprio palco é travagem às quatro rodas.

Neves de Sousa



Braga-Belenense: os bracarenses a caminho da Europa?

Ginásio de Tavira volta ao futebol

O Ginásio Clube de Tavira (uma das glórias do ciclismo lusitano de outros tempos) está a ressurgir e poderá, muito em breve, reocupar lugar de primeira linha no desporto nacional. Detentor de um «palmarés» invejável, ao longo dos seus 61 anos como colectividade, o Ginásio de Tavira desperta (agora) de um prolongado «sono» que o entorpeceu nas últimas épocas.

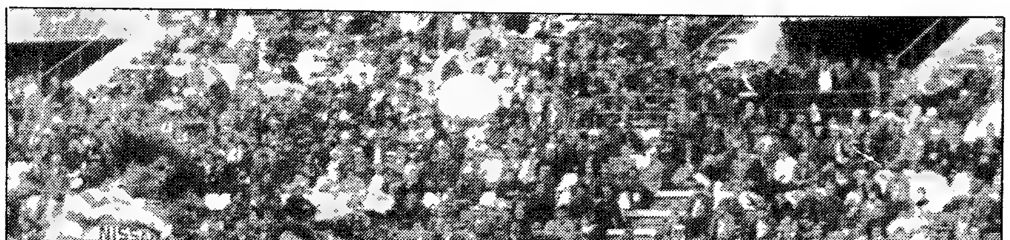
Há dois anos, ainda deu um ar de graça ao disputar a Volta a Portugal em bicicleta: afinal o fim de um ciclo menos bom.

Agora, feitas as contas e apurados os encargos, o Ginásio de Tavira lançou-se em novos desafios. Uma outra direcção, (encabeçada pelo hoteleiro Mário Inocêncio, e também incluindo o jornalista Jorge Passarinho), tomou o comando dos destinos do clube. Uma gestão equilibrada, inspirada nos grandes símbolos desportivos, está a transformar o Ginásio e, muito provavelmente a reservar surpresas para o futuro.

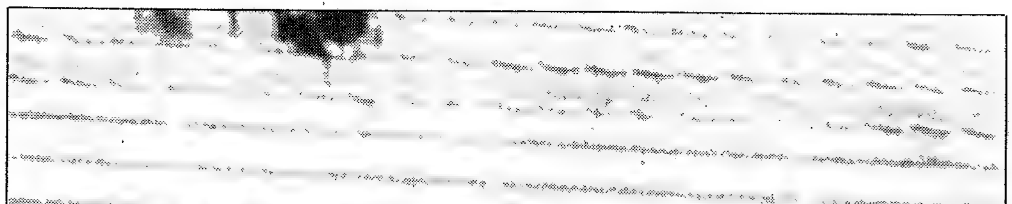
À falta de apoios locais, procuraram-se no exterior as ajudas necessárias. Marcas portuguesas e estrangeiras apostaram no projecto e, hoje, o Ginásio de Tavira volta a mexer com a juventude do concelho. O futebol foi incentivado: e o comando técnico entregue à responsabilidade de Joaquim Reina, que também supervisiona as camadas mais jovens.

Hoje: sorteio da Taça

Pelas 18 e 30, realiza-se hoje, na Sala Lisboa do lisboeta Hotel Altis, o sorteio da 5.ª eliminatória (oitavos-de-final) da Taça de Portugal. Clubes da 1.ª divisão ainda envolvidos na prova: Futebol Clube do Porto, Vitória de Setúbal, Belenenses, Vitória de Guimarães, Desportivo de Chaves, Boavista, Tirsense, União da Madeira e Estrela da Amadora ou Sporting de Braga (que jogam na próxima 4.ª feira). Ao lado de nove primodivisionários figuram Olivais e Moscavide, farense, Maia e Marco (da 2.ª divisão) e Vila Real, Valadares e Valonguense (do 3.º escalão nacional). Os jogos vão ter lugar na 3.ª feira, dia 27 do corrente.



Cadete cabeceia para o primeiro golo do Sporting



Rui Águas: dois golos que o confirmam como o melhor marcador português

Campeonatos nacionais de futebol

I Divisão: jornada sem surpresas

Nomes e números

Tirsense, 3 - União, 0

Árbitro: Vítor Correia (Lisboa).

TIRSENSE: Lúcio; Bio, Sérgio, Louro e Jorge (Vlamecir, aos 26m); José Maria, Eusébio (Lay aos 78m) e Quim; César, Tueba e Kipulu.

U. MADEIRA: Valente; Duarte, Ramos, Mota e Casimiro; Monteiro, Jairo e Markovic; Jorge Costa, Júlio Sérgio (Renato, aos 48m) e Hajri (Rogério, aos 59m).

Marcadores: José Maria (43m), Sérgio (45m) e Louro (48m).

Acção disciplinar: cartão amarelo a Louro (67m).

Porto, 4 - Penafiel, 0

Árbitro: Serafim Alvito, de Évora.

FC PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Geraldão, Demol e Branco; Jaime Magalhães, Semedo, André e Jorge Couto; Madjer e Rui Águas.

PENAFIEL: Cerqueira; Carlos Alberto, Vasco, Martins e Artur; Rui Manuel, China, Secretário e Amâncio; Rebelo e Coelho.

Marcadores: Rui Águas (17 e 66m) e Madjer (55 e 87m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Vasco (36m) e João Pinto (71m).

Feirense, 1 - Estrela, 1

Árbitro: Fortunato Azevedo.

FEIRENSE: Ricardo; Licínio, Marcelino, Miguel e Morgado; Rendeiro, Couto e Resende; Artur (cap.) e Pinto; João Luís.

Substituições: Couto por Pedro Martins, aos 65m, e Pinto por Manuel António, aos 71m.

E. AMADORA: Melo; Rui Neves, Duílio (cap.), Barny e Caetano; Rebelo, Paulo Bento, Bobó e Rui Jorge; Basaúla; Pedro Xavier.

Substituições: Pedro Xavier por Ricky, aos 73m, e Basaúla por Elias, aos 82m.

Marcadores: 0-1, aos 86m, por Ricky; 1-1, aos 89m, por João Luís.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Pedro Xavier, aos 30m, Bobó, aos 39m, e Licínio, aos 47m; cartão vermelho para Bobó.

Chaves, 1 - Boavista,0

Árbitro: Mário Leal.

CHAVES: Jesus; Vicente, Filgueira, Jorginho e Rogério; Miranda, Manuel Correia, Diamantino (cap.) e Slavkov; Rudez e Tanev.

Substituições: aos 68m, Rogério, lesionado, deu lugar a Rui Manuel; aos 88m, David substitui Rudez.

BOAVISTA: Alfredo; Valério; Jaime, Frederico (cap.) e Marcos António; Agatão, Garrido, Phil Walker e Chiquinho Carioca; Isaías e Jorge Andrade.

Substituições: aos 75m, Chiquinho Carioca cedeu o lugar a Jorge Silva; e aos 86m, Armando entrou para o lugar de Frederico.

Marcadores: Rudez, aos 83 minutos.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Jorginho (31m), Slavkov (84m) e Agatão (85m).

Sporting, 2 - Beira Mar, 0

Árbitro: Carlos Valente.

SPORTING: Ivkovic; João Luís, Luisinho, Venâncio e Oceano; Douglas, Silas e Carlos Xavier (cap.); Marlon, Gomes e Cadete.

Substituições: após o intervalo, Paulinho Cascavel surgiu na equipa «leonina» em vez de Gomes e, a quatro minutos do termo do desafio, Marinho rendeu Cadete.

Treinador: Raul Águas (português).

BEIRA MAR: Quim; Carvalhal; Redondo, Ivan e João Gouveia; Bozinoski; Augusto, Paquito, Sousa e Freire; Alain.

Substituições: aos 72m, saiu Augusto, entrando Jarbas na equipa aveirense onde, dois minutos depois, o sueco Sunesson rendeu Freire.

Treinador: Vítor Urbano (português).

Marcadores: 1-0, aos 44m, por Cadete e 2-0, aos 79m, por Silas.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Oceano e para Jarbas (86m).

Braga, 3-Belenenses, 0

Árbitro: João Mesquita (Porto).

SP. BRAGA: Luís Manuel; Chico Silva, Vítor Duarte, Quim I e Laureta; Quim II; Serrinha, Vinícius e Fernando Pires; Marcão (Santos, 71m) e Tiano.

BELENENSES: Mihaylov; Galo, Oliveira, Edmundo e José Mário; Juanico; Sadkov, Macaé e Gonçalves; Jaime (Chiquinho, na 2.ª parte) e Jorge Silva.

Marcadores: Serrinha (63m), Marcão (68m) e Santos (77, de g.p.).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Juanico (36m).

Marítimo, 0 - V. Setúbal, 0

Árbitro: Manuel Nogueira (Porto).

MARÍTIMO: Everton; Rui Vieira, Teixeirinha, Carlos Jorge e Andrade; Nunes, Artur Semedo e Wawa; José Luís, Wando (Tozé, aos 55m) e Maki (João Paulo, aos 80m).

V. SETÚBAL: Jorge Martins; Crisanto, Quim, Dito e Figueiredo; Jorge Ferreira, Quinito, Lufemba e Serra (Aparício, aos 61m); Mladenov e Makukula (Flávio, aos 76m).

Acção disciplinar: cartões amarelos para Wawa (63m) e Nunes (89m).

Portimonense, 2 - Nacional, 1

Árbitro: Juvenal Silvestre (Setúbal).

PORTIMONENSE: Figueiredo; Matos, Floris, Aurélio e Bezinski; Major, José Pedro, Skoda (Justiniano, 73m) e Voinov; Guetov e Luciano (Palecas, 89m).

NACIONAL: Gilmar; Heitor, Rui Duarte (Sylvanus, 32m), Leiz e Toninho; Paulito, Dinis, Ladeira e Paulo Sérgio; Robertinho e Dino (Edmilson, 67m).

Marcadores: Guetov (16m), Luciano (44m) e Toninho (47m).

Acção disciplinar: cartão amarelo para Paulito (21m), Heitor (23m), Sylvanus (33m), Toninho (39m), Skoda (40m) e Robertinho (41m).

RESULTADOS

CHAVES	1-0	BOAVISTA
TIRSENSE	3-0	UNIÃO
FEIRENSE	1-1	EST. DA AMADORA
BRAGA	3-0	BELENENSES
MARÍTIMO	0-0	V. DE SETÚBAL
BENFICA	2-0	V. DE GUIMARÃES
PORTIMONENSE	2-1	NACIONAL
SPORTING	2-0	BEIRA MAR
FC PORTO	4-0	PENAFIEL

20.ª ronda (a 18 de Eevereiro): União da Madeira - Boavista, Estrela da Amadora - Tirsense, Belenenses - Feirense, V. Setúbal - Braga, Guimarães - Marítimo, Beira Mar - Benfica, Nacional - Sporting, Penafiel - Portimonense e FC Porto - Chaves

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º **F.C. PORTO**	19	15	3	1	41- 5	33
2.º Benfica	19	13	5	1	50- 8	31
3.º V. Guimarães	19	12	5	2	28-13	29
4.º Sporting	19	11	6	2	22- 9	28
5.º V. Setúbal	19	8	5	6	23-17	21
6.º Braga	19	6	8	5	18-18	20
7.º Belenenses	19	8	4	7	18-21	20
8.º Chaves	19	6	8	5	21-24	20
9.º E. Amadora	19	6	6	7	23-17	18
10.º Tirsense	19	4	10	5	11-15	18
11.º Boavista	19	6	6	7	28-19	18
12.º Beira Mar	19	4	6	9	8-22	14
13.º Marítimo	19	2	9	8	13-25	13
14.º Penafiel	19	4	5	10	13-31	13
15.º Feirense	19	3	6	10	11-29	12
16.º União	19	3	6	10	13-28	12
17.º Portimonense	19	4	4	11	15-34	12
18.º Nacional	19	0	10	9	12-33	10

Águas e Madjer bisaram

Os portistas Madjer e Rui Águas bisaram na jornada n.º 19, mas o sueco Magnusson rubricou o seu 23.º tento nas 19 rondas já disputadas. Os melhores marcadores são:

23 golos: Magnusson (Benfica.

10 golos: Ricky (E. Amadora), Guetov (Portimonense) e Rui Águas (FC Porto).

9 golos: Mladenov (V. Setúbal).

8 golos: Chiquinho (V. Guimarães), Tanev (Chaves) e Jorge Andrade (Boavista).

7 golos: Demol e Madjer (FC Porto), Vata (Benfica) e Monteiro (União).

5 golos: Douglas (Sporting), Aparício (V. Setúbal), Coelho (Penafiel), Caio Júnior (V. Guimarães), Chiquinho (Belenenses), Nélson Borges (Est. Amadora) e Aldair (Benfica).

II Divisão: líderes vão-se destacando

Zona Norte

Marco - Trofense, 2-1; Aves - Leixões, 1-2; Gil Vicente - Varzim, 1-3; Infesta - P. Ferreira, 3-1; Joane - Famalicão, 1-1; Freamunde - Felgueiras, 1-0; Rio Ave - Fafe, 2-1; Maia - Vizela, 3-0 e Vianense - Bragança, 2-4.

	J	V	E	D	G	P
1.º **FAMALICÃO**	17	10	7	0	30-10	27
2.º Freamunde	16	9	5	2	26-15	23
3.º Gil Vicente	17	10	2	4	28-19	22
4.º Rio Ave	17	9	3	5	22-14	21
5.º Paços de Ferreira	17	9	2	6	31-21	20
6.º Desportivo das Aves	17	9	2	6	23-14	20
7.º Maia	16	6	7	3	20-13	19
8.º Leixões	17	8	3	6	24-22	19
9.º Varzim	17	7	4	6	24-16	18
10.º Bragança	17	7	4	6	24-16	18
11.º Infesta	17	5	6	6	21-21	16
12.º Fafe	17	5	5	7	17-14	15
13.º Vianense	17	5	3	9	18-29	13
14.º Felgueiras	17	5	3	9	12-23	13
14.º Trofense	17	4	5	8	17-25	13
16.º Joane	17	4	4	9	12-24	12
17.º Vizela	16	3	2	11	11-27	8
18.º Marco	17	2	4	11	11-31	8

Próxima jornada (18.ª/18-2): Maia - Vianense (1-1 na 1.ª volta); Rio Ave - Vizela (1-2); Freamunde - Fafe (1-0); Joane - Felgueiras (0-1); Infesta - Famalicão (0-2); Gil Vicente - P. Feirreira (0-3); D. Aves - Varzim (0-2); Marco - Leixões (1-2) e Trofense - Bragança (1-2).

Zona Centro

Oliveira do Bairro - Benfica de Castelo Branco, 2-2; U. Lamas - Oliveirense, 2-1; Acad. de Viseu - Peniche, 2-0; Guarda - U. Leiria, 0-3; Académica de Coimbra - Lousanense, 5-0; Mirense - Marialvas, 1-0; Caldas - Mangualde, 1-0; Salgueiros - Espinho, 0-1 e Covilhã - Águeda, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º **ESPINHO**	17	14	1	2	38-10	29
2.º Salgueiros	17	11	3	3	41-13	25
3.º Académica	17	10	4	3	36-19	24
4.º União de Leiria	17	9	5	3	22-11	23
5.º Académico de Viseu	17	8	5	4	28-19	21
6.º Caldas	17	9	1	7	18-25	20
7.º Águeda	17	7	4	6	22-15	18
8.º Mangualde	17	9	0	8	25-24	18
9.º Mirense	17	6	5	6	21-20	17
10.º Benf. Castelo Branco	17	6	4	7	19-19	16
11.º União de Lamas	17	8	0	9	23-25	16
12.º Covilhã	17	7	1	9	19-28	15
13.º Guarda	17	7	1	9	19-28	15
14.º Marialvas	17	4	5	8	10-22	13
15.º Oliveirrense	17	4	3	10	15-24	11
16.º Oliveira do Bairro	17	2	7	8	14-32	11
17.º Lousanense	17	3	3	11	15-35	9
18.º Peniche	17	2	2	13	8-33	6

Próxima jornada (18.ª/18-2): Salgueiros - Covilhã (2-0 na 1.ª volta); Caldas - Sp. Espinho (0-6); Mirense - Mangualde (2-1); Académica - Marialvas (1-1); Guarda - Lousanense (1-0); Ac. Viseu - U. Leiria (0-1); U. Lamas - Peniche; Ol. Bairro - Oliveirense (1-0) e Benfica de Castelo Branco - Águeda (0-2).

Zona Sul

Torreense - Lusitano VRSA, 0-0; Juventude - Farense, 0-2; Portalegrense - Alverca, 0-2; Sintrense - Seixal, 2-1; Olivais e Moscavide - Atlético, 1-0; Estoril - Barreirense, 1-0; Silves - Samora Correira, 3-0; Olhanense - Lusitano Évora, 0-2 e Louletano - O Elvas, 0-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º **FARENSE**	17	14	3	0	44- 9	31
2.º Louletano	17	10	4	3	27-12	24
3.º Elvas	17	8	6	3	24-13	22
4.º Alverca	17	9	4	4	27-18	22
5.º Estoril	17	7	8	2	12-11	22
6.º Lusitano V. Real	17	6	8	3	19-10	20
7.º Torreense	17	7	5	5	26-16	19
8.º Barreirense	17	8	3	5	21-14	19
9.º Juventude	17	7	5	5	17-21	19
10.º Olhanense	17	7	4	6	22-23	18
11.º Silves	17	5	7	5	20-17	17
12.º Lusitano	17	4	6	7	24-24	14
13.º Seixal	17	4	5	7	10-22	13
14.º O. e Moscavide	17	3	5	9	15-26	11
15.º Atlético	17	4	2	11	22-28	10
16.º Sintrense	17	2	4	11	12-30	8
17.º Portalegrense	17	2	4	11	14-47	8
18.º Samora Correia	17	1	5	11	9-30	7

Próxima jornada (18.ª/18-2): Olhanense - Louletano (0-2 na 1.ª volta0; Silves - Lusitano de Évora (0-0); Estoril - Samora (1-1); Ol. Moscavide - Barreirense (0-2); Sintrense - Atlético (0-1); Portalegrense - Seixal (0-1); Juventude - Alverca (1-0); Torreense - Farense (1-3) e Lusitano de Vila Real - Elvas (0-1).

Campeonatos nacionais de futebol

III Divisão: nabantinos vão resistindo

Série A

Caminha - Lanheses, 1-0; Celoricense - Mirandela, 1-0; Delães - Amares, 1-1; Esposende - Maria da Fonte, 1-1; Mac. Cavaleiros - Valpaços, 2-1; Moreirense - Ribeirão, 2-1; Santa Maria - Ponte da Barca, 1-1; Valdevez - Prado, 3-1; Vila Pouca - Vieira, 2-1.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **MOREIRENSE**	19	10	7	2	25-14	27
2.º Esposende	19	9	9	1	28-14	27
3.º Caminha	19	9	5	5	24-15	23
4.º Mirandela	19	8	6	5	39-23	22
5.º Delães	19	9	4	6	26-26	22
6.º Amares	19	8	6	5	23-16	22
7.º Valpaços	19	8	4	7	24-22	20
8.º Santa Maria	19	8	4	7	20-25	20
9.º Maria da Fonte	19	5	10	4	16-13	20
10.º M. Cavaleiros	19	8	4	7	25-26	20
11.º Vieira	19	6	5	8	17-18	18
12.º Celoricense	19	6	5	8	21-22	17
13.º Valdevez	19	3	10	6	18-18	17
14.º P. Barca	19	5	6	8	16-19	16
15.º Lanheses	19	3	9	7	18-20	15
16.º Prado	19	5	4	10	10-21	14
17.º Ribeirão	19	2	7	10	12-35	11
18.º Vila Pouca	19	4	3	12	14-31	11

Próxima jornada (20.ª/18-2): Lanheses - Mirandela (1-4 na 1.ª volta); Ponte da Barca - Caminha (2-1); Ribeirão - Santa Maria (0-0); Maria da Fonte - Moreirense (2-2); Amares - Esposende (0-1); Prado - Delães (1-3); Vieira - Valdevez (1-1); Valpaços - Vila Pouca (2-1); Mac. Cavaleiros - Celoricense (1-4).

Série B

Ermesinde - S.M. Penagião 1-0; Lousada - Rio Tinto, 3-2; Lusitânia - Lixa, 1-2; Paivense - Sanjoanense, 0-0; Paredes - Sandinenses, 1-0; Pedrouços - Cinfães, 3-3; Régua - Leça, 2-1; Valadares - Vila Real, 1-2; Valonguense - Amarante, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **LOUSADA**	19	11	4	4	35-21	26
2.º Paredes	19	10	5	4	34-17	25
3.º Valonguense	19	9	7	3	25-16	25
4.º Amarante	19	8	8	3	26-13	24
5.º Leça	19	7	8	4	24-19	22
6.º Lixa	19	8	6	5	24-16	22
7.º Vila Real	19	8	6	5	27-18	22
8.º Sanjoanense	19	9	4	6	28-21	21
9.º Lourosa	19	6	8	5	19-15	20
10.º Sandinense	19	6	7	6	16-22	19
11.º Pedrouços	19	6	7	6	30-30	19
12.º Ermesinde	19	7	5	7	19-16	19
13.º Régua	19	7	4	8	18-22	18
14.º Cinfães	19	5	6	8	20-35	16
15.º Rio Tinto	19	4	5	10	19-33	13
16.º Valadares	19	1	8	10	13-34	10
17.º Santa Marta	19	3	4	12	14-28	10
18.º Paivense	19	1	7	11	13-31	9

Próxima jornada (20.ª/18-2): Sandinenses - Leça (0-1 na 1.ª volta); Cinfães - Paredes (0-1); Amarante - Pedrouços (2-4); Lixa - Valonguense (1-3); Rio Tinto - Lus. Lourosa (1-3); Sanjoanense - Lousada (2-3); Vila Real - Paivense (0-0); Santa Marta - Valadares (1-0) e Ermesinde - Régua. (0-1).

Série C

Alba - Gouveia 0-0; Estarreja - Valecambrense, 5-0; Luso - Argus, 0-0; Mortágua - Anadia, 1-4; Oliveirinha - Mealhada, 4-3; Ovarense - Oliveira do Hospital, 3-0; Sabugal -Tabuense a) 0-3; Seia - Valonguense 1-2; U. Coimbra - Santacombadense 0-1.

a) Interrompido

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **SANTACOMB.**	19	15	1	3	18- 6	31
2.º Anadia	19	14	2	3	34-12	28
3.º Estarreja	19	9	5	5	26-14	22
4.º Gouveia	19	7	9	4	16- 7	21
5.º Ovarense	19	8	7	4	23-12	21
6.º Valonguense	19	7	7	5	21-16	21
7.º U. de Coimbra	19	7	6	6	24-14	20
8.º Luso	19	5	9	5	12-10	19
9.º O. do Hospital	19	6	6	7	13-23	18
10.º Mealhada	19	4	8	7	22-18	16
11.º Argus	19	5	6	8	19-25	16
12.º Oliveirinha	19	6	6	7	20-22	16
13.º Alba	19	4	7	8	14-17	14
14.º Tabuense	18	4	5	9	13-17	13
15.º Mortágua	19	3	8	8	13-14	13
16.º Seia	19	4	4	11	26-29	11
17.º Sabugal	19	3	4	11	15-46	10
18.º Valecambrense	19	3	3	13	12-44	8

Próxima jornada (20.ª/18-2): Gouveira - Valecambrense (1-1 na 1.ª volta); Mealhada - Alba (1-1); Anadia - Oliveirinha (2-1); Tabuense - Mortágua (1-0); Santacombadense - Sabugal (1-0); Argus - U. Coimbra (1-4); Valonguense - Luso (0-1); Oliveira do Hospital -Seia (1-0) e Ovarense - Estarreja (1-1).

Série D

Alcains - Ferrel, 4-0; Alcanenense - Castelo de Vide, 4-0; Alfeizerense - Naval, 2-1; Bombarralense - Sertanense, 0-0; Estrela de Portalegre - Mirandense, 2-1; Fátima - Alcobaça, 3-0; Nazarenos - Marrazes, 2-1; União de Santarém - Marinense, 2-2; e União de Tomar - Torres Novas, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **U. DE TOMAR**	19	13	6	0	30- 7	32
2.º Mirandense	19	11	5	3	31- 7	27
3.º Naval	19	10	6	3	31-15	26
4.º Fátima	19	10	6	3	36-11	26
5.º U. de Santarém	19	9	4	6	24-13	22
6.º Alcobaça	19	7	7	5	20-16	21
7.º Alcanenense	19	5	8	6	21-16	20
8.º Sertanense	19	4	11	4	16-17	19
9.º Torres Novas	19	6	6	7	22-25	18
10.º Marinhense	19	3	11	5	19-24	17
11.º Alcains	19	5	7	7	24-21	17
12.º E. de Portalegre	19	4	9	6	14-26	17
13.º Nazarenos	19	5	6	8	19-25	16
14.º Bombarralense	18	1	12	5	11-19	14
15.º Castelo de Vide	19	5	3	11	14-32	13
16.º Marrazes	19	3	7	9	12-25	13
17.º Alfeizerão	19	3	7	9	17-29	13
18.º Ferrel	18	5	1	12	14-45	11

Próxima jornada: Ferrel - Marinhense (1-3 na 1.ª volta); Marrazes - Alcains (0-3); Mirandense - Nazarenos (2-0); Torres Novas - Estrela de Portalegre (1-1); Castelo de Vide - União de Tomar (0-3); Alcobaça - Alcanenense (1-2); Naval 1.º de Maio - Fátima (0-1); Sertanense - Alfeizerense; e Bombarralense - União de Santarém (1-2).

Série E

Cacém - Cartaxo, 1-1; Câmara de Lobos - Lusitânia, 0-0; Campomaiorense - Almeirim, 1-0; Fanhões - Vilafranquense, 0-0; Fronteirense - Borbense, 2-1; Loures - Sacavenense, 0-1; Portosantense - Futebol Benfica, 1-0; Praiense - Odivelas, 2-1; e Santa Clara - Oriental, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **F. BENFICA**	19	9	7	3	26-18	25
2.º Santa Clara	19	9	5	5	32-25	23
3.º Sacavenense	19	7	8	4	17-14	22
4.º Oriental	18	8	5	5	22-13	21
5.º Campomaiorense	19	9	3	7	22-16	21
6.º U. de Almeirim	19	8	4	7	27-19	20
7.º Odivelas	19	8	4	7	25-18	20
8.º Portosantense	19	7	6	6	22-17	20
9.º Borbense	19	7	5	7	18-27	19
10.º Vilafranqense	19	6	7	6	17-15	19
11.º Loures	19	5	8	6	20-23	18
12.º Praiense	19	6	6	7	12-15	18
13.º Fanhões	19	5	7	7	13-18	18
14.º Câmara de Lobos	19	4	9	6	13-16	17
15.º Cartaxo	19	4	8	7	21-29	16
16.º Lusitânia	18	5	5	8	13-17	15
17.º Fronteirense	19	5	5	9	12-20	15
18.º Cacém	19	4	6	9	14-24	14

Próxima jornada (20.ª/18-2): Vilafranquense - Sacavenense (na 1.ª volta); Futebol Benfica - Fanhões (0-1); Odivelas - Portosantense (1-0); Cartaxo - Praiense (0-0); Lusitano dos Açores - Cacém (1-2); Oriental - Câmara de Lobos (0-1); Borbense - Santa Clara (2-2); União de Almeirim - Fronteirense (2-1); e Campomaiorense - Loures (1-0).

Série F

Leões de Tavira - Imortal, 2-1; Montijo - Vasco da Gama, 3-0; Moura - Estrela de Vendas Novas, 2-2; Palmelense - Quimigal, 3-2; Pescadores - Esperança de Lagos, 1-0; Quarteirense - Almancilense, 1-1; Santiago do Cacém - Amora, 2-1; Sesimbra - Trafaria, 1-2; e União de Montemor - Beja, 2-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **MONTIJO**	19	12	5	2	41-14	29
2.º Amora	19	12	3	4	33-20	27
3.º Quarteirense	19	10	6	3	40-16	26
4.º União de Santiago	19	10	4	5	40-22	24
5.º Almancilense	19	8	7	4	20-15	23
6.º U. de Montemor	19	10	1	8	31-20	21
7.º Moura	19	6	9	4	24-19	21
8.º Vasco da Gama	19	9	3	7	24-26	21
9.º Quimigal	19	6	8	5	20-19	20
10.º E. de Lagos	19	7	6	6	31-25	20
11.º Palmelense	19	6	6	7	26-24	18
12.º Caparica	19	6	4	9	19-30	16
13.º Leões	19	4	7	8	13-17	15
14.º Beja	19	6	3	10	16-33	15
15.º Imortal	19	4	7	8	28-34	15
16.º E. V. Novas	19	4	5	10	20-34	13
17.º Trafaria	19	1	7	11	18-57	9
18.º Sesimbra	19	3	3	13	12-33	9

Próxima jornada (20.ª/18-2): Imortal - Esperança de Lagos (1-2 na 1.ª volta); Amora - Leões de Tavira (2-1); Estrela de Vendas Novas - União de Santiago do Cacém (1-2); Quimigal - Moura (0-0); Beja - Palmelense (0-4); Vasco da Gama - União de Montemor (1-3); Trafaria - Montijo (0-8); Almancilense - Sesimbra (2-0); e Quarteirense - Costa de Caparica (2-1).

Futebol lá fora

Milão «cilindra» o Nápoles

Ao vencerem o Nápoles (de Maradona) pela contundente marca de 3-0, o AC Milão igualou os napolitanos no topo da tabela classificativa após concluída a 24.ª ronda do campeonato italiano. Os golos do Milão foram marcados na 2.ª parte através de Massaro (46 minutos), Paulo Maldini (70) e Van Basten (84). Maradona esteve no terreno mas a sua classe não foi evidenciada. Vejamos os resultados: Ascoli-Bari, 1-1; Cesena-Atalanta, 0-0; Cremonese-Bolonha, 2-1; Juventus-Lazio, 1-0; Lecce-Verona, 1-0; AC Milão-Nápoles, 3-0; Roma-Inter, 1-1; Sampdoria-Genova, 0-0 e Udinese-Fiorentina, 1-1.

Classificação: AC Milão e Nápoles, 36 pontos; Sampdoria e Inter, 32; Juventus, 31; Roma, 29; Atalanta, 28; Bolonha, 24; Bari, 22; Lazio, 21; Genova e Lecce, 20; Fiorentina e Cesena, 19; Cremonese e Udinese, 17; Ascoli, 15; Verona, 14.

Espanha

Resultados da 24.ª jornada: Cadiz-Real Madrid, 0-3; Valência-Málaga, 3-0; Barcelona-Maiorca, 1-1; Rayo Vallecano-Castelon, 0-2; Real Sociedad-Oviedo, 1-1; Tenerife-Osasuna, 2-0; Celta-Valladolid, 0-0; Logroñes-Saragoça, 2-1; Atlético de Madrid - Atlético de Bilbau, 2-0 e Gijon-Sevilha, 0-1.

Classificação: após 24 jornadas: 1.º Real Madrid, 38 pontos; 2.ºs Valência e Atlético de Madrid, 32; 4.º Barcelona, 31; 5.º Real Sociedad, 28; 6.º Sevilha, 27; 7.º Osasuna (menos um jogo), 26; 8.º Maiorca, 26; 9.ºs Saragoça e Oviedo, 25; 11.º Logroñes (menos um jogo), 23; 12.ºs Atlético de Bilbau e Castellon, 22; 14.º Gijon, 20; 15.º Valladolid, 19; 16.º Málaga (menos um jogo), 18; 17.º Tenerife, 18; 18.ºs Cadiz e Celta, 16; 20.º Rayo Vallecano (menos um jogo), 12.

TOTOBOLA

A chave

Benfica-Guimarães 1
Sporting-Beira Mar 1
Chaves-Boavista 1

Tirsense-U. Madeira 1
Feirense-Est. Amadora ... X
Braga-Belenenses 1

Marítimo-V. Setúbal X
Portimonense-Nacional ... 1
Joane-Famalicão X

Guarda-U. Leiria 2
Salgueiros-Espinho 2
Covilhã-Águeda 1
Juventude-Farense 2

A nossa aposta

CONCURSO N.º 07/90 (18-2-90)

Porto-Chaves 1
Beira-Mar-Benfica 2
Guimarães-Marítimo 1
Nacional-Sporting 2
U. Madeira-Boavista X
E. Amadora-Tirsense 1
Belenenses-Feirense 1
Setúbal-Braga .... [illegible]
Penafiel-Portimonense ... 1
Infesta-Famalicão .... [illegible]
Caldas-Espinho .... [illegible]
Olhanense-Louletano ..... [illegible]
Torreense-Farense ....

TOTOLOTO

6 - 12 - 22 - 31 - 40 - 45 (34)

Os Serviços de Escrutínio do Departamento de Apostas Mútuas Desportivas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, informaram o «DL» terem sido apurados os seguintes resultados, relativamente aos concursos do Totoloto e Totobola: com 13 resultados certos foram encontrados 217 apostadores, cabendo a cada 94 701$00, com 12 resultados 6045 a que correspondem 3399$00 e com 11 foram encontrados 63 471 concorrentes que receberão 323$00.

Quanto ao Totoloto as previsões são as seguintes: com 6 números certos: 5 ou 6 (16 267 627 ou 13 556 489$00), 2.º prémio (5 × 1) prevêem-se 14 a 16 concorrentes recebendo cada cerca de 1400 contos; 3.º prémio (5), de 807 a 820 (75 386$00); 4.º prémio (4) cerca de 37 mil (1670$00) com o 5.º prémio (3) haverá cerca de 620 mil concorrentes aos quais caberão 156$00.

Benfica, 2 – Guimarães, 0

Pratas foi juiz de ouro

Durante a semana, foi um ver-se-te-avias: árbitro pasra aqui, árbitro para acolá. Culpas e chibatadas sobre Francisco Silva, o Benfica de lança em riste numa demasiado inflamada Conferência de Imprensa em que o juiz algarvio foi quase servido no churrasco. Depois a réplica vimaranense: *«Rosa Santos? Nem pensar nisso. Era o que faltava!«* — proclamavam os vimaranenses. Por seu lado, de antemão se sabendo que Carlos Valente estava indicado para o Sporting - Beira Mar (que é como quem diz: resguardado para o Benfica - Porto...), e que os outros apitadores mais credenciados não estavam neutros que receberia o encargo de ser juiz na Luz? Um homem com galões internacionais? Por exclusão de partes, restaria Veiga Trigo. Ou, de entre Bento Marques e José Pratas, dois preferidos no peneira de Lourenço Pinto, saltaria o fiel de balança para o diálogo que se adivinhava escaldante?

Aconteceu isso: apenas (portanto) meia surpresa. E, para já, um aplauso todo rasgado: o pequeno eborense dominou completamente o espectáculo sem nunca ter saido do ofuscamento que se recomenda a um juiz sóbrio e cuidadoso. Escolheu um tom de acção: o diálogo com os artistas, sem exuberâncias nem ar paternal mas sempre incisivo.

Antonio Capela

Os dois golos do Benfica frente ao Guimarães

E foi jogo aí que o espectáculo ficou salvo: a montanha, que ameaçava rasgar-se e soltar lava pela cratera, recolheu a penates. Nem um só rugido, até porque rapidamente ficou definido no horizonte o vencedor da esgrima.

Exacto. Avançaremos para terreiro as duas formações, Eriksson sem poder contar com Thern, Vata e Abel, Diamantino e Lima. Paulo Autuori com piores dores de cabeça: René de fora, vá que não vá, Neno ausente é que provocava muitos sobressaltos nas hostes vimaranenses. E foi precisamente por aí que baixou a ponte até ao reino do soberano minhoto: um belíssimo cruzamento de José Carlos não foi interceptado por William (que saltou mas ficou a meio caminho da bola, os pés não deram a impulsividade necessária para o corte) e, como também o jovem e inexperiente Sérgio se quedou em branco, Magnusson mais não fez que fuzilar a malha, mesmo assim com um pontapé que, por questão de centímetros, iria parar à bancada de mármore.

Mas, era o 1-0, Guimarães obrigado a mudar de tom, a tornar-se mais agressivo. E logo o tentou, obrigando Silvino a vir por aí fora, cortando a asa a Chiquinho que (endiabrado) queria provar perante o antigo patrão que está ali para as curvas. Todavia, quando Sérgio já estava afastado do alto nervosismo, mais capaz de procurar fazer esquecer Neno, surgiu o golpe número dois, digamos que o tiro de misericórdia no pescoço vimaranense: passe de Magnusson para Pacheco e, quando se esperava que Nando ou qualquer colega cortasse a investida, veio o tranquilo e colocado toque final. O Benfica iria para o balneário já tranquilamente sentado no trapézio.

A lesão de Aldair (coisa para duas semanas de repouso) proporcionaria a entrada em palco de Samuel, que logo engatilhou caminho para o bom aplauso, aí se juntando a José Carlos e Ricardo, especialmente porque o parceiro da direita está conquistando carta de alforria e o mestre brasileiro é dono e senhor da área que directamente conduz a Silvino.

Com esta gente em boa forma e, também porque Veloso vai cumprindo na asa canhota, oferecendo brio e vontade quando a experiência é posta à prova, o Benfica foi sempre dominando as operações, uma vez que Valdo e Pacheco (na intermediária), Magnusson e César brito (na vanguarda da galopada) não eram suficientemente travados pela embaixada nortenha que, tendo em Nando e Chiquinho dois baluartes de se lhes tirar o chapéu, caia frequentemente na ratoeira da águia, porque os defesas centrais não conjugavam na alternância de patronato e, tirando João Baptista, o centro nevrálgido das operações ficava a olhar para o desfile das outras cores.

Enfim: no tempo de abertura, o Benfica explorou bem a ausência de Neno e a falência de quem deveria apoiar Sérgio. Pelo tempo fora, construida boa vantagem, foi questão (apenas) de sábia administração do dinheiro que estava depositado a prazo. No fim de contas (e salvo qualquer reviravolta no andamento do comboio) Guimarães pode ter ficado fora da entrada directa na mesa de privilégio final, enquanto o Benfica, agora apenas dependendo de si próprio, vai sofrer a invasão da concorrência mais directa, com uma certeza no olhar: se não perder pontos nesses dois crueis exames (Porto e Sporting) ficará com o naipe de trunfo na mão.

Neves de Sousa

Magnusson: outro golo

Com boa arbitragem de José Pratas (Évora) que esteve acompanhado por Lopes da Silva (bancada) e António Matos (peão), actuaram:

BENFICASilvino; José Carlos, Aldair (Samuel (2.ª parte), Ricardo e Veloso; Hernâni; Vítor Paneira, Valdo e Pacheco; Magnusson e César Brito (Ademir aos 77 minutos).

GUIMARÃES: Sérgio; Nando, William, Bené e Germano; João Baptista; N'Dinga, Soeiro e Roldão (silvinho, 56); Caio Júnior e Chiquinho.

Golos: Magnusson (12(e Pacheco (38). Cartão amarelo para silvino e William.

Juniores

Série A: Vizela - Chaves, 3-1; Vitória de Guimarães - Famalicão, 2-1; Taipas - Braga, 1-2; Ponte da Barca - Merelinense, 3-1; Mãe d'Água - Gil Vicente, 1-2; e Vila Real - Vianense, 1-0.

Líder: Vitória de Guimarães, 25 pontos.

Série B: Futebol Clube do Porto - Espinho, 2-2; Rio Ave - Varzim, 1-1; Viseu e Benfica - Maia, 0-2; Leixões - Águeda, 5-2; Boavista - Lamego, 3-0; e Beira Mar - Salgueiros, 1-0.

Líder: Futebol Clube do Porto, 29 pontos.

Série C: Marrazes - União de Tomar, 2-3; Académica - Mangualde, 7-1; Estação - Guarda, 3-1; Gouveia - União de Leiria, 0-5; Nazarenos - Académico de Viseu, 1-1; e Naval - União de Coimbra, 3-0.

Líder: Académica, 27 pontos.

Série D: Olivais e Moscavide - Benfica, 0-1; União de Leiria - Sporting, 0-6; Belenenses - Bombarralense, 6-0; Caldas - União de Santarém, 5-1; Estoril - Casa Pia, 1-0; e Estrela da Amadora - Pescadores, 2-0.

Líder: Benfica, 29 pontos.

Série E: Portimonense - Lusitano de Évora, 3-0; Seixal - Amora, 0-0; Barreirense - Farense, 0-0; Elvas - Estrela de Vendas Novas, 3-0; Barreirense - Farense, 0-0; Quimigal - Zona Azul, 3-0; e Vitória de Setúbal - Olhanense, 2-0.

Líder: Vitória de Setúbal, 25 pontos.

Juvenis

No «Nacional» de Juvenis, disputou-se a 19.ª jornada, que teve os seguintes resultados:

Série A: Vizela - Braga, 0-4; Vitória de Guimarães - Varzim, 4-0; Chaves - Paços de Ferreira, 1-3; Rio Ave - Salgueiros, 0-0; Freamunde - Moncorvo, 5-0; Leixões - Vianense, 0-0.

Líder: Braga, 29 pontos.

Série B: Tabuense - Boavista, 0-5; Mangualde - Águeda, 0-5; Bombeiros Voluntários de Almeida - Lusitânia, 0-2; Académica - Académico de Viseu, 2-0; Estação - Beira Mar, 0-0; Feirense - Futebol Clube do Porto, 0-2.

Líder: Futebol Clube do Porto, 36 pontos.

Série C: Torreense - União de Leiria, 3-0, Sporting - União de Santarém, 5-0; Benfica - Casa Pia, 4-0; Damaiense - União de Coimbra, 0-3; Belenenses - Estrela da Amadora, 2-1; Benfica de Castelo Branco - Estoril, 1-1.

Líder: Sporting, 37 pontos.

Série D: Olivais e Moscavide - Estrela de Portalegre, 3-0; Estrela de Vendas Novas - Farense, 2-1; Almodôvar - Oriental, 0-5; Portimonense - Vitória de Setúbal, 0-3; Barreirense - Costa de Caparica, 0-0.

Líder: Olivais e Moscavide, 30 pontos.

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem
VIATURAS USADAS
OFERTA ÚNICA!
DE 15 DE JANEIRO A 16 DE FEVEREIRO
0% DE JUROS
VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO JUNTO AO COLISEU
INCLUINDO FINS SEMANA
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
RENAULT

Automobilismo

Joaquim Santos no pódio das Camélias

A dupla Joaquim Santos/Miguel Oliveira, num Ford Sierra Cosworth; sagrou-se vencedora do Rali das Camélias em automobilismo, com o tempo de uma hora, 57 minutos e 06 segundos.

Na segunda posição classificou-se a dupla Carlos Bica/Fernando Prata, em Lancia Delta 4WD, com mais 52 segundos, seguida de José Miguel/Ricardo Caldeira, em Ford Sierra Cosworth, a três minutos e dezanove segundos de Joaquim Santos.

Quanto ao Troféu Renault, as duplas José Carlos Macedo/Miguel Borges e Pedro Azeredo/Carlos Fundo, ambas em Renault 5 GT Turbo, ficaram classificadas nas duas primeiras posições.

José Carlos Macedo: líder destacado do Troféu Renault

Após o Rali das Camélias, o piloto José Carlos Macedo lidera isolado a classificação geral do troféu com 82 pontos, seguido de António Cardeano, com 40 e de Pedro Azeredo, com 35.

Classificação final do Rali das Camélias (dez primeiros): 1.° Joaquim Santos/Miguel Oliveira (Ford Sierra Cosworth), 1.57,06 horas; 2.° Carlos Bica/Fernando Prata (Lancia Delta 4WD), a 52 segundos; 3.° José Miguel/Ricardo Caldeira (Ford Sierra Cosworth), a 3.19 minutos; 4.° José Macedo/Miguel Borges (Renault 5 GT Turbo), a 4,27; 5.° Pedro Azeredo/Carlos Fundo (Renault 5 GT Turbo), a 6,37; 6.° Ramiro Fernandes/Cruz Monteiro (Lancia Delta 4WD), a 7,10; 7.° Bento Amaral/Mário Feio (Renault 5 GT Turbo), a 8,18; 8.° Mário Silva/Diogo Freitas (Renault 5 GT Turbo), a 9,04; 9.° Jorge Cunha/Joaquim Capelo (Renault 5 GT Turbo), a 9,12; 10.° João Santos/Almeida Marques (Lancia Delta Integrale), a 9.40.

Palmarés

Com cinco triunfos averbados Mário Silva continua a ser o piloto mais vitorioso nas Camélias mas Joaquim Santos após o triunfo de ontem já ameaça o trono.

Basquetebol

Menção honrosa para os ginasistas

A grande surpresa da 15.ª jornada do Nacional de basquetebol aconteceu em Aveiro onde o Ginásio Figueirense (que apenas somara três vitórias na prova) foi vencer o Beira Mar, ainda que pela tangencial marca de 90-89. Um triunfo que certamente não estaria nas previsões nem dos mais optimistas adeptos do clube da Figueira da Foz e que se ficará a dever ao empenhamento global da equipa e à particular inspiração de Morgan e Harris que, por sua conta, facturaram 65 pontos. Outra nota de destaque consistiu na derrota do Sporting, em Alvalade, frente ao Estrelas da Avenida.

Normais foram os triunfos registados pelo Benfica (em Ílhavo perante o Illiabum), do Imortal (que recebeu e venceu o Guifões) e do FC Porto (que «cilindrou» os vareiros por uma diferença de 18 pontos). Quanto ao Barreirense, não sentiu grandes dificuldades em vencer o Esgueira no encontro realizado no pavilhão de Almeirim, por interdição do recinto do clube do Barreiro.

Os resultados: Illiabum, 67-Benfica, 84; Sporting, 83-Estrelas, 85; Beira Mar, 89-Ginásio Figueirense, 90; Barreirense, 88-Esgueira, 79; Imortal, 96 — Guifões, 87 e FC Porto, 104-Ovarense, 86.

Após esta jornada a classificação está assim esquematizada:

	J	V	D	P
BENFICA	15	14	1	29
Beira-Mar	15	10	5	25
FC Porto	15	10	5	25
Ovarense	15	8	7	23
Imortal	15	8	7	23
E. Avenida	15	8	7	23
Sporting	15	7	8	22
Esgueira	15	7	8	22
Barreirense	15	6	9	21
Illiabum	15	6	9	20
G. Figueirense	15	4	11	19
Guifões	15	2	13	17

A. Nobre

Campeonatos nacionais

RÂGUEBI: O encontro mais importante da jornada, ocorreu em Cascais entre o Dramático local e o Benfica (dois candidatos ao título) terminando com a vitória do Dramático por 28-6.

Outros resultados: Académica, 14-Belenenses, 0; Agronomia, 13-Lousã, 16; CDUP, 4-Arcos de Valdevez, 7; CDUL, 26-Direito, 3.

VOLEIBOL: O Benfica soma e segue e, ao derrotar a Académica de Espinho (3-1), mais próximo está de, conjuntamente com o Leixões (que não sentiu qualquer dificuldade em se opor à turma da Grundig, vencendo por 3-0), conseguir a conquista do título máximo. No outro confronto, da jornada o Sporting venceu o Sporting de Espinho por 3-0.

No topo da escala, estão Benfica e Leixões com 18 pontos, seguindo-se Académica de Espinho e Sporting com 17, Grundig (15) e Sporting de Espinho (14).

Triunfo sem espinhos em Alvalade

SEAT TERRA

MAIS CARGA POR MENOS

DESDE 1.077.000 ESC.

SEAT

Grupo Volkswagen

Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.

Encargos anuais globais de 136.448 a 177.083 Esc. Base: 15.000 Km/ano. Dezembro 1989

GARAGEM VICTÓRIA, Automóveis, Lda.

Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 18371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 284 73 92 – 284 74 17 • Fax 284 74 42

Andebol

Finalistas estão encontrados

A uma jornada do fim desta fase do nacional maior de seniores masculinos, tudo se decidiu quanto aos deputados para a etapa seguinte. O Belenenses (mercê da sua preciosíssima vitória em Fafe), juntou assim o seu nome, aos do Porto, Benfica, Académica, ABC, Setúbal, Sporting e Boavista, élite que se perfilará no arranque derradeiro para a conquista do almejado título. Cumprir calendário e arrecadar mais uns pontinhos é tudo o que resta de interesse para a última ronda da 1.ª fase, que se cumprirá integralmente no próximo sábado. Debrucemo-nos, por agora, sobre os «duelos» que compunham a jornada n.º 21.

Partida aguardada com bastante expectativa era a que se realizava na cidade do Sado, opondo o Vitória local e o Sporting, que vinham de prestações completamente distintas na ronda anterior. Recordemos que o Setúbal tinha sido «esmagado» na Luz, tendo os leões deixado fugir o triunfo sobre o comandante (FC Porto), rente ao apito final. Curiosidade ainda sobre como os visitados vingariam a pesada derrota sofrida em Alvalade (17-24), aquando da 1.ª volta.

Começando por este último, a constatação que a turma de Manuel Manita e António Morais «pagou» o seu déficite com juros. Postando-se num 3.2.1 defensivo bastante agressivo, com imediara marcaçãoi aos laterais contrários assim que o Sportingf passava a atacar 2x4 e a troca de Afonso Cabo por António Guerreiro (só atacava), o Vitória teve na primeira defesa de um livre de sete metros, do polaco Wasilewski e no consequente contra-ataque (a fazr 5-2), cerca dos 10 minutos, o mote para o arranque de uma exibição imparável, onde os dois polacos do plantel tiveram papel fundamental, como veremos.

No lado oposto a formação de Manuel Brito não teve capacidade de resposta para os «trunfos» empregues pelos vitorianos. Não podendo contar com Tó Leite (embora estivesse no banco), os lisboetas começaram por defender 5.1 para passarem para 5+1 resultante da marcação individual de Carlos José Guerreiro. esta mudança foi apenas uma das várias ordenadas pelo técnico leonino face à manifesta inferioridade da turma de Alvalade perante o adversário, bem demonstrada na dificuldade com que atacava (com confusão e precipitação a rodos) a motivar erros sucessivos que proporcionavam contra-ataques contrários nunca recuperados. Realce negativo, ainda, para a má prestação da 1.ª linha defensiva dos sportinguistas (muito passiva) e para a total incapacidade de concretização de castigos máximos ao guarda-redes sadino (nada menos de 4 nestes primeiros 30m). Pontos positivos para as actuações de Nuno Silva e Alberto Cabaço (a entrar novamente muito bem no jogo, tal como na semana anterior.

Uma palavra não agradável para a arbitragem. A dupla bracarense constituída por Manuel Moreira e Fernando Ferrão demonstraram não terem nível para partidas deste quilate (que até foi fácil de dirigir). Completa desconexão, má interpretação de algumas leis de jogo, actuação desatempada em lances de golos, foi prática corrente para um lado e outro, bem como total incoerência em termos disciplinares. Sob o seu comando estiveram:

VIT. SETÚBAL — Wasilewski; Guerreiro (3), Mlockzinsky (10,3 de 7m), Rosado (5), Afonso Cabo (2), Paulo Alberto (2), Luís Monteiro, José Pires (4), Miguel Galamba, João Lopes (1) e João Duarte.

SPORTING — Nuno Silva e Pedro Santos; Carlos José (5), João Fialho (2,1 de 7m), Xavier (2), Luís Pires, Tuka (2), Mário Santos (1), Dragan (2), e Alberto Cabaço (4).

Nos restantes encontros, vitórias do FC Porto sobre o ABC (com goleada e tudo), do S. Mamede sobre um irreconhecível Francisco de Holanda (por números incontestáveis, com Zoran a apontar mais 9 tentos), do Benfica no Garcia da Horta (frente ao sempre difícil Boavista), da Académica perante os aviadores (na Ajuda, com Mário Macedo ao seu melhor nível, com 7 golos) e do Belenenses em Fafe (como referimos no início). Eis os resultados completos: V. Setúbal, 27 - Sporting, 18; FC Porto, 32 - ABC, 20; S. Mamede, 32 - F. Holanda, 23; Boavista, 20 - Benfica, 22; TAP, 15 - Académica, 18 e Fafe, 22 - Belenenses, 24.

Classificação: FC Porto (60 pontos), Benfica (56), Ac. Coimbra (48), ABC, V. Setúbal e Sporting (47), Boavista (38), Belenenses (37), S. Mamede (33), TAP (31), Fafe e Francisco da Holanda (30).

No próximo fim-de-semana, vasta actividade no que ao andbeol diz respeito. Assim, teremos a 22.ª jornada (derradeira desta fase) totalmente disputada no sábado, com os seguintes jogos: F. Holanda-TAP (18-20 na 1.ª volta), Académcia -FC Porto (23-27), Benfica-Fafe (26-20), ABC-V. Setúbal (18-21), Spotitng-Boavista (18-18) e Belenenses-S. Mamede. No domingo, no Paz e Amizade de Loures, a decisão definitiva do vencedor da Supertaça, no 3.º encontro entre Benfica e Sporting, aprazado para as 15 horas.

Jorge Marques

B R E V E S

ATLETISMO: Domingos Castro venceu, com o tempo de 33.02 minutos, a 31.ª edição do Crosse de Zornotza, com uma extensão de 11 300 metros, disputado no circuito Amorebieta (Norte de Espanha).

Domingos Castro obeve assim a sua 11.ª vitória da presente temporada.

Na segunda posição, com mais 11 segundos do que Domingos Castro, classificou-se Martin Fiz, um dos melhores fundistas espanhóis da actualidade.

Mais dois atletas portugueses cortaram a meta entre os dez primeiros: Dionísio Castro, sexto com 33.47 minutos, e Eduardo Henrique, oitavo com 33.55 minutos.

No sector feminino, com um percurso de apenas 3900 metros, a vitória foi para a etíope Luchia Yisahk (12.20 minutos), com a soviética Regina Chistyakova no segundo posto (12.22 minutos), e a portuguesa Conceição Ferreira no terceiro (12.23 minutos).

Fernanda Marques e Manuel Machado, também de Portugal, cortaram a meta em sétimo (12.50) e nono (13.04 minutos) lugares, respectivamente.

CICLISMO: Paulo Silva e a sua equipa, a Ruquita/Feirense, venceram individual e colectivamente, a corrida RDP-Rádio Algarve, 127 km entre Faro e Albufeira, e que inaugurou o calendário velocipédico da temporada.

Paulo Silva venceu ao «sprint», cobrindo os 127 quilómetros em 3 horas, 10 minutos, 57 segundos. O segundo foi Fernando Carvalho, da Avibom/Lousa e o terceiro Pedro Silva, da Recer/Boavista.

Por equipas, a Ruquita/Feirense venceu com o tempo de 9 horas, 32 minutos, 51 segundos.

BOXE: o mexicano Octávio Meirian, que arbitrou, em Tóquio, o combate para o título mundial de pesados entre os norte-americanos Mike Tyson e James Douglas, confessou o erro que poderá ter dado o título a Douglas durante apenas seis horas. *«Sou árbitro há 22 anos»*, afirmou Meirian, acrescentando ser «um homem honrado, mas infelizmente este foi um erro 100 por cento humano».

O problema foi a contagem tecnicamente errada que Meirim fez quando Douglas foi derrubado ao oitavo assalto por Tyson. Segundo já confirmaram os dirigentes loais e também as duas organizações mundiais do boxe profissional, o candidato Douglas esteve no tapete durante 12 a 13 segundos, em vez os 10 regulamentares.

Douglas levantou-se quando a contagem ia em nove, mas os controladores informaram que Meirian começou a contagem em um, quando deveria tê-la iniciado em quatro.

O protesto do campeão Tyson, inesperadamente derrotado por «KO» ao décimo assalto, na que foi a sua primeira derrota em 38 combates e 11 defesas do título mundial, foi aceite. Os presidentes, tanto do Conselho Mundial do Boxe como da Associação Mundial do Boxe, declararam que não reconhecem o título conquistado por James Douglas e que vão convocar reuniões de cúpula das suas organizações, dentro de uma semana, para discutir o caso.

DISTINÇÃO: o atleta norte-americano Roger Kingdom, bicampeão olímpico e recordista mundial dos 110 metros barreiras desde 1989, foi escolhido, em Nova Iorque, como vencedor da edição de 1990 do troféu Jesse Owense.

O prestigioso troféu, com o nome do antigo atleta negro norte-americano que conquistou quatro medalhas de ouro nas olimpíadas de 1936 em Berlim, é atribuído anualmente ao atleta *«que melhor personifica a excelência das prestações desportivas e promove a cooperação sincera e a compreensão entre os povos de todas as nações»*.

Os dois outros candidatros ao prémio Jesse Owens de 1990 estabeleceram também recordes mundiais nas suas especialidades em 1989: o marroquino Said Aquita, nas corridas de meio-fundo e fundo, e o cubano Javer Sotomayor, no salto em altura.

Kingdom, medalha de ouro nas olimpíadas de Los Angeles-84 e Seul-88, estabeleceu o novo recorde mundial dos 110 metros barreiras em 12 segundos e 92 centésimos, numa prova disputada na cidade suíça de Zurique em Agosto, «roubando» um centésimo de segundo ao anterior máximo do seu compatriota Renaldo Nehemiah.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ALENQUER

ANÚNCIO

Na 2.ª Secção do Tribunal Judicial de Alenquer e nos autos de Acção Ordinária n.º 121, em que é autora Avipor—Aves e Representações SA, com sede em Abrigada e ré MARQUES & SILVA LDA. com a última sede conhecida em Ponte do Porto Prozelo, Amares, correm éditos de trinta dias, citando esta ré, de que tem o prazo de vinte dias, findo o dos éditos, contados da publicação do último anúncio, para contestar o pedido formulado nos mesmos autos, que consiste em a ré pagar à autora a quantia em dívida de 5 599 762$50 (cinco milhões quinhentos e noventa e nove mil setecentos e sessenta e dois escudos e cinquenta centavos) e legais acréscimos.

Alenquer, 6-2-90.

O Juiz de Direito,
Fernando Mimoso Negrão

A Escrivã Adjunta,
Maria Elisa Damião de Sá

«DL» — 1.ª Pub. 12/2/90

Hóquei em patins

Benfica na crista da vaga

O «nulo» registado em Alvalade, entre o Sporting e o Turquel, ficou a constituir a nota de maior relevância da jornada n.º 13 do Campeonato Nacional de hóquei em patins. Nos demais confrontos da ronda, triunfaram as equipas mais poderosas com a particularidade do FC Porto ter sido a única equipa a arrecadar os três pontos na qualidade de visitante.

Resultados da jornada: Sporting, 6 — Turquel, 6; Paço de Arcos, 2-Oliveirense, 1; Óquei de Barcelos, 10-Académica, 4; Sanjoanense, 4-Grundig, 1; Sporting de Tomar, 1-FC Porto, 6; Valongo, 5-Quimigal, 3; Benfica, 6-Parede, 4.

Vejamos agora a clasificação, jogos da próxima jornada e a lista dos melhores atiradores:

	J	V	E	D	P
BARCELOS	13	11	1	0	38
Benfica	13	11	1	1	38
FC Porto	13	11	0	2	35
Sporting	13	8	2	3	31
Sanjoanense	13	7	0	6	27
P. de Arcos	13	6	2	5	27
Turquel	13	6	1	6	26
Oliveirense	13	5	2	6	25
Valongo	13	4	3	6	24
A. Coimbra	13	4	1	8	22
Quimigal	13	3	1	9	20
Grundig	13	2	1	10	18
Parede	13	2	1	10	18
Sp. Tomar	13	2	0	11	17

Próxima jornada (dia 17): Sp. Tomar-Valongo (1.ª volta: 4-5), Benfica-FC Porto (2-5), Sporting-Parede (4-3), Sanjoanense-Turquel (3-4), Paço de Arcos-Grundig (4-3), Barcelos-Oliveirense (6-2) e Académica-Quimigal (8-3).

Melhores marcadores: — Leste (Sporting), 26; Serginho (Barcelos), 25; Vítor Hugo (FC Porto), 21; Luís Ferreira (Benfica), 19 e Realista (FC Porto), Vital (Turquel), Pedro Alves (Barcelos), 18.

De referir que, exceptuando a dupla António e Carlos Castelhano, presentes no confronto de Tomar, todas as arbitragens se situaram em plano de louvável acerto.

Última nota: devido aos maus resultados, a Oliveirense rescindiu o contrato com o treinador José Lisboa.

Vieira Carvalho

Turquel fez «patinar» o Sporting

AGENDA

I Série N.º 36
Dia 12 de Fevereiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 106/90:
Altera os limites estabelecidos nos artigos 23.º, 24.º, 30.º e 33.º do Decreto-Lei n.º 98/82, de 7 de Abril.

Despacho Normativo n.º 12/90:
Fixa as taxas a favor do Instituto de Seguros de Portugal relativas aos seguros directos do ramo «Vida» e aos seguros directos dos restantes ramos.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 107/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão Administrativa e Financeira do quadro de pessoal próprio da Câmara Municipal de Peso da Régua.

Portaria n.º 108/90:
Alarga a área de recrutamento para provimento do cargo de chefe da Divisão da Acção Social e Cultural do Município da Póvoa de Varzim.

Ministério da Educação

Portaria n.º 109/90:
Determina que a Escola de Educadores de Infância, criada e reconhecida pelo Decreto-Lei n.º 406/88, de 9 de Novembro, passe a denominar-se Escola Superior de Educadores de Infância Maria Ulrich.

Portaria n.º 110/90:
Autoriza a Universidade Nova de Lisboa, através da Faculdade de Ciências e Tecnoologia, a conferir o grau de mestre em Ciências da Educação, com uma área de especialização, e regula o respectivo curso especializado.

Portaria n.º 111/90:
Autoriza o início de leccionação na escola Superior de Educação Jean Piaget, em Almada, e na Escola Superior de Educação Jean Piaget, em Arcozelo, a partir do ano lectivo de 1989-1990, do curso superior de Animadores Socioculturais.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 112/90:
Lança em circulação, cumulativamente com as que estão em vigor, uma emissão de selos com tarja fosforescente alusiva à «Faiança portuguesa (1.º grupo)».

Ministério da Saúde

Portaria n.º 113/90:
Altera os quadros de pessoal na parte referente às parteiras.

N.º 35
Dia 10 de Fevereiro

SUMÁRIO

Presidência do Conselho de Ministros

Resolução do Conselho de Ministros n.º 2/90:
Cria o secretariado Nacional para o Audiovisual.

Ministério das Finanças

Decreto-Lei n.º 49/90:
Introduz alterações ao Decreto-Lei n.º 444/86, de 31 de Dezembro (regime fiscal dos tabacos).

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Decreto-Lei n.º 50/90:
Permite a participação das comissões de coordenação regional em associações ou organismos nacionais, sempre que seja relevante para a prossecução das suas atribuições. Altera o artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 260/89, de 17 de Agosto.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 51/90:
Altera o decreto-Lei n.º 39 209, de 14 de Maio de 1953 (insere disposições destinadas a combater as doenças contagiosas dos animais)

Ministério da Educação

Portaria n.º 105/90:
Reconhece a Escola Superior de Artes decorativas, de que é titular a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, em Lisboa, como estabelecimento de ensino superior particular.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-lei n.º 52/90:
Aprova o regime de pagamento dos encargos financeiros resultantes da emissão de declaração de dívida emitida pelo ex-Fundo de Fomento da Habitação no âmbito de programas habitacionais extraordinários de desenvolvimento pela Comissão para o Alojamento de Refugiados (CAR).

Nota. - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 295, de 26 de Dezembro de 1989, inserindo o seguinte:

Assembleia da República

Resolução da Assembleia da República n.º 28/89:
1.º orçamento suplementar da Assembleia da República para 1989.

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte: - Céu muito nublado. Vento moderado a forte de Noroeste e com rajadas. Períodos de chuva, em especial durante a madrugada e manhã.

Regiões do Centro: - Céu muito nublado tornando-se pouco nublado a partir da tarde- Vento moderado de Noroeste, com rajadas e soprando forte nas terras altas. Períodos de chuva fraca durante a madrugada e manhã. Queda de neve na Serra da Estrela.

Regiões do Sul: - Céu pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Neblina ou nevoeiro matinal.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 3 a 4 metros na Costa Ocidental e na Costa Sul, mar encrespado ou de pequena vaga com ondulação Sudoeste de um metro no Sotavento e de 2 metros no Barlavento.

MADEIRA

Períodos de céu muito nubaldo e vento moderado, por vezes forte de Nordeste.

Mar cavado a grosso com ondulação Noroeste de 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação Sudoeste de 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, céu geralmente pouco nublado e vento fraco.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: - Períodos de céu muito nublado. Vento fraco, tornando-se moderado de Sul a partir da tarde.

Grupo Oriental: - Períodos de céu muito nublado. Vento predominando de Sueste. Subida da temperatura mínima.

Amanhã
No Continente:

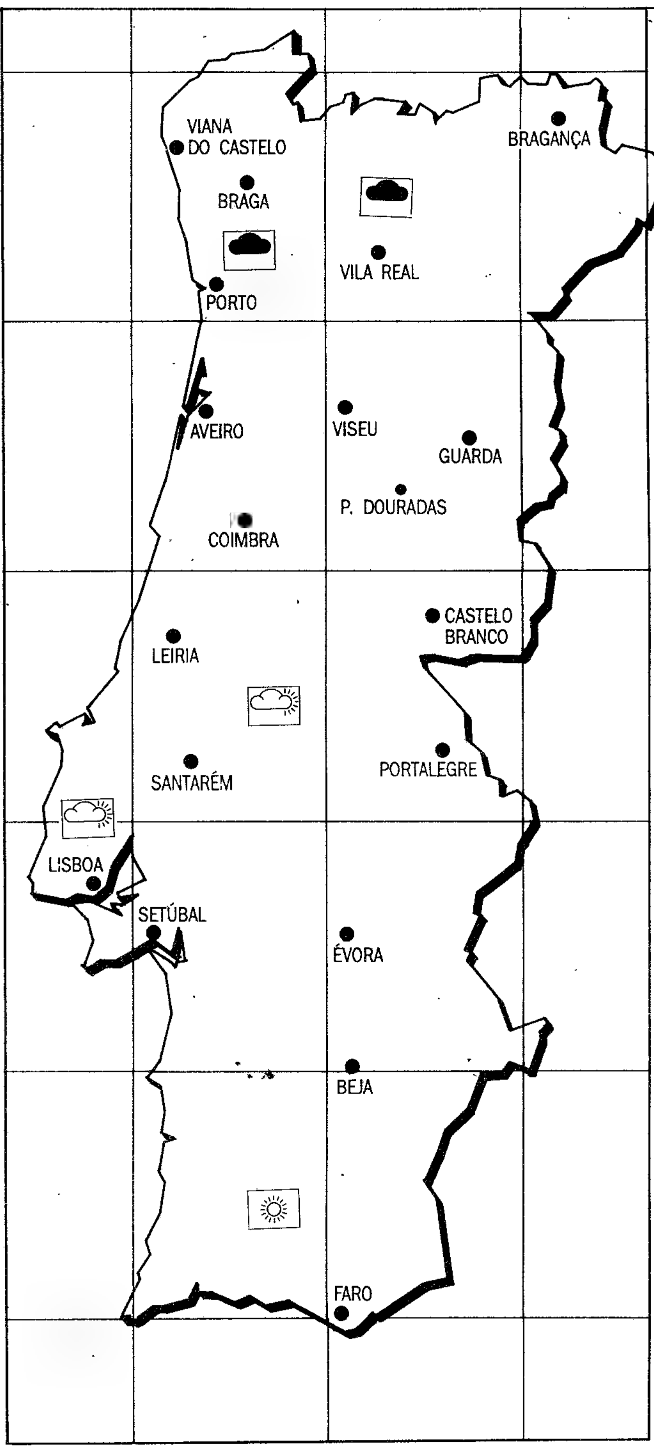
Regiões do Norte, céu geralmente pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Oeste. Possibilidade de chuva fraca no litoral.

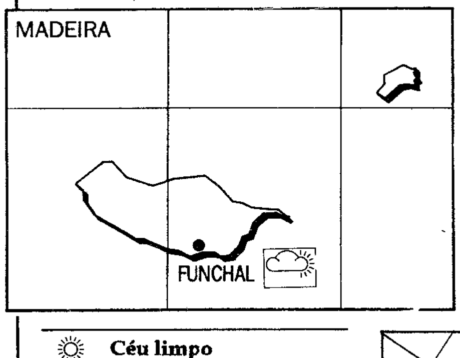
Regiões do Centro e Sul, céu pouco nublado. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Neblina ou nevoeiro matinal.

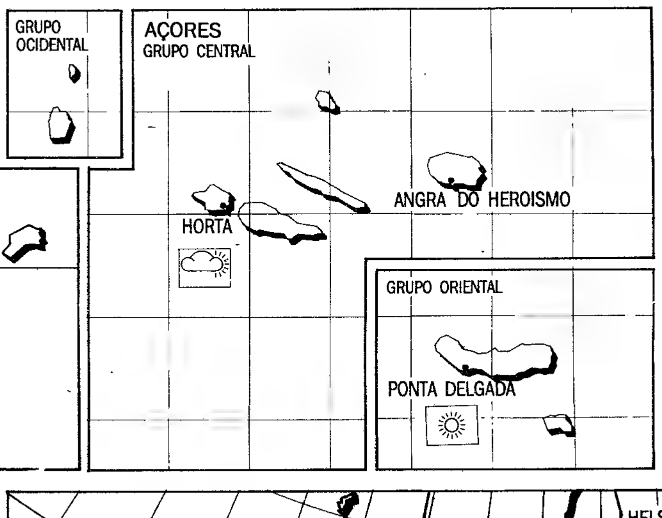
Depois
No continente:

Céu pouco nublado apresentando-se temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco ou moderado de Noroeste. Neblina matinal.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.38	3,9m	10.18	0,7m
16.55	3,7m	22.24	0,7m

Amanhã

05.10	3,8m	10.48	0,8m
17.27	3,6m	22.56	0,8m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	7	8	M. nub.
V. Castelo	12	13	M. nub.
Vila Real	8	9	M. nub.
Porto	12	12	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	11	12	Neblina
C. Carvoeiro	12	14	M. nub.
C. Branco	8	9	P. nub.
Portalegre	6	7	Nevoeiro
Lisboa	11	11	P. nub.
Évora	8	8	Neblina
Beja	7	7	Limpo
Sines	11	13	M. nub.
Faro	6	7	Limpo
Sagres	13	13	M. nub.
P. Delgada	8	9	Limpo
Horta	12	12	P. nub.
Funchal	11	11	P. nub.

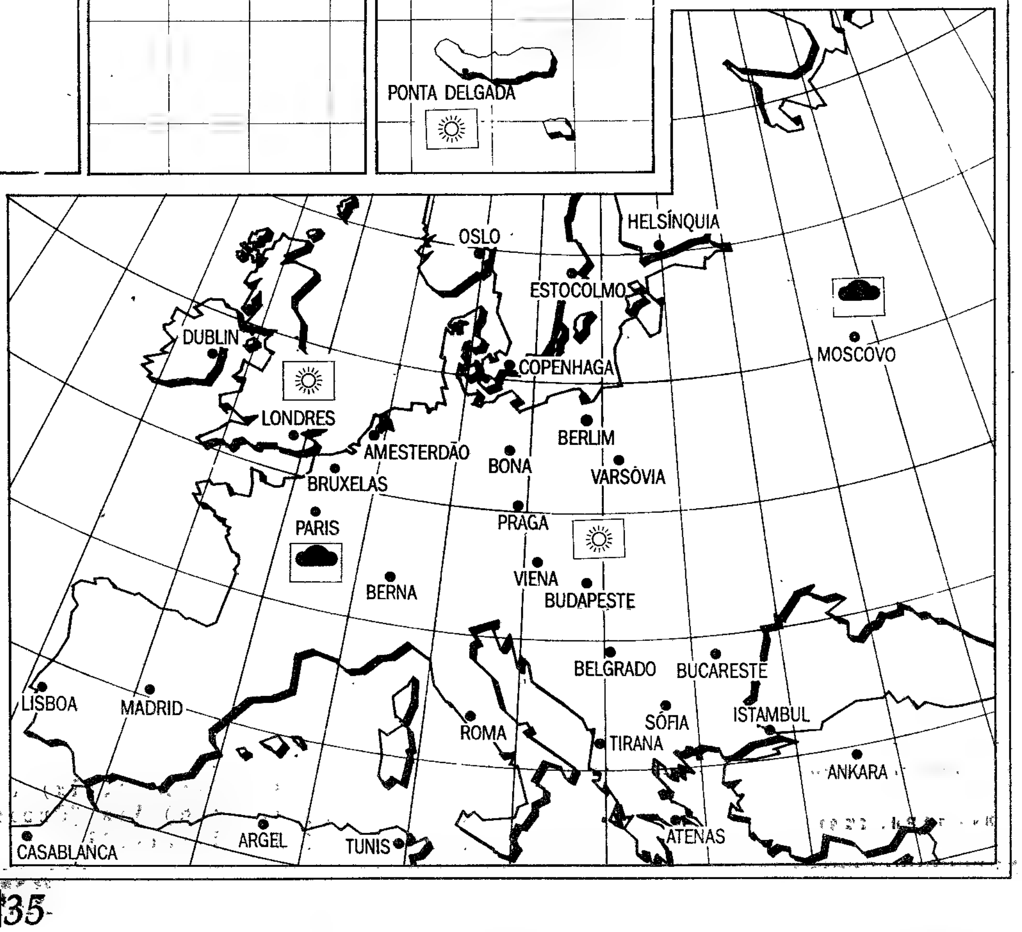
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 17; Porto, 15, Faro, 19; P. Delgada, 18; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	7	8	P. nub.
Londres	3	3	P. nub.
Paris	2	2	M. nub.
Bruxelas	3	6	Encoberto
Amesterdão	4	5	Ag. fracos
Genebra	1	4	Aguaceiros
Roma	1	4	Neblina
Oslo	1	2	M. nub.
Copenhaga	3	3	M. nub.
Estocolmo	1	2	Chuva
Berlim	1	2	Encoberto
Viena	0	0	Neblina
Varsóvia	0	1	Neblina
Atenas	4	5	P. nub.
Moscovo	2	2	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-5	7	Limpo
Houston	5	23	Limpo
Los Angeles	11	20	M. nub.
Montreal	13	-3	Limpo
Nova Iorque	1	6	Limpo
S. Francisco	8	15	Limpo
Toronto	-9	1	Limpo
Vancover	1	4	Neve
Washington	-4	14	Limpo
Hong Kong	9	20	Limpo
Melbourne	14	26	Limpo
Pequim	-4	1	Neblina
Perth	18	29	M. nub.
Singapura	24	32	Trovoada
Sydney	18	25	Aguaceiros
Tóquio	4	8	M. nub.
Wellington	10	17	Chuva



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Areeiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5 A-B, Tel. 887300; **Belém:** Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 614454; **Campo de Ourique:** Linaida, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; **Campolide - Bairro Liberdade:** Salutar, Rua B, 75A-B - Bairro Liberdade, Tel. 683694; **Graça:** Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 878269; **Jardim dos Anjos:** Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; **Jardim Zoológico:** Alegria, Estrada Benfica, 180 A-B, Tel. 780511; **Lumiar:** Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93 A-B, Tel. 7591131; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris, Lote 534, Tel. 333696; **Pampulha - Janelas Verdes:** Lealdade, Rua Olival, 226-228, Tel. 663441; **Praça da Alegria:** Brites Noita, Praça Alegria, 33-34; **Quinta da Luz - Carnide:** Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E, Tel. 7145271; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque de Ávila, 125, Tel. 545225; **Xabregas:** Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Monserrate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Flora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Alvalade: Líbia, Av. da Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; **Arco Cego - Estefânia:** Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; **Avenidas Novas - João Crisóstomo:** Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; **Benfica - Bairro Santa Cruz:** Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, Tel. 708242; **Cais do Sodré:** Africana, Rua Bernardino Costa, 43-45, Tel. 3469120; **Calvário:** Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; **Chelas - Av. Dr. Aug. Castro - Carris:** Sacramento, Rua Actriz Palmira Bastos, Lote 42, Tel. 8590904; **Lapa:** Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105-107, Tel. 664414; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 9965540; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. Ant. Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Godinho, R. Cândido Reis, 98, Tel. 4430090. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias, Urb. Areias. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano - Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 280170. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Solla, L. D., Lote 65, Tel. 900724. Permanente; Soares Correia, Est. Águas Livres - Carenque, Tel. 965517. Até às 22 h; Nunes, Est. Serra Mira - Falagueira, Tel. 493543. Até às 22 h; **Queluz:** Pereira Dias, Monte Abrão, Tel. 4377619. Permanente; **Albergaria**, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Silva Duarte, R. Elias Garcia, 167, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA BANDA

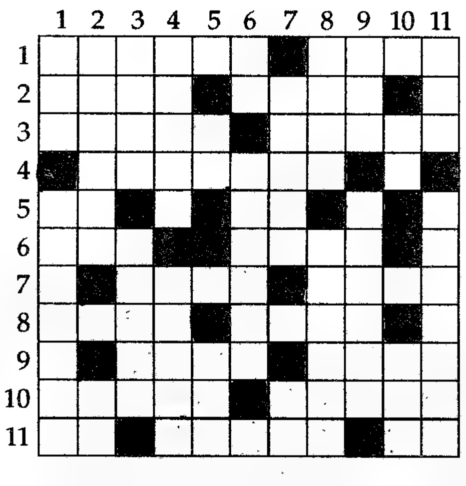
Almada: Central, R. Oliveira, 11-B, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristina, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Barreiro:** Piçarra, Av. Bocage, 65-A, Tel. 2074771. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 2040141. Até às 19 h; **Corroios:** Abreu Cardoso - B.º Cid. Setúbal, 1-B, Tel. 2536172. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A - Loja A - Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Aldeia Paio Pires:** Central, Est. Nacional, 9, Tel. 2210365. Até às 22 h; **Montijo:** União Mutualista, R. Almirante Reis, 93, Tel. 2310035. Até às 22 h; **Moita:** Parque, Av. Dr. Teófilo Braga, 24, Tel. 2392294. Até às 19 h.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

766 171
766 178
766 179

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17 847

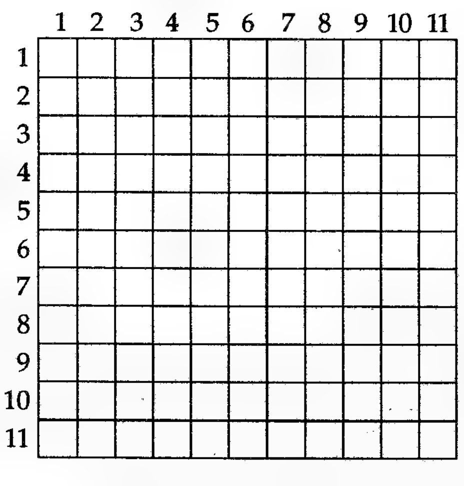
HORIZONTAIS:

1 - Que número. Em mais alto grau.
2 - Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Transpirai.
3 - Freguesia do concelho da Covilhã. Macios.
4 - Rede de metal para colocar postais.
5 - Era cristã. Em o (inv.).
6 - Ilha da Polinésia. Triturar.
7 - Roa. Sonso (gir. bras.).
8 - Vigésima quarta parte do dia. Creme.
9 - Panelas (ant.). Ainda.
10 - Unam pelo casamento. Nome dado, em filologia oriental, aos comentários ou miscelâneas, e às observações que os mestres ditam aos alunos.
11 - Alternativa. Relato. Vossa senhoria.

VERTICAIS:

1 - Pronome relativo. Avalio.
2 - Filha de D. Afonso Henriques. Ouro (s.q.).
3 - Lavrar. Pov. do concelho da Torre de Moncorvo.
4 - Flutuar. Cidade da Alemanha.
5 - Prefixo de privação. Deseja.
6 - Artigo definido. Indivíduos.
7 - Lanceiro do exército alemão, russo e austríaco. Brisa.
8 - Além disso. Aprecio.
9 - Suspiros. Freguesia do concelho de Alenquer.
10 - Artigo definido. Quinhentos e cinquenta e cinco em romano.
11 - Solitários. Seres vivos.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16 657

HORIZONTAIS:

1 - Bigorna de aço sem hastes. Recusa. Mil e duzentos em romano.
2 - Prendem. Enguia. Existe.
3 - Mover os remos. Arpoas.
4 - Rio de Portugal. Vagueai.
5 - Nome de mulher. Claridade. Preposição.
6 - Catedrais. Pau-Ferro.
7 - Vende a crédito. Heroína francesa que foi queimada viva.
8 - Semelhante. Espécie de mangueira do Gabão. Interjeição brasileira.
9 - Tristeza. Caspa.
10 - Cavaleiro do exército alemão, ou austríaco armado de lança. Nome de jogo.
11 - Apelidos. Pegadeira.

VERTICAIS:

1 - O futuro. Cidade da Suécia.
2 - Excitava. Muito zangado (pop.).
3 - Arquipélago dos Navegadores. Fixam a vista em.
4 - Ruim. Nome de mulher.
5 - Governo (fig.). Ósmio (s.q.).
6 - Nesse lugar. Zombas. Ondas curtas.
7 - Rezara. Regaçada.
8 - Agora. Lavras.
9 - Rasto. Ave pernalta.
10 - Repreensão (fig.). Uma das partes do Mundo.
11 - Emparelhem. Remas para trás.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 855

HORIZONTAIS: 1 - Patão. HOMEM. 2 - Eros. Deã. 3 - Quistos. 4 - Rau. Troca. 5 - Ecos. Péu. Em. 6 - No. Soeram. 7 - Orais. Só. 8 - Ain. Dás. 9 - Acra. Acerou. 10 - Aedo. Rs. Cm. 11 - Rosário. AAA.
VERTICAIS: 1 - PEQUENO. 2 - Aru. CORAÇÃO. 3 - Toiro. Aires. 4 - Assassinada. 5 - Tu. Os. Or. 6 - AO. PÉ. DA. 7 - Hester. Acro. 8 - Dó. Ruasses. 9 - Mo. 10 - És. Ce. BOCA. 11 - Campa. Uma.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 665

HORIZONTAIS: 1 - Amor. Os. Com. 2 - Maré. Polaca. 3 - Oc. Imolar. 4 - Rapa. Aotos. 5 - Raiar. 6 - Irradiava. 7 - Sio. Ar. 8 - Aspa. Arc. 9 - Umas. Amarra. 10 - Sei. Agá. Rei. 11 - Assinásseis
VERTICAIS: 1 - Amor. Se. Usa. 2 - Maçar. Ames. 3 - Or. Pais. Ais. 4 - Recairias. 5 - Aros. An. 6 - Opiara. Paga. 7 - Somo. Amas. 8 - Lot. Ir. 9 - Calosa. Arre! 10 - Ocas. Varrei. 11 - Mar. Marcais.

PROVERBIO: HOMEM PEQUENO CORAÇÃO AO PÉ DA BOCA.

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

A MOSCA

ALHANDRA: O PÓ DO CIMENTO PREOCUPA A POPULAÇÃO

BASE MILITAR EGÍPCIA BOMBARDEADA A 20 KM DO CAIRO

Alhandra: o pó do cimento

- Quando cai sobre os carros estraga tudo. Veja: (o popular que assim nos falava raspou com a unha o vidro de um automóvel abandonado) Isto aqui só com ácido ou com vinagre... Estávamos em Alhandra: 10 mil habitantes, uma importante unidade fabril (a Fábrica Cimento tejo), e vários problemas pendentes a pedirem solução ou esclarecimento. - Se subir ao alto do castelo logo vê como estão os telhados... e as roupas penduradas? (o popular falava no tom de quem, se contasse o que sabia muito havia que escrever).

Base egípcia bombardeada

Aviões a jacto israelitas atacaram hoje, novamente, os arredores do Cairo, alvejando a base militar de El Khanka, a 20 quilómetros ao norte da capital egípcia. O "raid" aéreo israelita foi o décimo contra território egípcio, no prazo de um mês. Um informador militar acrescentou que a 40 quilómetros a Oeste do Canal de Suez, foi também atacada uma estação de radar.

Carro a carvão dá volta ao mundo

Atenas dá actualmente hospitalidade a dois casais de jovens ingleses que estão a dar a volta ao mundo num carro movido a carvão. Trata-se de um automóvel "Fodan", modelo 1924, munido de uma chaminé e de uma fornalha e que anda a 15 quilómetros à hora, consumindo uma tonelada de carvão aos trezentos quilómetros.

EFEMÉRIDES

1804
• Morre o filósofo Emanuel Kant.

1809
• Nasce o naturalista britânico Charles Darwin.

1931
• Começa a publicar-se, na clandestinidade, o jornal «Avante», órgão oficial do Partido Comunista Português.

1961
• O assassínio do presidente congolês Patrice Lumumba precipita a guerra civil no Congo.
• Adão e Silva torna-se grão-mestre da Maçonaria portuguesa.

1984
• Morre, em Paris, onde se encontra exilado, o escritor argentino, naturalizado francês, Julio Cortazar, 69 anos.

1988
• Um tribunal italiano condena Abu Nidal, à revelia, a prisão perpétua, pelo ataque contra o aeroporto de Roma, em 1985, que provocou 16 mortos.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
Filme de Brian de Palma, c/Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14,00 16.30, 19.00, 21.30 e 2400 horas.

ALFA 1
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Filme de Ron Howard, c/Steve Martin e Mary Steenburgen
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
FOGO MALDITO
Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Filme de Euzhan Palcy, c/Donald Sutherland e Janet Suzman
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
FOGO MALDITO
Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
O HOMEM FURACÃO
Filme de Marcelo Romeo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
O GRITO DO SEXO
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
SEXO EM MIAMI II
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
CEGOS, SURDOS E LOUCOS
Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
LICENÇA PARA MATAR
Com Timothy Dalton
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
Telef. 9434762
DOIS AMIGOS DOIS DESTINOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
MARADOS À SOLTA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - Telef. 546529/546085
CICLO ANOS 60/ANOS 80
E TUDO O VENTO LEVOU
De Victor Fleming, c/Clark Gable e Vivien Leigh, às 21.30 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
VEREDICTO FINAL
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
ÁFRICA TERRA DE ESTRANHAS PAIXÕES
Filme de Chan Hoodley, c/Jane Cilliers e Sandra Prinfloo
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
A COMISSÁRIA
Filme de Alexandre Ascoldov
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.15 e 22.00 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
O SEGREDO DO IMPÉRIO DOS INCAS
Filme de Frank Kramer, c/Conrad Nichold e Kelly London
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
O GOLPE DO DRAGÃO
Filme de Larry Ludman, c/King Stuart e Amy Baxter
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
O CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

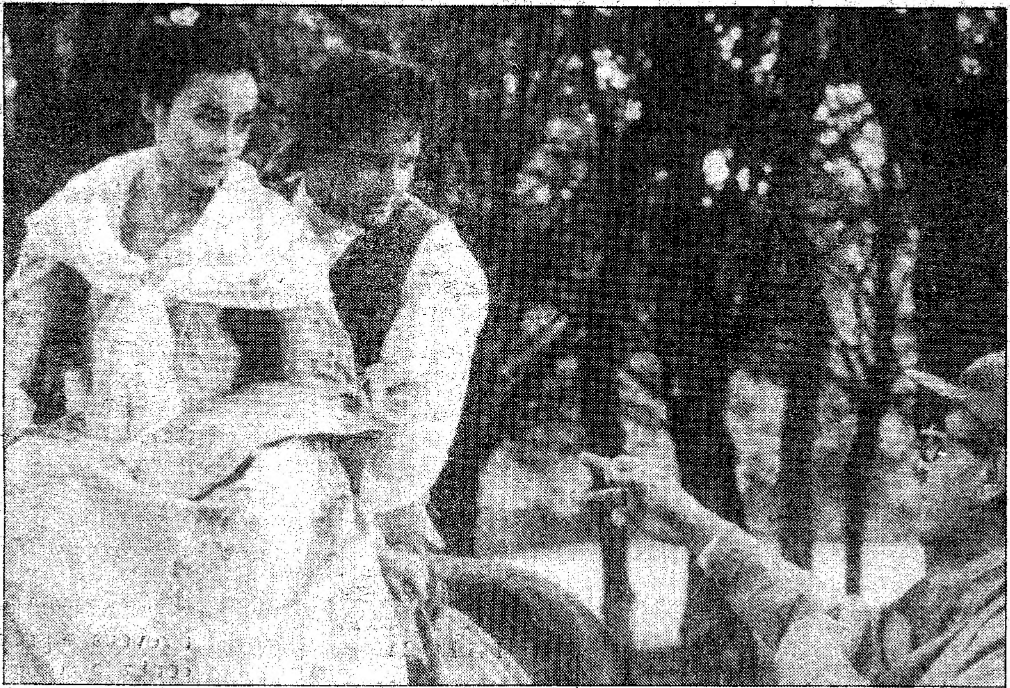
KING TRIPLEX 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara

A Vida é um Longo Rio Tranquilo
Quarteto
PUB
Em exibição sala 4
Maiores 12 anos

«A Comissária», em exibição no Auditório 1 do Forum Picoas



«Valmont», em exibição em várias salas de cinema

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
15.º Juízo
ANÚNCIO

Execução de Sentença N.º 5045-A — 3.ª Secção.
EXEQUENTE — ETECNO-1, SARL.
EXECUTADO — JOAQUIM CARLOS MONTEIRO — Rua de Olivença, n.º 3-1.º-A — AMADORA.

Por este tribunal correm éditos de vinte dias, que começarão a contar da 2.ª e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior ao dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1990.

O Juiz de Direito,
Ana Paula Lopes Martins Poularot

O Escrivão adjunto,
Carlos Alberto Morais Fernandes

«DL» — 1.ª Pub — 12/2/90

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA
ANÚNCIO

O DOUTOR MANUEL JOAQUIM OSÓRIO, JUIZ DE DIREITO DO TERCEIRO JUIZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA.

Faz saber que pela primeira secção deste Tribunal, sito na Av.ª Almirante Reis, n.º 130-6.º Esquerdo em Lisboa, correm seus termos uns autos de Acção Emergente de CONTRATO INDIVIDUAL DE TRABALHO, com processo Sumário, registado sob o número dois barra oitenta e nove (2/89) em que é Autora ROSA MARIA POLICARPO VIOLA, residente no Prolongamento da Av.ª General Humberto Delgado, lote 1, 3.º Frente, 2745 Queluz Ocidental e a Ré CAPRISTANOS — VIAGENS E TURISMO, SA, cuja última sede conhecida foi na Av.ª Duque de Loulé n.º 47-A em 1000 LISBOA e, actualmente em parte incerta, corre o prazo de OITO DIAS, findo que sejam os dos éditos TRINTA DIAS, contado da data da 2.ª e última publicação do respectivo anúncio, citando a Ré, para contestar, querendo, aquela acção, bem como o pedido de apoio judiciário, sob pena de poder vir a ser condenada imediatamente no pedido.

Na referida acção a Autora pede o pagamento da quantia de Esc.: — 1 893 874$00, conforme duplicado da petição que se encontra arquivado na secção.

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser devidamente publicado.

Lisboa e Tribunal do Trabalho, aos vinte e cinco dias do mês de Janeiro do ano de mil novecentos e noventa.

O Juiz de Direito,
Assinatura ilegível
A Escriturária,
M.ª Clara Martins

DL — 12/2/90 — 1.ª Pub.

CARTAZ

Telf. 3631162
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

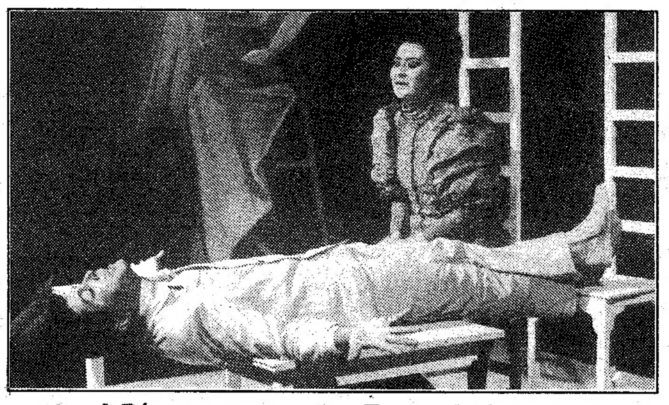
LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B


«A Pécora» em cena no Teatro da Comuna

Telef. 574362
DOIS AMIGOS
DOIS DESTINOS
Filme de David Sperstein
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
ASSALTO À 13ª ESQUADRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
O SEGREDO DO IMPÉRIO DOS INCAS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14..30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4
A VIDA É UM LONGO RIO TRANQUILO
Filme de Etienne Chatiliez
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.30, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
O VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19 .00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
ABISMO
Maiores de 12 anos
Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade,9
Telef. 3468446
FORÇA ESPECIAL
Maiores de 18 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
O NAVIO FANTASMA
Maiores de 18 anos
De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

TEATRO LISBOA

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Sala 1 às 21.30 horas
A PÉCORA, de Natália Correia. Encenação de João Mota. Interpretações de Manuela de Freitas, Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro entre outros.

RÁDIO ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Contraste; **17.00:** Antena 1 - Regiões ; **17.15:** Porto d'Abrigo

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Gerações por Minuto; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Informação e Música; **20.00:** No Estúdio e no Estádio; **20.15:** Musical; **20.30:** A Voz da Solidariedade; **21.00:** Música Portuguesa; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

PROGRAMA 2

Rede Nacional FM 2 - Estéreo

17.00: Gravações Históricas. Quadros de uma exposição de Modest Moussorgsky; **17.35** Homenagem a Henti Duparc; **18.15:** Ângulos e Reflexos; **19.00:** Integrais - Música concertante de Rachmaninoff; **19.27:** Álbum Musical. - Obras de Couperin, Donizetti, Chopin, Beethoven, Bach, Berlioz e Wagner; **20.40:** Esta Madrugada no Dois; **21.00:** Concerto da Noite com o pianista Glenn Gould. Obras de Beethoven e Schoenberg; **22.17:** Arias de ópera por Dame Eva Turner; **22.42:** Um concerto de Giuseppe Tartini; **23.00:** Os Anos 80 - «Sinfony» - uma obra de Peter Maxwell Davies. Realização de Luís Filipe Costa; **00.00:** Música de câmara de Mozart; **00.32:** Música coral sinfónica de Schumann; ; **01.15:** Concertos reconstituídos de Bach; **01.45:** Uma abertura de Beethoven; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quando o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiário de hora a hora

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiário de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; **16.00:** Banda da Amizade; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** A Viagem Continua; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Sequência; **22.00:** Revista; **22.30:** Bola Branca; **23.30:** Suplemento Especial da BBC; **23.55:** Meditando. Noticiário de hora a hora.

RFM

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; **19.00:** Atlântida; **20.00:** Serra de Estrelas; **22.00:** Oceano Pacífico.

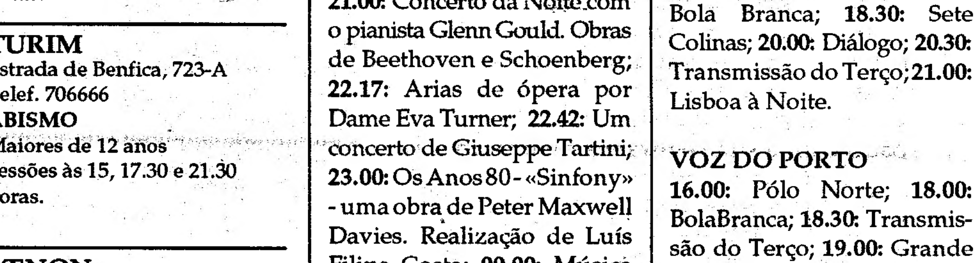
VOZ DE LISBOA
15.00: Equipa da Tarde; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Sete Colinas; **20.00:** Diálogo; **20.30:** Transmissão do Terço; **21.00:** Lisboa à Noite.

VOZ DO PORTO
16.00: Pólo Norte; **18.00:** BolaBranca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Grande Porto - Informação; **20.00:** Boa Nova; **20.30:** Conversa de Amigos; **21.00:** Palácio de Cristal; **22.30:** Bola Branca.

VOZ DO ALENTEJO
15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Alentejo em Notícia.

VOZ DO ALTO TÂMEGA
15.00: Tardes do Tâmega; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Nordeste Magazine

VOZ DE LEIRIA
15.00: Tardes do Lis; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Leiria 89.



SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

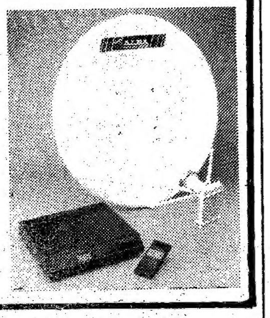
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
71ºepisódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21-10 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.40 - CASINO ROYAL
4º episódio: As espias francesa (Zizi Lautrec), russa (Natascha Seminova) e italiana (Gradiva) continuam a cumprir as suas missões, embora desconheçam quais são, de facto, os seus papéis dentro do Casino Royal, onde começa a reinar uma certa, mas esperada, confusão. Yvette Carina não desiste, entretanto, das suas ideias radicais, apesar dos esforços de sua mãe, Celeste, que com os nervos só consegue beber café com leite. As relações entre o casal Trafaria não vão nada bem, uma vez que Antímio não consegue resistir aos "apelos" de Ivette, o que deixa Marybel furiosa. O sr. Royal está cada vez mais preocupado com a sua segurança dentro do próprio Casino, onde irá receber, para surpresa de todos, o dirigente máximo dos nazis: o Führer!
22.35 - QUASE ADULTOS
4º episódio
23.25 - 24 HORAS
23.55 - REMATE

No 1º Canal às 21.40, mais um programa do "Casino Royal"

RTP-2

16.55 - OS CINCO
22º episódio: na 1ª parte desta movimentada aventura, os Cinco ouvem falar de um tesouro escondido numa gruta próxima do Rochedo do Demónio e resolvem procurá-lo, sobretudo depois de terem encontrado uma moeda de ouro antiga.
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.15 - COISAS DA ESCOLA
19.10 - DESENHOS ANIMADOS
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
23º e 24º episódios de "O Homem Invisível"
20.30 - CANTANDO ESPALHAREI
3º e último programa: no jardim do Pelourinho, Jacinto ramos lê o poema "Regras" de D. João Manuel, seguindo depois para os calabouços da antiga Cadeia do Limoeiro, onde lê "Rei Imaginário", de Raúl Brandão. O itinerário poético completa-se na Serra da Estrela, Palácio de Monserrate e na Feira Popular, locais onde o actor diz poemas de Augusto Gil, Antero de Quental, Florbela Espanca, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro. Participação do Coro de Santo Amaro de Oeiras. Realização de Lauro António.
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE LISBOA

Uma nova aventura dos Cinco, às 16.55 no 2º Canal



ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - VILA FAIA
15.05 - O MUNDO ANIMAL
15.45 - PONTO POR PONTO
16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
21.10 - PRIMEIRA PÁGINA
22.10 - CRÓNICA DO CRIME
23.05 - 24 HORAS
23.35 - REMATE

RTP-2

15.01 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA ESCOLHA!
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.40 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.15 - MUSIC BOX
19.10 - DESENHOS ANIMADOS
19.35 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - CINE MAGAZINE
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
"Tarot"

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo **BOSCH**
Um pequeno ponto faz a diferença

CLÍNICA MÉDICO-DENTÁRIA REPÚBLICA
(Doenças da boca e dentes)

– Assistência exclusivamente médica
– Urgências sem marcação
– Odontopediatria (Tratamentos dentários para crianças)
– Preços acessíveis

ACORDO COM A ADSE

• Av. República N.º 99 - 5.º Esq. (ao Campo Pequeno) – Tel. 76 05 69
• R. de Arroios N.º 58 - 1.º Esq. (aos Anjos) Tel. 57 58 61

«Nunca um Golias precisou tanto de um David (...) para que a sua vitória seja a fonte de autoridade necessária na cúpula do País e da Democracia. Ainda haverá eleição presidencial? Bem precisamos que sim!»

Francisco Lucas Pires, «Semanário», 10.02.90

A PERGUNTA DO DIA

Álvaro Vasconcelos
director do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais

Que consequências pode ter a libertação de Nelson Mandela para a África do Sul?

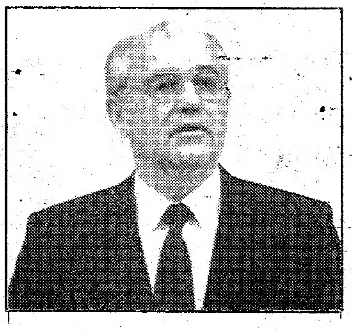
«A libertação de Nelson Mandela é já ela mesmo consequência do processo de desmantelamento do apartheid na África do Sul, na sequência das iniciativas legislativas anunciadas pelo presidente De Klerk. Uma das consequências previsíveis mais importantes da libertação de Mandela será dar ao ANC e ao movimento anti-apartheid um líder com a legitimidade, o prestígio, o apoio popular e consequentemente a força necessária para acabar com as divisões entre as fracções favoráveis às negociações e as radicais que se lhe opõem. Mandela em liberdade poderá dar ao movimento anti-apartheid a unidade e a vontade reformadora necessárias às negociações que muito provavelmente se iniciarão este ano e deverão acabar com o apartheid e traçar os princípios de uma nova Constituição que permita uma sociedade democrática em que a minoria branca e a maioria negra coexistam. A estabilidade e o desenvolvimento na África do Sul e na África Austral necessitam do encontro de duas vontades reformadoras, a de De Klerk e a de Mandela. A sua libertação é uma grande alegria para todos os que se opõem à discriminação racial, nomeadamente para os que na África do Sul viveram as suas consequências, como foi o meu caso.»

A P L A U S O S A . . .

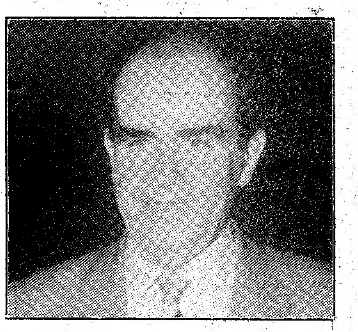
Hot Clube de Portugal, pelos 40 anos de jazz que deu a Portugal. O pequeno espaço da Praça da Alegria, em Lisboa, tem sido o principal palco da divulgação e ensino da chamada música do improviso. O seu fundador foi Luís Villas-Boas, um homem que lutou contra ventos e marés para que outras sonoridades chegassem até nós. Uma das primeiras foi a de Count Basie e de então para cá centenas de músicos passaram pelo Hot. Hoje, em comemorações descentralizadas, Eddie Henderson faz ouvir o seu trompete no Teatro Gil Vicente, em Coimbra.

HOT
CLUBE

Mikhail Gorbachev, pela coragem em assumir a ruptura com o dogma leninista do partido único. A aceitação do multipartidarismo na União Soviética é uma atitude revolucionária que vem abrir novos horizontes à *perestroika* política e económica da URSS. É um passo arriscado, dadas as intensas resistências do aparelho comunista, mas não deixa de ser um marco histórico na «pátria do Comunismo». Resta saber se continuará a ter espaço de manobra para aplicar tais «heresias»...



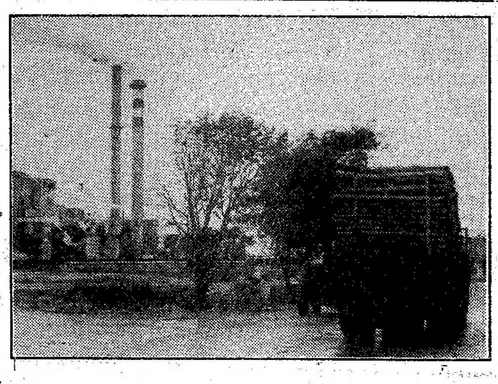
& P A T E A D A S A . . .



Georges Marchais, secretário-geral do Partido Comunista Francês, pela hipocrisia revelada ao comentar a evolução da *perestroika* na URSS. «Tudo o que o PCUS está hoje a fazer já o PCF fez antes», afirmou categórico, ao mesmo tempo que aplaudia o anunciado abandono do papel dirigente dos comunistas soviéticos. A acreditar nesta postura, pode ser que seja hoje, finalmente, que o «centralismo democrático» seja abolido no PCF. O Comité Central reúne para analisar uma reivindicação neste sentido feita pelos oposicionistas de Marchais. Lá, como cá, espera-se a *perestroika*...

Direcção do Sport Lisboa e Benfica, pela histeria com que reagiu contra a arbitragem no futebol. Foi necessário o clube da Luz ter perdido um jogo, considerado importante, para a denúncia do «escândalo», dos «fortes indícios» e da «manipulação dos árbitros». Não estão em causa as razões, ou a falta delas, para o Benfica se sentir prejudicado. O que está em causa é o ambiente podre em que se movimenta o chamado «desporto-rei» e que, decerto, não se resume à arbitragem de um jogo...

O avanço do eucalipto está a suscitar uma «guerra» com a agricultura de subsistência, a desertificar o interior e a degradar as condições de vida no litoral



A luta pela terra, amanhã em diagnóstico no *DL*

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

Terça-feira no **Diário de Lisboa**

As crónicas de Umberto Eco e de Luís de Sttau Monteiro

O auto-retrato de David Mourão-Ferreira

A Avenida da Liberdade em Grande Angular

m e t e o r o l o g i a

A revolta

Não é uma obra-prima nem é uma segunda. O romance de Cáceres Monteiro, *Apogeu e Queda de Berbardo Malaquias, Ministro Libertino* (Publicações Europa-América) pertence a essa zona de semiliteratura, que se lê rapidamente, não sendo a sua meta a criação de um mundo particular, de estilo próprio, mas a estação da Campanhã, se se vai de Lisboa, e de Lisboa se se arranca do Porto. Nem uma obra de paciência que superasse alguns defeitos detectados de origem. Mas lê-se com uma certa rapidez, sem responsabilidade de maior, e, querendo ou não, prova várias coisas:

— que os acontecimentos relatados no livro, desinteressantes, também interessam;

— como o retrato do ministro que corre para a sua queda, aliás de pouca altura e de pouca autenticidade, revela o que parece no texto mais verdadeiro, isto é, a neurose da democracia sita em Lisboa, dos neófitos da política;

— que a gente dos jornais gosta de discutir à volta de coisa de pouca monta.

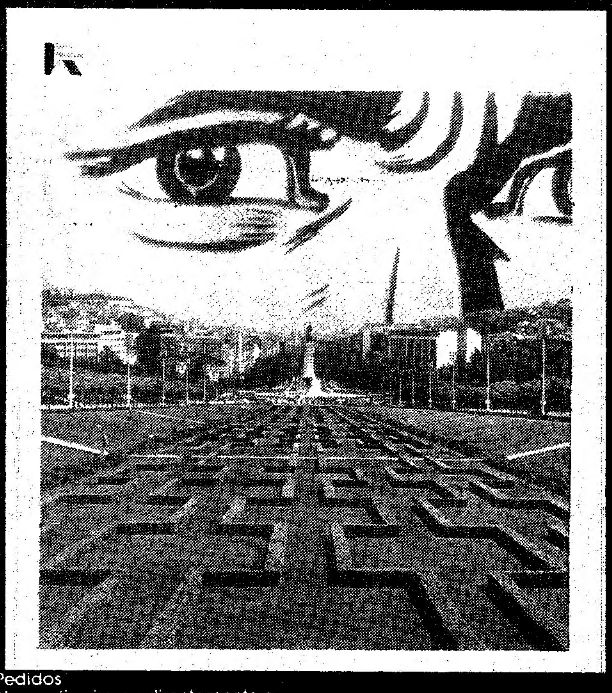
Calma: Apogeu e queda... cultiva como alguns outros livros, o erotismo de convenção da Linha, os cansaços matrimoniais dos bairros novos, ou do bairro azul, do Portugal que o não é muito, de tudo isto, de banalidades destas, Kundera amado, porém mal apanhado, faria uma obra superior e delicada. Não é o signo deste.

Merece uma crítica irada como a que lemos há pouco? Apenas, se investirmos a nossa alma em todas as nossas leituras. Revoltados — só os idealistas.

Já disse alguém: os idealistas são perigosos.

Jorge Listopad

PENSAR LISBOA
J. P. Martins Barata



Pedidos
No seu livreiro ou directamente a
Livros Horizonte, Lda — Rua das Chagas, 17 - 1.º Dt.º 1200 LISBOA

queiram enviar-me ☐ à cobrança ☐ junto cheque/vale postal
Preço de capa: 800$00
Nome
Morada
Código Postal Telef.:

Edição
Livros Horizonte
Tel.: 36 69 17/36 85 05
Distribuição
DIGLIVRO - Lisboa tel.: 99 22 00/01/02
MOVILIVRO - Porto tel.: 57 89 37/57 85 94

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS VW Audi
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75